

A MARCA DO ÓDIO

49ª CAPÍTULO

- novela original de Erico Cramer -

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ADVERTORA.

JERONIMO - Quer dizer, então, que a senhora está completamente sózinha em casa?

IRACEMA - Sim senhor. Por que? Está duvidando?

JERONIMO - Talvez, mas, se isto acontece, a culpa é exclusivamente sua. Depois que se apanha uma pessoa na mentira, duvida-se, até, da maior verdade que ela possa estar dizendo.

IRACEMA - Eu não sei qual a mentira em que o senhor tenha me apanhado, mas se está duvidando que eu esteja só em casa...

JERONIMO - (CORTANDO) Não posso deixar de duvidar, moça.

IRACEMA - Pois bem, para acabar com esta dúvida e com a discussão na porta da rua, o senhor tenha a bondade de entrar e revistar, livremente, a casa.

C/REGRA - ALGUNS PASSOS MOSAICO. PARAM.

JERONIMO - (2º PLANO) A senhora não vem comigo?

IRACEMA - Não. Fico aqui, na porta, esperando que o senhor volte. Pode entrar à vontade que a casa é sua.

JERONIMO - Está com medo de mim?

IRACEMA - Não. Do senhor, não, mas respeito muito os meus vizinhos.

JERONIMO - Respeita-os nas, da outra vez, estava com alguém dentro de sua casa. Como se entende isto?

IRACEMA - De noite, todos os gatos são pardos. O senhor mesmo confundiu esse alguém que aqui estava com o meu tio; lembra-se?

JERONIMO - Não fui eu, porque não conheço o seu tio.

IRACEMA - Se não foi o senhor, foi a pessoa que lhe deu a informação e de qualquer forma confirmou o ditado.

JERONIMO - Então não vem, mesmo?

IRACEMA - Já lhe disse que não. Entre o senhor e esteja inteiramente à vontade. Se quiserem abrir armários pode abrir sem constrangimento. (IRONIA) Eles são grande, dão muito bem para uma pessoa se esconder. (PAUSA) E então? Não vai?

JERONIMO - Não.

IRACEMA - Arrependeu-se?

JERONIMO - Não vale a pena. Para que irei perder meu tempo? Se a senhora me manda entrar com tanta franqueza, é porque realmente não há mais ninguém aí dentro. Assim gostaria eu que tivesse procedido da outra vez que estive

JERONIMO - (CONTINUAÇÃO) aqui. Por que não o fez? Tudo teria sido muito mais simples. Eu talvez não estivesse hoje aqui a incomodá-la.

IRACEMA - Nunca pergunte a uma mulher por que fez, ou deixou de fazer, isto ou aquilo, porque ela mesma quasi nunca sabe. Segue os impulsos do seu coração naquele momento e fim.

JERONIMO - E é assim, com evasivas, que as mulheres vão envolvendo os homens e levando-os para onde desejam, mas eu não me deixo envolver facilmente, não. A senhora sabe, como eu também sei, porque motivo não me deixou entrar naquela noite.

IRACEMA - Mas era tão fácil... Si desejava, realmente, entrar, por que não fez valer sua autoridade?

JERONIMO - Porque, apesar de tudo, gosto de ser, sempre, um cavalheiro.

IRACEMA - Então continue sendo e deixe-me entrar que ainda tenho que terminar meu almoço para ir trabalhar.

JERONIMO - Está muito bem. Deixe-a à vontade. E espero ter mais sorte na próxima vez.

IRACEMA - Eu também o desejo.

JERONIMO - Boa tarde.

IRACEMA - Boa tarde.

C/REGRA - PASSOS QUE SE ABASTAM, OS PRIMEIROS EM MADEIRA E LOGO DEPOIS EM CALÇA DA, PORTA DA RUA QUE SE FECHA.

IRACEMA - Si penses que me vencerás pela crença estás mal enganado. Eu também sei ser teimosa e persistente.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CATARINA - Você vai deixar o escritório de seu Petrónio para ir trabalhar lá em casa? Por que?

JUSSARA - Porque não gosto de trabalhar como faturista.

CATARINA - Mas você não entende que nós precisamos de você lá, para nos dar conta das coisas que aconteçam?

JUSSARA - Que coisas? Agora já não há mais necessidade. Seu Petrónio já se entendeu com a secretária dele e ela veio para o coração.

CATARINA - (CONTENTE) É verdade? Seu Petrónio não me disse nada. Desde quando?

JUSSARA - Não faz muito tempo. Parece que foi na semana passada. Eu sei que ele andou dando uns telefonemas lá para a noiva do Rodrigo, pra atenciar a garota e foi o pedido dele.

CATARINA - A semana passada, você disse? Mas então já era tempo de eu estar in-

CATARINA - (CONTINUAÇÃO) formada de tudo. Falei com seu Petrônio faz tres ou quatro dias. Isso já devia ter acontecido.

JUSSARA - Decerto não se lembrou de lhe dizer.

CATARINA - Ou então não quiz me dizer. Seu Petrônio parece que não confia muito em ninguém. Está sempre de pé atrás com todo mundo.

JUSSARA - Mas eu acho que aí é que está o segredo dele se sair bem de qualquer enrascada. Nunca conseguem pegar nada que possa comprometê-lo.

CATARINA - Não vejo milagre nenhum nisto. Tivesse eu o dinheiro que ele tem e você haveria de ver como ninguém se atreveria a levantar uma suspeita contra mim, quanto mais prender-me. Bastava abrir a bolsa, como ele abre. ~~XX~~ A meu ver, aí é que está o segredo dele. Na fôra do dinheiro, em nada mais. Só desconfiar e enfiar-se dos outros, não resolve.

JUSSARA - Pode não resolver, mas ajuda muito. Quem confia demais, acaba sempre se arrependendo. Nunca falta quem faça uma traição.

CATARINA - Ah bom, isso não falta mesmo. (PAUSA E TOM) Mas então a secretária dele aderiu à quadrilha?

JUSSARA - Tinha que aderir. Se não aderisse, ela estava sabendo que ia cair fora.

CATARINA - Se fôsse só cair fora, não seria nada, mas aguentar com a perseguição do seu Petrônio, depois, é que era a coisa. Seu Petrônio não é mole, não.

JUSSARA - Não é, não. É muito bom amigo, está ^{sempre} pronto a servir a gente em qualquer necessidade, mas também quando quer qualquer coisa da gente, não dá o direito da gente dizer não. E tem outra coisa: ele não pede. Vem logo ordenando.

CATARINA - E pobre de quem oferecer resistência e se negar a cumprir as suas ordens. Está roubado.

JUSSARA - Você vai falar com ele amanhã?

CATARINA - Não sei, depende... Estou esperando notícias de Diamantina para procurá-lo. Falar com ele sem ter novidades para contar-lhe, sei que ele não vai ficar satisfeito. Assim, vou esperar novas notícias que não devem tardar em vir.

JUSSARA - Então quando você voltar a falar com ele, vê se apura a minha ida para a casa de dona Eugênia. Não gosto do meu serviço atual, não gosto.

CATARINA - Eu posso falar, ~~mas~~ mas você já ^{figura} ~~está~~ sabendo, antecipadamente, que ele só vai fazer isso quando lhe ~~der~~ der na telha, porque se há homem que não se deixe influenciar por ninguém é seu Petrônio.

TECNICA - CONTINUA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

L. HENRIQUE - O empregado que foi apanhar a correspondência na estação já voltou da vila?

CORÁLIA - Ainda não, mas não deve demorar. O trem passou às oito horas e já são quasi dez, não demora muito ele está chegando.

L. HENRIQUE - É bem capaz que venha carta de sua madrinha, anunciando a data de sua volta à fazenda.

CORÁLIA - Para falar a verdade, não tenho creança que a madrinha volte e ela tam^{be}m não vai se apurar porque sabe que estou aqui para reparar tudo, a minha pressa maior é por uma carta de Iracema que nos traga notícias de sua situação.

L. HENRIQUE - Essa transferência de sua irmã está tardando demais. Eu já começo a temer que ela não seja concedida.

CORÁLIA - Nem fale nisso, tio Luiz Henrique. Se não pudermos sair de Diamantina que outras providências iremos tomar?

L. HENRIQUE - Não sei, mas teremos que pensar numa maneira qualquer de salvar essa criança.

CORÁLIA - Coitadoinho! Ele tem aproveitado tanto aqui na fazenda! O senhor reparou como está com nos cores? Já não parece o mesmo que apareceu lá em casa. Também, passa o dia quasi inteiro ~~na~~^{no} carrinho, ali naquel^e le avarandado, respirando este ar maravilhoso do campo.

L. HENRIQUE - O ideal seria que ele ficasse aqui, mas aí já eu não poderia estar junto de vocês. Se fiquei, agora, foi a pretexto de acompanhá-la, por que sua madrinha ia viajar, mas quando ela estiver de volta, já a minha presença não se justifica mais. Terei que tomar um rumo qualquer.

CORÁLIA - Essa também é outra das razões pela qual estou aflita por receber notícias de Iracema. Mas hoje ou amanhã deve vir por aí qualquer coisa. Nem que seja para nos dizer que não conseguia arranjar nada.

L. HENRIQUE - O que, si Deus quizer, não vai acontecer.

C/REGRA - RUIDO DE GALOPE DE CAVALO QUE VEM DE MUITO LONGE E VAI SE APROXIMANDO, AOS POUCOS, ATÉ PARAR EM SEQUIDO PLANO, SURCA CHEGANDO A PRIMEIRO.

CORÁLIA - Eu tenho a impressão de que aquela poeira lá na volta da estrada, é do cavalo de Jeremias que vem chegando de volta da Estação.

L. HENRIQUE - Deve ser. E quem sabe si ele não nos trará a boa nova?

CORÁLIA - Para vida! Eu já me sentiria muito mais aliviada. Tenho pena de coitada de Iracema lá sózinha, trabalhando e ainda tendo que preparar a própria comida e cuidar da sua roupa.

C/REGRA - GARGANHO LATINHO PARA O CAVALO QUE SE APROXIMA.

L.HENRIQUE - Jeremias é aquele velhote de cavanhaque?

CORÁLIA - ~~Exatamente~~ Exato.

L.HENRIQUE - Então é ele mesmo que vem chegando.

C/REGRA - OS PASSOS DO CAVALO CHEGAM A SEGUNDO PLANO E POUCO DEPOIS PARAM. O CACHORRO CONTINUA A LATIR POR ALGUNS MOMENTOS MAIS.

CORÁLIA - (GRIPANDO) Veio alguma carta da cidade, Jeremias?

L.HENRIQUE - Veio. Ele está mostrando de lá.

CORÁLIA - Quer me fazer o favor de ir ali apanhá-la, tio?

L.HENRIQUE - Pois não.

CORÁLIA - Eu estou aflita para saber de quem é.

C/REGRA - PASSOS EM MADEIRA E LOGO DEPOIS DESCER DOIS DEGRAUS E OS PASSOS COMEÇAM A SER OUVIDOS EM CHÃO BATIDO.

CORÁLIA - Deus permita que seja de Iracema! Deus permita! Eu nem sei se estou mais aflita por causa dela, ou por causa do menino. (PAUSA) (PROJEFANDO) É de lá, titio? Veja no verso da carta. Ela costuma botar.

L.HENRIQUE - (2º PLANO) É dela, sim.

TÉCNICA - ACORDE QUE REFLETA SATISFAÇÃO.

CORÁLIA - Óra Graças a Deus!... Deus permita, agora, que as notícias sejam boas!...

TÉCNICA - MUSICA PARA FINAL DA 1ª PARTE DO CAPÍTULO.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - MUSICA DE ABERTURA DA 2ª PARTE

CORÁLIA - (gritando) É dela, titio? Veja no verso da carta. Ela costuma botar.

L.HENRIQUE - (2º PLANO) É dela, sim.

CORÁLIA - Óra Graças a Deus!... E Deus permita, agora, que as notícias sejam boas. Eu já não aguento mais esta ansiosa expectativa. Preciso, urgente, uma solução para as minhas dúvidas.

C/REGRA - PASSOS SE APROXIMAM, PRIMEIRO EM CHÃO BATIDO, DEPOIS SOBEM DOIS OU TRES DEGRAUS E FINALMENTE SE APROXIMAM MAIS AINDA SOBRE A MADEIRA.

L.HENRIQUE - Está aqui a carta que esperávamos com tanta avidéz. Resta, agora, que ela não nos traga uma desilusão.

CORÁLIA - Devemos estar preparados para tudo.

C/REGRA - RUIDO DE RASGAR ENVELOPE E ABRIR PAPEL DOBRADO.

CORÁLIA - Vejamos. (PAUSA E TOM. LENDO) Muito querida mana.

IRACEMA - (VOZ DE SCITRO) Muito apressadamente, dirijo a você algumas linhas para dar-lhe conta do resultado das minhas andanças em busca de uma remoção para qualquer outro canto ^{do mundo} que não seja Diamantina. As dificuldades, como

IRACEMA - (CONTINUAÇÃO) já estávamos antecipadamente sabendo, não foram poucas e me obrigaram a ir até à presença do Diretor Geral, onde aleguei o meu estado de saúde «Deus me perdoe!» - para justificar o meu pedido. Ele, depois de muita indecisão e de muitas consultas a um e outro, acabou, finalmente concordando com a minha transferência...

CORÁLIA - Óra Graças a Deus!

IRACEMA - (sem parar) ... mas não para o lugar onde eu havia solicitado. Estou aguardando a resposta a uma consulta feita a Ouro Preto, onde havia um rapaz que desejava vir para cá, onde reside sua noiva. Acho que não sairemos perdendo, pelo contrário. É um ótimo centro para os estudos do garoto quando chegar a idade de ser alguém.

L. HENRIQUE - Sem dúvida!

IRACEMA - (SEM PARAR) Receba, com tio Luiz Henrique, um abraço muito saudoso e beije por mim, com viva saúde, o nosso querido garotinho.

CORÁLIA - Sua irmã e amiga Iracema.

C/REGRA - RUÍDO DE DOBRAR PAPEL E GUARDAR.

CORÁLIA - Graças meu Deus! Graças! Agora já posso respirar fundo. Ela não diz na carta mas com certeza deve vir no sábado até cá, principalmente que segunda-feira é feriado e ela não tem que trabalhar. Ai já saberemos maiores detalhes e a confirmação de que iremos mesmo para Ouro Preto.

L. HENRIQUE - E assim que estiver tudo acertado, eu dou uma fugida a Diamantina, recebo o meu dinheiro, retiro o depósito que tenho lá e volto. Quando vier a ordem de marcha... nós botamos o pé na estrada.

CORÁLIA - Obrigada, meu Deus! Muito obrigada!... Tio Luiz Henrique, por favor. Repare um pouco o menino que eu vou ao oratório da madrinha acender uma vela e rezar um pouco. Pode olhá-lo daqui mesmo, se quiser.

L. HENRIQUE - Não, não, eu vou para lá. Pode rezar descansada.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

RODRIGO - Eu talvez ainda volte a tempo de passar os últimos dez ou quinze dias, das minhas férias, gosando da sua companhia, mas agora o meu dever é procurar salvar o pobre garoto das garras dos seus raptadores.

LEILA - E eu desejo que você seja feliz na sua missão e possa resolvê-la o mais depressa possível, porque sei que vou sentir muita falta da sua convivência. Você não me deixe sem notícias, sim Rodrigo?

RODRIGO - Não se preocupe porque eu não faria isso de jeito algum. Penso poder arranjar sempre um tempinho para ~~XXXX~~ escrever minhas cartas e botá-las no correio.

LEILA - Serão elas o único lenitivo que terei pela sua ausência, lembre-se disto, por favor!

RODRIGO - Pode ficar inteiramente descansada. Seu retrato irá comigo e ficará na mesinha da minha cabeceira. Não me deixará esquecê-la.

LEILA - Eu desejo poder acompanhar, passo por passo, as suas andanças, por isso precisarei que você me mande, sempre, um verdadeiro relatório das suas atividades.

RODRIGO - Esteja descansada.

LEILA - E por favor, não se arrisque, Rodrigo. Lembre-se que seu pai é um homem temível. Consta-me dizer-lhe isto, mas uma advertência ao perigo nunca é demais.

RODRIGO - Eu não me esquecerei de uma só das suas recomendações, querida. (TOM) E agora, por favor, chame Belmira que eu quero dizer-lhe um adeus.

LEILA - Isto mesmo. Ela ia ficar sentidíssima, se você fosse embora sem despedir-se. Fez até um bolo para você comer na viagem.

C/REGRA - SININHO DE CHAMADA PARA A EMPREGADA.

RODRIGO - Pobre Belmira! É comovente a sua dedicação por mim! É daquela espécie de criaturas que dá tudo de si, sem esperar nada dos outros.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

TEREZA - A senhora que tem estado tão animada esses últimos dias, porque se mostra hoje tão tristonha?

EUGENIA - Porque não tenho mais energias para esperar com tranquilidade, Tereza.

TEREZA - Dona Eugênia, veja que a senhora está sendo paradoxal comigo.

EUGENIA - Por que?

TEREZA - Ora, por que?! O seu desânimo e a sua tristeza é porque a senhora não acreditou na minha previsão. Ou melhor, acreditou inicialmente, mas como ao fim de uma semana ela não se realizou, deixou fugir os últimos resquícios de fé na minha promessa e já não crê que o meu sonho se realize. No entanto, há quanto tempo Catarina vem embalando a senhora numa esperança mentirosa, sem que nada se tenha efetivado, até hoje, e a senhora continua acreditando nela?

EUGENIA - Não, Tereza, não é bem assim como dizes. Hoje, no estado de espírito em que me encontro, só uma coisa me poderia dar ânimo e alegria: a volta imediata de meu filho. Mas você precisa compreender uma coisa, Tereza: a esperança da gente vai até um certo ponto. Depois... sem que a gente queira, ela vai brandamente se apagando... se apagando... até que se

EUGENIA - (CONTINUAÇÃO) extingue totalmente, ou uma nova luz venha fortalecê-la.

TÉCNICA - CAMPAINHA DE TELEFONE CHAMANDO DUAS OU TRES VEZES.

C/REGRA - DOIS OU TRES PASSOS DE TEREZA, TIRAR FONE DO GANCHO.

TEREZA - Pronta.

ARABELA - (FILTRO) Quem fala aí? É Eugênia?

TEREZA - Não senhora, é Tereza. Quem é que quer falar com ela?

ARABELA - (FILTRO) É Arabela, Tereza.

TEREZA - Ah, sim senhora. Um momentinho que eu vou chamá-la. (TOM) É a dona Arabela que quer falar com a senhora, dona Eugênia.

EUGENIA - Pronta, dona Arabela, como vai a senhora?

ARABELA - (FILTRO) Aqui como velha. Uns dias bem, outros atacada de reumatismo, mas se Deus quer assim a gente não tem o direito de pretender diferente. Você como tem passado?

EUGENIA - Óra, dona Arabela, a senhora sabe como é... Uns dias eu passo animada... cheia de esperanças... mas outros, como hoje, não sinto ânimo para nada.

ARABELA - (FILTRO) Pois bem, então eu vou lhe dar uma notícia, que talvez encha o seu coração de novas esperanças.

EUGENIA - (LIGEIRA E EMOCIONADA) Diga... qual é?...

ARABELA - (FILTRO) Rodrigo embarcou hoje para ver se localiza Luizinho.

TÉCNICA - ACORDE DE ALEGRIA E SURIREZA.

ARABELA - (DEPOIS DE PAUSA) ~~SURIREZA~~ (FILTRO) Ouviu o que eu lhe disse, Eugênia? (MEIO ASSUSTADA) Eugênia, fale... que lá com você?... Ouviu o que eu lhe disse?

EUGENIA - (ABAFAADA, QUASI SEM VOZ) Sim... ouvi... ouvi, dona Arabela... É a emoção... a emoção é que não me deixa falar...

ARABELA - (ASSUSTADA - FILTRO) Veja lá, hein? Não vá ter aí alguma coisa e estragar toda a minha intenção que foi a de lhe dar um pouco de esperança.

EUGENIA - E deu... muita... muita... por isso mesmo... estou assim...

ARABELA - (FILTRO) Bem, desligue o telefone, vá tomar um copo d'agua, ou umas goti_nhas de um calmante qualquer e depois, quando estiver mais calma, telefone para que eu possa explicar melhor e com mais detalhes a viagem de Rodrigo.

EUGENIA - Sim senhora... Obrigada... muito obrigada...

C/REGRA - RUIDO DE DESLIGAR TELEFONE.

EUGENIA - Tereza... por favor... dá-me um pouco de calmante...

TEREZA - Já está aqui. Quando a senhora começou a botar a mão no coração e apertá-lo eu não perdi tempo. Beba. (PAUSA GRANDE) E agora sente-se aí e descanse.

EUGENIA - Não posso, Tereza... não posso... eu tenho que lhe contar...

TEREZA - Mas a senhora nem pode quasi falar...

EUGENIA - Não, não... agora já estou mais calma. Tereza, segure-se, para não cair.

TEREZA - A senhora não vai me dizer que Luizinho apareceu.

EUGENIA - Ainda não, Tereza, ainda não. Mas agora... agora eu tenho certeza absoluta de que o seu sonho... vai se tornar realidade.

TEREZA - (CONTEENTE) É mesmo, dona Eugênia? O que foi que dona Arabela disse a senhora que pode lhe trazer essa certeza tão grande?

EUGENIA - Rodrigo saiu, para procurar Luizinho!

TÉCNICA - AGORDE DE ALEGRIA. A MÚSICA FICA VIBRANDO EM FUNDO.

TEREZA - Viu como Deus é bom? E eu não lhe dizia que os meus sonhos davam sempre certos?

EUGENIA - É bem como eu estava dizendo a você, ha pouco. A esperança da gente vai até um certo ponto. Depois, sem que a gente queira, vai brandamente se apagando... se apagando... até que se extingue totalmente, ou uma nova luz venha fortalecê-la.

TEREZA - E Deus mandou essa nova luz, por intermédio de dona Arabela.

EUGENIA - (UNÇÃO RELIGIOSA) Bendito seja Deus!...

TÉCNICA - EXPLOÇÃO MUSICAL, FUNDE COM CARACTERISTICA PARA ENCERRAMENTO DO CAPITULO.

A MARCA DO ODIO

- Novela original de Erico Cremer -

509 CAPITULO

TECNICA - CARACTERISTICA MUSICAL DE ABERTURA.

EUGENIA - Rodrigo saiu, para procurar Luizinho.

TECNICA - ACONDE DE ALEGRIA. A MUSICA FICA VIBRANDO EM FUNDO

TEREZA - Via como Deus é bom? Eu não lhe dizia que os meus sonhos levam sempre certos?

EUGENIA - É bom como eu estava dizendo a você, ha pouco. A esperança de gente vai até um certo ponto. Depois, sem que a gente queira, vai brandamente se apagando... se apagando... até que se extingue totalmente, ou uma nova luz venha fortalecê-la.

TEREZA - E Deus mandou essa nova luz, por intermédio de dona Arabella.

EUGENIA - (URGO RELIGIOSA) - Bendito seja Deus!...

TEREZA - Bendito seja, sim. E permita Ele, ainda, que muito antes dessa nova luz tornar a enfraquecer, o senhora possa estar, novamente, embalando nos seus braços o seu filho tão querido, que a maldade do mundo afastou do seu carinho, e do seu acolhego.

EUGENIA - Nesse dia pagarei com prezer a promessa que fiz de permanecer vinte quatro horas de joelhos, orando, ininterruptamente, pelas mãos de todo o mundo que se encontrem em agonia.

TEREZA - Credo, dona Eugênia, que promessa que a senhora fez! Ficar vinte quatro horas de joelhos, rezando sem parar?

EUGENIA - Sem parar. E não prometi quarenta e oito horas, porque tenho a impressão de que não aguentaria.

TEREZA - Eu não sei se a senhora vai aguentar vinte quatro.

EUGENIA - Tenho que aguentar. Promessa não é brincadeira. Principalmente quando se faz pelo motivo que eu fiz.

TEREZA - E a senhora vai poder botar uma almofada nos joelhos, ou vai ter que ajoelhar no chão duro?

EUGENIA - Não entrei em detalhes quanto a esta parte, mas enquanto puder ficarei no soalho duro.

TEREZA - É... eu sou de opinião que toda promessa deve ser paga com sacrificio, mas assim também não. Assim a senhora arrisca até a sua vida.

EUGENIA - Não faz mal. Tendo o meu filho de volta, tudo que eu fizer para agradecer a Deus, ainda acharei que foi pouco.

TECNICA - CORTEJA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS. FUNDE COM RUIDOS DISCRETOS DE NOITE EM CIDADE PEQUENA.

VOZ - Fazia tempo que eu não lhe via. Onde é que o senhor andava?

JERONIMO - Tive que ir até ao Rio, a serviço e só agora é que me foi possível regressar. Alguma novidade, por aqui?

VOZ - Uma só, mas muito importante. A moça que o senhor andava se interessando por ela, a dona Iracema, dizem que vai se mudar de Diamantina.

TÉCNICA - RAJADA MUSICAL, DE SURREZA

JERONIMO - É mesmo? Você tem certeza absoluta?

VOZ - Bom, quer dizer... foi o que me disseram, mas pra ter certeza absoluta, só si ela mesma é que tivesse dito. E pra falar a verdade, eu nem falei com ela. Foi com um cara aí, que disse que é servente da repartição dela.

JERONIMO - E para onde que ela vai? Ele não disse?

VOZ - Disse, não. Mas eu também não me lembrei de perguntar.

JERONIMO - E você fala sempre com esse camarada?

VOZ - Sempre, sempre, não. Só quando ele vai lá no bar.

JERONIMO - Então, eu vou lhe pedir um favor especialíssimo e sou capaz até de lhe dar um bom presente. Quando esse camarada aparecer por lá, você vai dizer-lhe que eu preciso muito conversar com ele. Pode mesmo dizer que eu preciso de algumas informações lá da repartição dele e que estou resolvido a pagar bem essas informações. Entendido?

VOZ - Entendido, sim. Ele aparecendo, no mesmo dia eu levo ele para falar com o senhor. O senhor ainda está no mesmo hotel?

JERONIMO - No mesmo hotel e no mesmo quarto. Eu não desaluguei. Deixei correndo p minha conta.

VOZ - Puxa, vida! Gastando dinheiro sem aproveitar.

JERONIMO - É que eu pensava ir e voltar logo e não foi possível. Começaram a surgir uma porção de coisas, umas atrás das outras, e quando eu vi, tinham passado quasi quinze dias. Aí tratei logo de vir. Cheguei ontem de noite.

VOZ - Por que o senhor não vai lá fazer uma visita pra ela?

JERONIMO - É uma boa ideia. Sou capaz de ir.

VOZ - É claro. Assim pode ser que o senhor descubra pra onde ela vai e já não precisa dar presente para duas pessoas. Dá só pra mim que lhe avisei.

JERONIMO - É isto mesmo. Agora já é tarde, não dá pra ir lá, mas amanhã, quasi na hora dela sair para o serviço eu vou até lá.

VOZ - E porque o senhor não vai na hora que ela volta do serviço? Aí o senhor tem muito mais tempo pra conversar.

JERONIMO - Mas é que eu não quero perder mais tempo do que ~~eu~~ já perdi. Muitas

JERONIMO - (CONTINUAÇÃO) vezes, uns poucos minutos, perdidos por displicência, podem alterar completamente um plano e até modificar um destino. A gente ~~já~~ está vendo isso todos os dias. Acho que vou mesmo é de manhã.

VOZ - E se for verdade, o que é que o senhor vai me dar?

JERONIMO - Depois eu vejo aí uma coisa que você esteja precisando, que é para não lhe dar uma coisa inútil.

VOZ - O senhor quer saber uma coisa que eu estou precisando muito?

JERONIMO - Diga.

VOZ - Um terno, rapaz. Eu estou sem terno. Botei o número um no batente porque já não dava mais.

JERONIMO - Nós vemos isso depois.

VOZ - Eu vou ter uma festa de aniverssário bacana no mês que vem e não quero ir como qualquer muquirana. Inda mais, que a gostosa vai, sabe como é...

~~JERONIMO~~ a gente quer ir legal.

JERONIMO - Bem, eu já disse a você que depois nós vemos isto.

VOZ - Quando é que a gente vai se falar outra vez? Amanhã de noite?

JERONIMO - Pode ser. Si não me aparecer nenhum trabalho para fazer à noite.

VOZ - Aparece lá no bar. O senhor vai assim quasi na hora de fechar que depois a gente sai junto e pode conversar.

JERONIMO - Está bem.

VOZ - Bem, então eu vou pegar uma horizontal que o corpo está machucado do serviço que não é graça. Tchau.

JERONIMO - Boa noite.

G/REGRA - PASSOS QUE SE APASTAM, NO CIMENTO, E SE PERDEM.

JERONIMO - (SÓSIHO) Então a espertalhona vai se mudar de Diamantina. Com certeza pensam que poderão escapar à minha perseguição. Não me conhecem. Eu hei de botar a mão nesse garoto, de qualquer maneira e depois de negociar diretamente com o pai dele o seu desaparecimento, boto o pé no mundo que nunca mais ninguém me encontrará. Catarina pensa que eu não sei que é exatamente isto que ela pretende fazer comigo. Agarrar o dinheiro e deixar-me a ver navios. ~~JERONIMO~~ Mas esperto por esperto, eu penso que sou mais. Agora é que ela vai ficar sabendo quem é o Jerônimo, porque, até agora, ela fez comigo o que quis, mas de agora em diante não vai fazer mais. Ela queria que eu matasse a velha Tereza, para ter-me, depois, seguro, com a ameaça de denúncia, mas eu, felizmente, compreendi isto ainda a tempo e poupei a velha. Ela não ia me atrapalhar em nada,

JERONIMO - (CONTINUAÇÃO) não havia necessidade de cometer um crime. E quanto ao suicídio de Elisa, eu tenho cá as minhas dúvidas. Por sua não quero esclarecê-las, para que não atrapalhem os meus planos. Mas ela não perde por esperar. Meu lens é olho por olho, dente por dente.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

BELMIRA - Aquela telegrama que chegou, é do seu Rodrigo, dona Leila?

LEILA - É Belmira. Avissame da sua chegada a Diamantina.

BELMIRA - E não diz como é que ele vai de saúde?

LEILA - Diz assim: tudo bem, viagem boa. Seguiu carta. Saudades, abraços. Rodrigo. Se diz tudo bem é porque está bem de saúde.

BELMIRA - Será que ele vai demorar muito por lá? Uns dez, quinze dias?

LEILA - Não se sabe. Ele pensa voltar antes que tenham passado quinze dias de suas férias, para gozar o restante em minha companhia, mas o assunto tanto pode se resolver logo, como demorar mais do que ele pensa.

BELMIRA - Deus permita que ele volte logo. Parece mentira, mas a senhora sabe de uma coisa? Quando chega a hora de fazer o cafésinho para ele, eu me lembro e sinto falta.

LEILA - Agora você imagine eu. É um caso sério a gente querer bem. Não devia ser assim, tá não achas, Belmira?

BELMIRA - Não acho. Acho que tinha que ser assim. Se não fôsse assim, não teria graça. Quem ama tem que sofrer.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

IRACEMA - (SÓSINHA) Bem... amanhã resta pouco a fazer: entregar estes móveis que foram vendidos... chamar o vidraceiro para botar dois vidros que faltam na casa... levar a chave no hotel ao colega que vai me substituir... e arrumar minha mala. De noite embarco e adeus, Diamantina. Todas as minhas amigas acreditaram na desculpa que dei de que Corália está num Sanatório e que eu me transfiro para poder estar mais perto dela. Deus permita que nunca descubram o verdadeiro motivo.

C/REGRA - CAMPAINHA DE PORTA OU BATIDAS NA PORTA.

IRACEMA - Uê! Quem será? Não estou esperando ninguém agora. Só se é o carroceiro que eu marquei para amanhã e se enganou veio hoje.

C/REGRA - REPETE A CAMPAINHA E OU AS BATIDAS. - PASSOS DE IRACEMA, SEMPRE EM 1º PLANO, POR ALGUNS MOMENTOS: (ATRAVESSA UM CORREDOR) RUÍDO DE ABRIR PORTA, DEPOIS DE DAR VOLTA NA CHAVE.

JERONIMO - Bom dia.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE SUSTO.

IRACEMA - (ABAFAADA) Bom dia.

JERONIMO - Desculpe se venho incomodá-la, mas precisava conversar com a senhorita.

IRACEMA - Pois não.

JERONIMO - Mas não desejava falar aqui na porta. Não quer convidar-me a entrar?

IRACEMA - Não posso. Estou de faxina, com a casa toda desarrumada e nem tenho cadeiras para dizer que o senhor se sente, porque mandei estofá-las de novo, enquanto minha irmã está ausente.

JERONIMO - Sua irmã está ausente? Desde quando? Não sabia...

IRACEMA - Milagre! O senhor sempre tem quem lhe conte tudo a nosso respeito... Não lhe contaram que ela está doente, num sanatório?

JERONIMO - Não, não sabia. Ninguém me falou sobre isto.

IRACEMA - Estas coisas são desagradáveis e a gente procura, sempre, não falar, mas a verdade é que não falta, na cidade, quem já esteja sabendo.

JERONIMO - Ela está na cidade... ou está ausente?

IRACEMA - Está ausente.

JERONIMO - Talvez... em Ouro Preto, não?

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL, FUNDE COM MÚSICA PARA FINAL DA 1ª PARTE.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - MÚSICA DE ABERTURA PARA A SEGUNDA PARTE.

JERONIMO - Ela... está na cidade... ou está ausente?

IRACEMA - Está ausente.

JERONIMO - Talvez... em Ouro Preto, não?

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

IRACEMA - (SECA) Não senhor. Está muito enganado. Ela não está em Ouro Preto. Si quer saber, eu vou para lá, transferida, para poder ficar mais perto de la, mas se o senhor quiser ir a Ouro Preto, há de se convencer que eu não estou lhe mentindo.

JERONIMO - Eu irei. Pode estar certa que eu irei. A senhorita chegará num dia e talvez no outro já eu esteja lá.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

IRACEMA - Mas por que essa perseguição toda? Pode me dizer? Até parece que sou alguma criminosa.

JERONIMO - A senhorita sabe que procuro uma criança que foi raptada de sua mãe e que as informações que obtive, aqui, ~~luz~~ são de que essa criança está em poder de sua irmã.

IRACEMA - Por causa, justamente, dessa acusação injusta e absurda é que minha irmã adoeceu.

JERONIMO - Lamento muito, mas nós, da polícia, somos obrigados a investigar qualquer denúncia que nos fazem. Vai embarcar amanhã?

IRACEMA - (QUEIMADSSIMA) Sim. No trem da noite. Se quiser ir junto, já não precisa ter o trabalho de andar indagando.

JERONIMO - Seria uma companhia muito agradável para mim, a sua, mas infelizmente amanhã ainda serei obrigado a permanecer aqui para ultimar umas investigações que estou fazendo. Mas eu a procurarei lá, talvez dentro de dois ou três dias, no máximo.

IRACEMA - Como quiser.

JERONIMO - Até ao nosso próximo encontro, então.

IRACEMA - Passe bem.

C/REGRA - FECHAR PORTA UM POUCO FORTE. RUIDO DE CHAVE NA FECHADURA.

IRACEMA - Puxa vida! Esse homem não dá uma folga! Já tenho que alterar todo o meu programa. (PENSANDO) Acho que irei diretamente a Ouro Preto e aviso Corália para continuar na fazenda, até que eu lhe dê o aviso de embarcar.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL DRAMÁTICA, PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

RODRIGO - A senhora é que é a Superiora do Asilo?

I. CARIDADE - Sim senhor. As suas ordens.

RODRIGO - Eu procuro uma criança que talvez esteja recolhida a esta casa. Chama-se Luizinho e não completou, ainda, dois anos. Deve ter sido trazida por um senhor baixote, de meia idade, já bastante calvo...

I. CARIDADE - Sim, eu sei. Já estiveram aqui procurando esse menino, mas ele não ficou aqui no Asilo. Nós não recebemos crianças de menos de quatro anos, porque não estamos preparadas para cuidá-las. Elas já precisam saber andar, quando entram aqui. Precisam saber correr. Brincar sósinhas, que é, justamente, para que tenhamos tempo de fazer as outras coisas que são precisas. Sono apenas oito irmãs, para cuidar de quatrocentas crianças, o senhor vê que o serviço tem que ser muito.

RODRIGO - Sem dúvida. Mas a senhora sabe o que é que eu extranho? É que até hoje a pessoa interessada em manter o menino afastado, faz passes pelo banco, em nome do tal senhor de meia idade, para que a importância seja entregue, por ele, ao Asilo Santa Elisabeth. Não é assim que se denomina esta casa?

I. CARIDADE - Exatamente. É extranho, sem dúvida. O senhor tem certeza de que esse dinheiro é mandado para entregar ao Asilo?

RODRIGO - Certeza absoluta. Digo-lhe mais: estive com um dos recibos do banco na minha mão. O último, casualmente.

I. CARIDADE - Pois foi muito bom que o senhor me fizesse isso, porque eu vou procurar investigar o que aconteceu. Não é possível que o nome do Asilo permaneça na transação de um dinheiro que o Asilo não recebe.

RODRIGO - É claro. E eu, por minha vez, vou investigar onde poderá encontrar o velhote, porque preciso falar-lhe com a maior urgência. Obrigado, Irmã.

I. CARIDADE - Eu que agradeço ao senhor a informação que me prestou.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CORÁLIA - O senhor vai sempre esta noite a Diamantina, tio Luiz Henrique? É bem capaz de se desencontrar de Iracema. Ela deve embarcar também hoje ou amanhã.

L. HENRIQUE - Si ela não estiver mais lá, irei para um Hotel pequeno, onde almoçarei, depois irei ao Banco receber o dinheiro e no trem da tarde já venho embora.

CORÁLIA - O senhor ter que ficar em Hotel é que me preocupa.

L. HENRIQUE - Não há razão. Eu peço, inclusive, a refeição no quarto. E daí pode ser que ainda chegue a tempo de pegar Iracema lá. Ela mandou dizer que vendeu o quarto ao rapaz que vai ocupar a casa, eu durmo e no dia seguinte me toco de volta. Mas você não precisa se preocupar, não, porque vai tudo correr bem, se Deus quiser.

CORÁLIA - Tomara. Chega de complicações, de sustos e de aborrecimentos.

L. HENRIQUE - Chega mesmo. Minha filha, eu vou lhe dizer uma grande verdade: o crime não compensa.

CORÁLIA - (ADMIRADA) Uê, titio! Por que o senhor fala assim? O senhor cometen algum crime?

L. HENRIQUE - Deus me livre! Crime nunca cometi. Fiz algumas coisas erradas e essas coisas bastaram para me convencer que o modo que eles deixam em nós, pelo resto dos nossos dias, não pagam a ambição de se querer mais do que aquilo que Deus limitou para o nível de nossas vidas.

CORÁLIA - Isso deve ser uma grande verdade. Mas voltando ao assunto anterior... por que será, titio, que Iracema resolveu embarcar diretamente para Our Preto e me pede encarecidamente de esperar a sua irmã para ir encontrá-la com ela?

L. HENRIQUE - Não sei, mas algum motivo ela deve ter. Si chegar a encontrá-la já vou saber tudo e depois de amanhã à noite já lhe trarei as notícias com detalhes.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CLAUDIA - O senhor parece muito contrariado, seu Petrópio. Alguma queixa contra mim?

PETRONIO - Não, contra você, não, mas estou, realmente, indignado com um velhote cretino e indecente que pensou poder me ludibriar indefinidamente.

CLAUDIA - Como assim? Não entendi nada do que o senhor quis dizer.

PETRONIO - Recebi carta do Banco do Estado, em Diamantina, avisando-me de uma reclamação que a Irmã Superiora do Asilo Santa Elisabeth havia formulado, lá na sucursal, sobre a remessa de um dinheiro onde figurava o nome do Asilo que nada recebia da pessoa que havia ficado como intermediária da referida remessa.

CLAUDIA - Interessante... eu não vi essa carta no meio da correspondência.

PETRONIO - É que ela ~~me~~ foi enviada para o meu endereço particular, que é o que figura nos passes que faço, periodicamente.

CLAUDIA - Ah, sim. E agora? O que é que o senhor pretende fazer?

PETRONIO - Primeiro, procurar ~~xxxxxxx~~^{saber} daquele cretino o que ele fez do objeto que lhe confiei e depois então, vingar-me dele sem dó nem piedade.

CLAUDIA - E o senhor não quer que eu vá até lá para esclarecer este assunto?

PETRONIO - Não, não... você ainda tem pouca experiência e para lidar com aquela raposa velha já é preciso um pouco de tarimba. Eu estava pensando de ir pessoalmente até lá.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE

CLAUDIA - (SUSSURRO) Meu Deus! Poderá encontrar-se com Rodrigo! (ALTO) Por que vai expor-se a uma viagem tão cansativa? Não terá uma outra pessoa de confiança, a quem possa mandar no seu lugar?

PETRONIO - Sim, sim, lembrei-me agora. Catarina talvez possa ir. Procure falar com ela pelo telefone e peça-lhe para vir aqui ainda hoje, sem falta.

CLAUDIA - Vou deixar para telefonar depois do almoço que é a hora em que as outras duas se estelam e então se torna mais fácil. Nessa hora é até possível que Catarina mesma atenda ao telefone. Deseja mais alguma coisa de mim, ou posso continuar o serviço das faturas?

PETRONIO - Por que você está no serviço das faturas? Jussara não veio?

CLAUDIA - Não veio, não senhor. Aliás ela já me avisou que vai deixar o serviço definitivamente.

PETRONIO - Pois sim, mas enquanto não deixa deveria levá-lo a sério. Amanhã, se ela aparecer, diga-lhe que venha aqui dentro falar comigo.

CLAUDIA - Sim senhor. Com licença.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM. PORTA QUE SE ABRE E SE FECHA EM 2º PLANO.

PRERONIC - Velhote cretino! Quero só ver que informação ele vai me dar do garoto. Mas não pense êle que me enganará outra vez tão fácilmente. A sua covardia, tantas vezes demonstrada, é que me fez crer, piamente, que êle não teria coragem de nem sequer tentar enganar-me. Bem me haviam dito que êsse velhote era uma raposa, mas não pensei que fosse tanto. Mas quem vai me vingar é Catarina. Ela deve ter uma sede dele que nem é bom falar.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS. -RUIDO DE RUA DISCRETA.

RODRIGO - (SÓSIMO) Número cincoenta e seis... é aqui.

C/REGRA - BATIDAS NA PORTA, OU NA CAMPALHA.

RODRIGO - Enquanto espero, convem recapitular... O nome da moça é Iracema. A irmã Corália e são sobrinhas do seu Luiz Henrique, aquele velho ex amigo de minha avô com quem eu nunca simpatisei muito. Não sei si é porque eu via que êle explorava um pouco a vóvó... Uê, mas parece que não tem ninguém em casa...

C/REGRA - REPETE AS BATIDAS NA PORTA OU CAMPALHA, DESTA VEZ COM MAIS INSISTENCIA.

RODRIGO - Talvez naquele armazem ali em frente pudessem me dar qualquer informação. Vou tentar mais um pouco e depois vou lá saber.

C/REGRA - SACODE TRINCO DE PORTA COMO QUEM ESTÁ BATEENDO.

RODRIGO - Pode ser que assim... (CORTA. TRANSIÇÃO) Uê! A porta não está fechada a chave... então deve haver alguém em casa, necessariamente. (gritando) Dona Iracema!... (PAUSA) Ô de casa!... (PAUSA) Que coisa estranha... Será que esqueceram de fechar a porta com a chave? Vou espiar ali na sala de jantar.

C/REGRA - ALGUNS PASSOS NO CORREDOR. DE REPENTE ESTACA.

RODRIGO - Meu Deus!...

TÉCNICA - ACORDE TRAGICO, COMO UMA VERGASTADA, SÚBITA.

RODRIGO - Que horror!... Que horror!... E agora? Que faço?!...

TÉCNICA - EXPLOSAO MUSICAL, FUNDE COM CARACTERISTICA DE ENCERRAMENTO.

512 CAPITULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

RODRIGO - Ué! Parece que não tem ninguém em casa...

C/REGRA - CAMPAINHA OU BATIDAS NA PORTA, COM CERTA INSISTÊNCIA.

RODRIGO & (DEPOIS DE PAUSA) Talvez naquele armazem ali em frente, pudessem me dar qualquer informação. Vou tentar mais um pouco e depois vou lá saber.

C/REGRA - SACODE TRINGO DE PORTA NUM MOVIMENTO DE QUEM ESTÁ BATEANDO.

RODRIGO - Pode ser que assim... (CORTA BRUSCAMENTE. TRANSIÇÃO) Ué! A porta não está fechada a chave... então deve haver alguém em casa, necessariamente. (GRITANDO) Dona Iracema!... (PAUSA) Ô de casa!... (PAUSA) Que coisa estranha... Será que esqueceram de fechar a porta com a chave? Vou espiar ali na sala de jantar.

C/REGRA - ALGUNS PASSOS NO CORREDOR. DE REPENTE, ESTACA.

RODRIGO - Meu Deus!...

TÉCNICA - ACORDE TRÁGICO, COMO UMA VERGASTADA SÚBITA.

RODRIGO - Que horror!... Que horror!... E agora? Que faço?!... Chamo um médico? Chamo a polícia? Alguma coisa eu tenho que fazer, mas não sei... estou desnorteado... tonto... Talvez o melhor de tudo fosse fugir... não me deixar envolver... mas si ele ainda estiver vivo? Se um médico ainda puder salvá-lo? Não posso abandoná-lo numa situação como esta. Não seria humano. Ainda que depois seja obrigado a provar minha inocência, o meu dever é procurar salvá-lo.

C/REGRA - MAIS ALGUNS PASSOS. CESSAM.

RODRIGO - (CHAMANDO-O) Seu Luiz Henrique... seu Luiz Henrique... o senhor ainda está me ouvindo? (PAUSA) Faça um esforço e responda. O senhor ainda me escuta?

L.HENRIQUE - (QUASI MORTO) Quem... é?...

RODRIGO - Eu sou Rodrigo, o neto de dona Arabela, lembra-se?

L.HENRIQUE - Não vejo... nada...

RODRIGO - Eu agora vou chamar um médico e o senhor vai melhorar logo.

L.HENRIQUE - Espere... é muito tarde... nada... poderé... salvar-me...

RODRIGO - Quem sabe? Os médicos hoje possuem tantos recursos... Deixe-me chamar um depressa. Pode ser...

L.HENRIQUE - Não quero... sei... que é inútil... e prefiro... que me escute... Quando vim... para cá... o coração... me dizia... que eu não... voltaria... e escrevi... uma carta... para minha... sobrinha... Tire-a... do bolso... do

L.HENRIQUE - (CONTINUAÇÃO) meu casaco... não mostre... a ninguém... e entregue-a...
pessoalmente... a ela...

RODRIGO - Pode estar descansado que farei todo o empenho em atender ao seu pedido.
Quer mais alguma coisa?

L.HENRIQUE - Quero... descansar... deste... sofrimento... horrível... Tenho... o
ventre... todo rasgado... e uma dor... alucinante...

RODRIGO - Eu vou chamar um médico. Mesmo que ele não consiga salvá-lo, poderá dar-
lhe uma injeção que lhe tire as dores.

L.HENRIQUE - Antes... dê-me... um pouco... de água... para abrandar... este fogo...
que sinto... na minha garganta...

RODRIGO - Um momento.

C/REGRA - RUIDO DE DOIS OU TRES PASSOS. AGUA NUM COPO.

RODRIGO - Aqui está, Beba. Eu levanto um pouquinho a sua cabeça, para o senhor não
se engasgar.

L.HENRIQUE - (ENGOLE UM POUCO. ENGASGA-SE. TOSSE FRACO E DESANIMA) Não posso... não
posso mais... engolir... Não, posso...

RODRIGO - Eu vou buscar um médico agora mesmo.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM CORRENDO. RUIDO DE ABRIR E FECHAR PORTA EM 3ª PLAI-
NO.

L.HENRIQUE - Meu Deus... perdão... perdão... para os meus... pecados... perdão...
(VAI PERDENDO A FORÇA) perdão... perdão... (SUSPIRA FULDO, MORRENDO)

TÉCNICA - EXPLOSAO MUSICAL QUE REFLITA A TRAGÉDIA. FUNDE COM CORTINA PARA SEPARA-
ÇÃO DAS CENAS.

2º DELEGADO - E o senhor não sabia que antes de chamar o médico deveria ter avise-
do a polícia?

RODRIGO - Bem... o senhor compreende... era a primeira vez que eu me encontrava
numa situação daquelas... Fiquei desorientado... tonto... Achei que um
médico, se o atendesse em seguida, talvez ainda pudesse salvá-lo, enten-
de? Foi simplesmente essa a razão pela qual preferi procurar primeiro
o médico.

2º DELEGADO - Mas com isso complicou muito a sua situação e mais, ainda, o fato
de terem sido encontradas, na jarra e no copo, as suas impressões digi-
tais.

RODRIGO - Mas eu já disse ao senhor que o homem, na agonia, pediu um pouco de água.
O senhor acha que eu poderia deixar de atendê-lo? Seria desumano.

2º DELEGADO - Antes de tudo, o senhor deveria ter tido o cuidado de não fazer na-
da que o comprometesse.

RODRIGO - Si eu fosse um homem habituado a essas coisas, talvez não tivesse esquecido essa providência, mas justamente por nunca me ter envolvido em complicações dessa natureza foi que nem pensei noutra coisa sinão ajudar e procurar salvar o pobre homem.

2º DELEGADO - O senhor o conhecia.

RODRIGO - Muito. Frequentou a casa de minha Avó durante muitos anos. Depois, mudou-se do Rio para cá e nunca mais nos vimos.

2º DELEGADO - O senhor disse que êle estava completamente só em casa?

RODRIGO - Disse, sim senhor. E até a hora que eu saí, para buscar o médico, não havia ninguém lá.

2º DELEGADO - Mas se não havia ninguém em casa, como foi que o senhor entrou?

RODRIGO - Bati duas vezes, ninguém atendeu. Resolvi bater com o próprio trinco da porta porque entendi que o ruído metálico seria melhor ouvido de longe e, ao fazer isto, percebi que a porta estava sem chave. Gritei por dona Iracema. Nenhuma resposta. Fiquei um tanto desconfiado e resolvi dar uma espiada na sala de jantar. Gelei de pavor. Seu Luiz Henrique lá estava estendido, com o ventre todo rasgado por faca ou punhal - não sei bem - e ainda com vida. Foi então que...

2º DELEGADO - (CORTA) Já sabemos o que o senhor fez a seguir, não é necessário contar outra vez. O homem ainda falou com o senhor?

RODRIGO - Falou. Penso que já disse isto também.

2º DELEGADO - Disse, mas eu queria confirmar. Por que, no momento em que viu que êle ainda falava, não tratou logo de perguntar quem o havia ferido?

RODRIGO - Porque confesso que não me lembrei.

2º DELEGADO - E sabe que esse esquecimento lamentável também complica muitíssimo a sua situação?

RODRIGO - Agora estou vendo, mas naquele momento, isso nem me passou pela cabeça. Não me ocorreu outra ideia, sinão procurar socorrer o infeliz, que sofria dores horríveis, com as víceras à mostra. Afianço-lhe que a única coisa que não me passou pela cabeça, foi me afastar para isentar-me do crime. Se naquele momento eu me afastasse e o deixasse abandonado à própria sorte, ninguém poderia suspeitar, sequer, que eu estivesse estado ali. Não lhe parece? Pense também nisto, senhor delegado.

2º DELEGADO - Os criminosos, para defender-se, fêgem das maneiras mais diversas. A gente nunca pode saber, ao certo, até onde chega a verdade do que eles contam. Por isso somos obrigados a agir com a máxima cautela, desconfiando de tudo e de todos.

RODRIGO - Senhor delegado, por favor, diga-me: estivesse o senhor no meu lugar e o que faria naquele momento crítico?

2º DELEGADO - Sairia como entrei, na mesma hora, para não estar, agora, na situação que o senhor está.

RODRIGO - Mas eu conhecia o homem. Era um amigo de minha família; eu teria o direito de abandoná-lo, sem esboçar um gesto para procurar salvar sua vida? Só um homem sem coração e sem sentimentos poderia agir dessa forma.

2º DELEGADO - Uma falta imperdoável da sua parte, uma vez que diz que o homem falou, foi não ter lhe perguntado quem o agrediu. Isto teria sido uma grande ajuda para o senhor e teria facilitado em muito a nossa tarefa.

RODRIGO - Concordo com o senhor que foi uma grande falta de minha parte, mas que ~~me~~ fazer, se a ideia não me ocorreu?

2º DELEGADO - Pois é, meu amigo, o resultado desse seu esquecimento vai ser muito desagradável, mas eu não poderei agir de outro modo. Até ao momento em que as coisas se esclareçam definitivamente, serei obrigado a conservá-lo detido.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE SUSTO.

RODRIGO - Mas eu não tenho porque ficar preso. A única coisa que fiz foi chamar o médico para atender a um homem que tinha sido esfaqueado. Nada mais.

2º DELEGADO - Pode ser. Não digo que não. Mas até que se confirmem as suas afirmativas, o senhor será obrigado a permanecer aqui.

RODRIGO - Mas isso é um absurdo. Isso sim que é um crime. A polícia apunhala, injustamente e sem causa, a minha liberdade de cidadão. E um cidadão honesto, trabalhador e honrado, como sempre fui.

2º DELEGADO - Meu amigo, mande vir um advogado para defendê-lo, se quiser, mas eu não o soltarei daqui, a não ser com ordem expressa do juiz.

RODRIGO - Isso é uma monstruosidade que se pratica em nome da justiça.

2º DELEGADO - Não senhor. Isto é o meu dever e dele não me afastarei por preço algum.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

PETRONIO - A senhorita leu os jornais de hoje?

CLAUDIA - (ESTORÇO) Sim.

PETRONIO - Viu aquele crime lá em Diamantina?

CLAUDIA - Sim.

PETRONIO - Não percebeu a intenção do criminoso?

CLAUDIA - Não.

PETRONIO - Tirar o menino, que agora está provado que é dele, das mãos de Luiz Hen

PETRONIO - (CONTINUAÇÃO) rique, para certamente devolvê-lo à mãe. Que prova isto? Que eles ainda mantêm relações ocultas. Mas desta vez ele se saiu mal, porque foi preso com a boca na botija. Ele nem sequer imagina que se prestou dois serviços a um só tempo.

CLAUDIA - Como?

PETRONIO - Condenou-se, proporcionando-me o ensejo de mantê-lo encarcerado por muitos e muitos anos e fez em Luiz Henrique o trabalho que eu estava pensando em mandar alguém fazer.

CLAUDIA - O senhor acredita que tenha sido ele?

PETRONIO - Está claro. Pois se ficaram, até, os seus sinais digitais nas poucas peças que haviam na sala. Uma jarra... um copo... um fogareiro de mesa... e uma mesinha tosca. Coisas que a antiga locatária deixara, por que viesse ao colega que ia morar lá.

CLAUDIA - Mas ele explicou os motivos porque tocara nesses objetos.

PETRONIO - Explicou... Ele nem imaginou que aquilo poderia denunciá-lo. Engendrou, depois, uma desculpa para o fato. Tome nota do teor de um telegrama que vou passar ao delegado de lá.

CLAUDIA - Sim senhor. (PAUSA) Pode dizer.

PETRONIO - (DIFAMANDO) Como pai do acusado revoltante crime ontem cometido, peço-lhe aguardar depoimento estarei pronto a prestar amanhã quando estarei aí aproximadamente quatorze horas. Saudações. Petrónio Larré.

CLAUDIA - (DEPOIS DE PAUSA) Quer que faça o telegrama e mande passá-lo?

PETRONIO - Não. Faça-o e entregue-o a mim. Eu mesmo o passarei. E enquanto isto, vou ali ao posto, mandar preparar o meu carro para a viagem.

O/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA EM 2º PLANO.

CLAUDIA - Eu queria que ele me deixasse o telegrama para passá-lo, pensando em extravizá-lo, para não complicar mais a situação de Rodrigo, mas si ele vai chegar lá amanhã de tarde, pouco adiante protelar a sua infância por questão de horas.

TÔNICA - EXPLOSAO MUSICAL, FUNDE COM ORTELGA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÔNICA - MÚSICA PARA INÍCIO DA SEGUNDA PARTE.

BEIMIRA - A senhora parece desanimada, dona Leila. Não confia em Deus?

LEILA - Há momentos em que a gente nem sabe se confia, Belmira. Coitada do Rodrigo! A carta dele é tão triste... tão revoltada... tão desanimada... Imagina que ele chega a dizer que não vale a pena ser bom nem manter

LEILA - (CONTINUAÇÃO) vivo o espírito de solidariedade humana. Que cada um deve cuidar de sua vida, de seus interesses e deixar que os outros, em torno, se rebentem, se matem e se devorem.

BELMIRA - A senhora deve escrever a ele e animá-lo. Ele, naturalmente, deve estar desesperado, ~~em~~ e desejando, ansiosamente, uma palavra sua. Diga-lhe que confia nele, que sabe que ele está sendo injustiçado, mas que ele tem paciência e resignação, porque a hora da verdade há de surgir. Depois de lhe haver dito isto, verá como a próxima carta já não será tão triste. Ele sabendo que tem o seu apoio, que a senhora confia nele, cegamente, que tem certeza que ele está sendo injustiçado, ele já terá outro ânimo para lutar e corresponder à sua confiança.

LEILA - Tens razão, Belmira. Ele deve estar precisando muito de uma palavra minha.

BELMIRA - Demais.

LEILA - E si eu lhe passasse um telegrama, que vai chegar mais depressa?

BELMIRA - Seria melhor, ainda.

LEILA - Mas para onde mandar esse telegrama?

BELMIRA - Para a delegacia. Mesmo que ele não esteja lá, o delegado há de fazer chegar às suas mãos.

LEILA - Escute, Belmira, e mããe? Leu alguma coisa nos jornais? Falou alguma coisa?

BELMIRA - Até agora acho que não. E eu já tive o cuidado de dar sumiço nos jornais todos. Sabe como é, às vezes a pessoa não lê no dia e vai ler depois, por acaso, num jornal velho.

LEILA - Tens razão. Fizeste bem.

BELMIRA - Não quer fazer o telegrama num momento? Eu me visto e vou passá-lo.

LEILA - Sim. Vai te vestir, enquanto eu o redijo.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CORÁLIA - (CHOROSA) Você não devia ter vindo aqui, Iracema. Deve estar sendo seguída pelo tal homem e põe em risco a segurança do garotinho.

IRACEMA - Não se preocupe. Tomei todas as precauções. Sabe como sai da pensão, durante a noite? Vestida de homem. Botei um óculos escuro e me sentei na estação com um lenço na boca, como se estivesse com dor de dente e o chapéu enterrado quasi até às orelhas. Na pasta trazia um vestido, um par de sapatos e uma bolsa. Quando o trem vinha chegando, entrei sem que me vissem na toaleta das mulheres e lá troquei tudo. Fiz um pacote da pasta e no momento que o trem parou, quando todos procuravam descer, abri a porta e sai.

CORÁLIA - E essa roupas? Onde você as conseguiu?

IRACEMA - Comprei-as, simplesmente. Elas estão na pasta. Um terno ordinário, uma camisa barata, meias e sandálias, tudo de pouco preço. Você, depois, pode dar aí a qualquer empregado.

CORÁLIA - Foi uma coisa horrível, não é mesmo?

IRACEMA - Foi, sem dúvida. Eu também fiquei profundamente chocada. Mas titio tinha um mistério qualquer em sua vida e eu continuo com aquela ideia antiga.

CORÁLIA - A da moça solteira?

IRACEMA - Exato. Na minha opinião alguém o matou por vingança.

CORÁLIA - Você vai declarar isto lá?

IRACEMA - Vou. Acho que devo. Pois si é a minha opinião...

CORÁLIA - Por que teriam mandado chamar você para depor?

IRACEMA - Porque até ~~xxxxxxx~~ o dia em que ele foi assassinado, morei na casa. Sai de manhã e ele apareceu morto à tarde. É provável, até, que muita gente tenha desconfiado de mim.

CORÁLIA - Mas isso é um absurdo sem tamanho.

IRACEMA - Para você que me conhece. Para os outros pode não ser. (PAUSA) Eu não tinha palpite que titio ficasse lá sozinho. Cheguei a dizer a ele que não deveria ficar. Ele riu dos meus tenores. Disse que por uma noite só, nada haveria de suceder-lhe. Sai às dez, para estar às onze na estação e deixei lá alguma coisa feita para ele comer, no almoço. Ontem de manhã levei um cheque tremendo com o telegrama da polícia, pedindo o meu comparecimento lá. Resolvi vir até cá, porque imaginei que você deveria estar muito nervosa.

CORÁLIA - É claro. Poderia deixar de estar? Além de que era o único tio que nos restava... eu o queria bem.

IRACEMA - Eu também, Corália, mas agora não adianta nada lamentarmos o que passou. Vamos levantar a cabeça e tocar a vida para a frente. Principalmente você que, agora, mais do que nunca, tem uma importante missão a cumprir.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CATARINA - Seja lá quem for que tenha feito o trabalho em seu Luiz Henrique, me prestou um grande serviço. Seu Patrônio estava pretendendo que eu cumprisse essa tarefa. Mas eu não gosto de matar. Só faço isso em último caso.

JUSSARA - Eu também não teria coragem de matar ninguém. Nem coragem nem força.

CATARINA - Não, isso não. Eu tenho força e coragem não me falta. Apenas não gosto de ver os outros morrerem. Não gostei nunca, desde pequena.

JUSSARA - Você acredita, mesmo, que foi Rodrigo quem matou o velhote?

CATARINA - Eu não. Rodrigo não teria nem coragem para isto, mas quem vai pagar a mula roubada não tenha dúvidas que é ele mesmo. Principalmente porque seu Petrônio não vai deixar fugir uma oportunidade dessas.

JUSSARA - Ele já embarcou para lá?

CATARINA - Ontem de noite. Hoje deve chegar lá; se ainda não chegou. Eu é que precisava ir lá, mas não houve jeito de convencê-lo a mandar-me em seu lugar.

JUSSARA - Mas como é que você ia justificar a sua ausência em casa de dona Eugênia? Você ia precisar, no mínimo uns três ou quatro dias.

CATARINA - E você acha que eu não saberia inventar uma desculpa? Tinha um jeito que até ela mesma era capaz de me mandar.

JUSSARA - Mas por que você precisava ir lá, Catarina?

CATARINA - Quería ver esse negócio de perto. Eu tenho lá um conhecido com quem ~~gostaria~~ gostaria de conversar. Si é que ele ainda está por lá... não sei... Neste momento é capaz de estar foragido.

JUSSARA - Por que? Você acha que foi ele quem cometeu o crime?

CATARINA - Não duvido. (SPRESALTA-SE, PENSOU ALGO TODO O TEMPO, MODIFICA-SE) Mas veja lá, hein? Nem uma palavra a ninguém do que acabamos de conversar, sinão eu ainda sou capaz de convencer a polícia que você foi ~~cum~~ cúmplice do assassino e você já sabe como é.

JUSSARA - Uê, Catarina, que é isso comigo? Não parece que tenho ajudado tanto a você e seu Petrônio.

CATARINA - Tem ajudado, sim. Não digo ao contrário, mas também, no dia em que cair na asneira de querer nos atrapalhar, as suas ajudas anteriores não vão lhe servir de nada. É bom que fique sabendo isto, desde já.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

2º DELEGADO - Lamento interromper o seu descanso, mas preciso fazer-lhe algumas novas perguntas. Temos, ainda, alguns pontos que precisamos esclarecer

RODRIGO - Pais não. Estou às suas ordens.

2º DELEGADO - A vítima tinha a seus cuidados um garotinho; não é verdade?

RODRIGO - Não posso garantir-lhe, porque não chegamos a falar neste assunto. Mas segundo informações que obtive, ainda lá no Rio, parece-me que sim.

2º DELEGADO - E o senhor conhecia esse garoto?

RODRIGO - Sim. Ele é meu irmão, por parte de pai.

2º DELEGADO - E onde se encontra esse garoto, no momento?

RODRIGO - Não sei. Infelizmente não tive tempo de falar sobre isto com seu Luiz Henrique.

2º DELEGADO - Não estaria com ele, no momento em que o senhor o matou?

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

RODRIGO - (FORTE, QUASI GRITADO) Eu não o matei. O senhor não pode dizer isto, porque eu não o matei.

2º DELEGADO - Não se exalte, por favor. Podemos falar com calma que será muito melhor. Responda a pergunta que lhe fiz. O garoto não estaria com ele, naquele momento?

RODRIGO - Quando entrei naquela casa, encontrei apenas seu Luiz Henrique. Mais ninguém.

2º DELEGADO - E o senhor tem certeza absoluta de que o garoto era seu irmão?

RODRIGO - Se o garoto que estava em poder dele era o que eu penso, sim.

2º DELEGADO - E se eu lhe provar que o senhor não está dizendo a verdade?

RODRIGO - Não pode provar. A não ser que, como eu disse, o garoto seja outro.

2º DELEGADO - Pois bem, eu vou fazer entrar uma testemunha que o vai deixar muito mal colocado. (PROJEPANDO) Guarda, faça entrar a testemunha.

C/REGRA - RUÍDO DE ABRIR PORTA EM 2º PLANO. PASSOS. PORTA QUE SE FECHA. MAIS PASSOS.

2º DELEGADO - Aqui está a testemunha. Conhece-a?

TÉCNICA - ACORDE DE SUSTO TREMENDO.

RODRIGO - (APAVORADO) Meu pai!... Não é possível, meu Deus!...

TÉCNICA - EXPLOSAO MUSICAL, FUNDE COM MÚSICA PARA ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO.

A MARCA DO ÓDIO

- Novela original de Érico Cramer -

52º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

2º DELEGADO - O garoto não estaria com ele, naquele momento?

RODRIGO - Quando entrei naquela casa, encontrei, apenas, seu Luiz Henrique. Mais ninguém.

2º DELEGADO - E o senhor tem certeza absoluta de que o garoto era seu irmão?

RODRIGO - Se o garoto que estava em poder dele era o que eu penso, sim.

2º DELEGADO - E se eu lhe provar que o senhor não está dizendo a verdade?

RODRIGO - Não pode provar. A não ser que, como eu já disse, o garoto seja outro.

2º DELEGADO - Pois bem, eu vou fazer entrar uma testemunha que o vai deixar muito mal colocado. (PROJETANDO) Guarda! Faça entrar a testemunha.

O/REGRA - RUÍDO DE ABRIR PORTA EM 2º PLANO. PASSOS. PORTA QUE SE FECHA. PASSOS.

2º DELEGADO - Aqui está a testemunha. Conhece-a?

TÉCNICA - ACORDE DE SUSO PREENHEDO.

RODRIGO - (ALAVORADO) Meu pai!... Não é possível, meu Deus!...

PETRONIO - Não é possível por que? Achou que eu seria capaz de pactuar, com o meu silêncio, do seu hediondo crime?

TÉCNICA - REPETE O ACORDE ANTERIOR.

RODRIGO - Meu pai, não diga isto, por Deus!... O senhor sabe que eu não pratiquei esse crime. O senhor sabe que eu não seria capaz de matar ninguém.

PETRONIO - Um filho que tem a coragem de trair seu próprio pai com a sua madrasta, tem coragem para tudo mais!

TÉCNICA - REPETE O ACORDE DRAMÁTICO ANTERIOR.

RODRIGO - Meu pai! Não é possível que o senhor continue a me julgar capaz de tanta infâmia! Jamais o trai, juro-lhe! E ainda que eu tivesse a baixiceza de tentar fazê-lo, não conseguiria, porque dona Eugênia é uma mulher honesta e digna!

PETRONIO - Não houve, até hoje, em toda a história do crime, a longa história do crime, um só criminoso que, ao ver-se perdido, não jurasse estar inocente.

2º DELEGADO - Mas vamos deixar de lado essa questão particular entre os senhores e vamos falar do crime que ora está nos interessando. O senhor Petronio nos prometeu uma declaração que deixaria seu filho muito mal colocado. Quer nos fazer essa declaração?

PETRONIO - Pois não. Meu filho vinha, há muito tempo, premeditando esse crime.

TÉCNICA - ACORDE DE SURTEIRA E ESTANCO.

RODRIGO - Papai!... Como pode o senhor dizer uma coisa dessas?!...

2º DELEGADO - Senhor Rodrigo, deixe seu pai falar. Não o interrompa. Depois o senhor se defenderá, se puder. Continue senhor Petrónio.

PETRONIO - Repito que meu filho, há muito tempo, vinha premeditando esse crime.

TÉCNICA - REPETE EM B/G. O ACORDE ANTERIOR.

RODRIGO - (MEIA VOZ) Meu Deus!...

PETRONIO - E agora direi aos senhores a razão. O menino que se encontrava em poder daquele pobre diabo a quem ele matou, não era seu irmão, como ele faz constar, mas seu filho.

TÉCNICA - REPETE O ACORDE ANTERIOR.

PETRONIO - Um filho que era produto da sua traição miserável ao seu próprio pai. Quando descobri essa baixeza e abandonei a segunda mulher com quem me havia casado e que ele, posteriormente, seduzia, ~~meu~~ ^{seu} receio de que eu me pudesse vingar na criança, fez com que ele a raptasse do convívio da mãe e a entregasse a esse velho amigo da família que se encarregou de criar o menino em algum lugar distante do Rio. Agora, acreditando que o perigo já houvesse passado, reclamou de volta o garoto e o velho te, que já se afeiçoara a ele, negou-se a entregá-lo. E começou, então a luta entre os dois. O outro fugindo com a criança e ele correndo atrás. Era uma luta desesperada, porque ele sabia que precisava devolver o garoto à amante para poder merecer, de novo, as suas boas graças. Conseguiu encontrar o velho, com ou sem a criança, não sei, e tratou logo de eliminá-lo. O resto é com ele. Só ele pode esclavecer.

2º DELEGADO - E o senhor tem alguma testemunha dessas coisas todas que declarou?

PETRONIO - Duas ou três. As que forem precisas. Pessoas que conhecem o caso e o vêm acompanhando há muito tempo.

2º DELEGADO - E o senhor, o que nos diz, agora, das declarações todas de seu pai?

RODRIGO - Que é profundamente lamentável que um pai, que foi bom e extremoso, tenha a suprema coragem de derramar sobre ~~um~~ ^o coração do filho, que apesar de tudo ainda o estima, tanto ódio e tanta maldade.

PETRONIO - Reparem os senhores que ele mesmo confessa que foi bom e extremoso. Mas poderá continuar assim quem se vê miseravelmente traído e espinhado?

RODRIGO - Meu pai nunca foi traído e menos, ainda, espinhado. Pelo contrário: foi sempre querido e respeitado. Não só por mim, como também por minha madrasta que ele teima em achar que é desonesta, quando na verdade é uma mulher admirável de bondade, resignação e dignidade. Quem me diga que um dia, ao casar, minha esposa pudesse se comparar a ela!

PETRONIO - Todo homem que ama, vê nos cornos do demônio as azas de um anjo.

2º DELEGADO - Bem, mas não vamos prosseguir com discussões inúteis, para não perdermos mais tempo. Devemos procurar ser práticos. Seu pai fez as mais graves declarações contra o senhor e se propõe a trazer as testemunhas que forem precisas para afirmar o que, êle declarou. Terá o senhor meios de pulverizar e destruir essas afirmações? Terá também testemunhas que provem ser mentira tudo que seu pai acaba de nos dizer?

RODRIGO - Posso trazer aqui meia dúzia de pessoas, ou mais, que atestem o meu comportamento passado e que afirmem, como eu, que meu pai está completamente enganado no juízo que faz de mim e de minha madrasta. Se isto não bastar aos senhores que mais provas poderei dar-lhes?

2º DELEGADO - Responda, então, a mais duas ou três perguntas que deseje fazer-lhe.

RODRIGO - Pois não. Faça-as.

2º DELEGADO - Veio a esta cidade procurar o senhor Luiz Henrique?

RODRIGO - Sim.

2º DELEGADO - Trazia a esperança de reaver o menino?

RODRIGO - Sim.

2º DELEGADO - E pensava entregá-lo à sua madrasta?

RODRIGO - É claro.

PETRONIO - Estão vendo? As respostas dele estão precisamente coincidindo com as minhas acusações.

2º DELEGADO - E qual era o seu verdadeiro interesse em tudo isto?

RODRIGO - Devolver um pouco de paz e alegria a um triste coração de mãe, tão injustamente castigado.

2º DELEGADO - Mas castigado por quem? Não foi o senhor mesmo que raptou-lhe o filho?

RODRIGO - Nunca! Isso é a maior de todas as mentiras. Pois então direi eu, agora, que quem mantinha essa criança era meu pai. Era êle quem, mensalmente, mandava a seu Luiz Henrique uma importância para manter ~~xxxx~~ o garoto afastado da mãe. O Banco do Estado, aqui, poderá dizer-lhe por conta de quem entregava o dinheiro ao senhor Luiz Henrique.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL.

2º DELEGADO - Que diz o senhor Petronio a essa declaração de seu filho?

PETRONIO - Que eu mandava, realmente êsse dinheiro, mas como uma contribuição mensal ao Asilo Santa Elisabeth, em memória do filho que eu considerava morto, desde que fiquei sabendo que não era, em verdade, meu filho.

RODRIGO - Mas o Asilo Santa Elisabeth jamais recebeu essa contribuição. O senhor delegado poderá facilmente constatar o que digo, procurando amanhã a Irmã Superiora do Estabelecimento e perguntando a ela.

PETRONIO - Se não lhe era entregue, a culpa não me cabe. Nos próprios recibos consta o nome do beneficiário, seguido da declaração: "para entregar ao Asilo Santa Elisabeth" Isto também pode ser facilmente constatado no registro de ordens a pagar do banco do Estado.

22 DELEGADO - Muito bem. Vamos dar por suspensa a inquirição de hoje e amanhã, depois de feitas as provas invocadas, faremos um segundo debate entre os senhores.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

TEREZA - A senhora leu no jornal o que o seu Petrónio fez ao filho?

EUGENIA - Li e estou desesperada! Eu preciso fazer alguma coisa por ele, Tereza. Não posso deixá-lo assim abandonado, quando tudo que está se passando com ele é por minha causa.

TEREZA - A senhora não poderá fazer nada. Feze que já terá feito muito.

EUGENIA - E tú pensas que eu não tenho rezado? Não tenho feito outra coisa.

TEREZA - Pois continue rezando. De momento, é a melhor coisa que se pode fazer em seu favor. Mas aquelas declarações do seu Petrónio, vão complicar muito a defesa dele.

EUGENIA - Imagine! Dizer que foi Rodrigo quem raptou meu filho. É muita desfachatez. Mas se for preciso, eu, que sempre me mantive calada, vou ao tribunal declarar que foi ele. E você vai pedir licença ao Padre Crispim e vai confirmar as minhas declarações.

TEREZA - Não vou pedir licença, não, porque ele pode não deixar. Declare e depois vou pedir perdão e fazer penitência. Si bem que eu não ache que vá mentir dizendo que foi seu Petrónio. A senhora sabe que sempre foi essa a minha impressão.

EUGENIA - Catarina está querendo ir até lá ajudá-lo. Hoje veio me pedir licença.

TEREZA - Mas a senhora não deixou, não é?

EUGENIA - Tu achas que eu não devia deixar? Eu disse a ela que até amanhã resolveria, mas que achava que ela ia poder ir.

TEREZA - Não, dona Eugênia, a senhora não pode fazer isto para o seu Rodrigo. Não pode deixar essa mulher ir lá. Ela vai complicar ainda mais a vida dele, a senhora vai ver.

EUGENIA - Mas também agora, sob que pretexto eu poderei impedi-la?

TEREZA - Sob qualquer pretexto e até sem nenhum pretexto, mas o que a senhora não pode fazer é deixar essa mulher ir lá.

EUGENIA - O que é que você acha que ela iria fazer?

TEREZA - Essa mulher é ciúca, má, farsante e ordinária. Estou cansada de lhe dizer isto, mas parece que a senhora não me acredita. Ojalá estivesse eu enganada. Um dia, a senhora ainda vai se convencer que eu tinha razão. Talvez muito tarde, quando já não seja mais possível impedir-lhe umas tantas maldades, mas em todo caso... antes tarde do que nunca.

EUGENIA - Você acha que ela saindo daqui sob condição de ir lá defender Rodrigo, seria capaz de passar a acusá-lo? Seria muito desprazante de Catarina.

TEREZA
~~EUGENIA~~ - Mas ela tem cara para isto e para muito mais. Torno a lhe dizer: não deixe essa mulher ir lá. Não deixe.

EUGENIA - Você, com as suas eternas cismas, Tereza, cria-me às vezes uns problemas tão sérios... O que é que eu posso dizer à Catarina, amanhã, para impedi-la de ir?

TEREZA - Diga qualquer coisa ou não diga nada, mas ela não pode ir. Não pode.

EUGENIA - Eu poderia dizer que você está adoentada e iria para a casa de sua sobrinha, mas aí você teria que ir, realmente e você já declarou que não me deixará, nunca, sózinha com ela em casa.

TEREZA - E não deixo, mesmo. Não deixo porque ~~ela~~ ^{ela} tem muito boa fé e ela poderá enganá-la com a maior facilidade. Eu estando aqui, num controle rigoroso, ela está sempre tentando alguma coisa, imagine comigo ausente. Era capaz de dar sumiço na senhora e quando eu voltasse encontrá-la de dona.

EUGENIA - Não, Tereza, isso também é muito exagero seu. Eu acho que poderia deixar com que ela fosse lá por um dia, apenas, para poder ter notícias do que está realmente se passando por lá.

TEREZA - Pois bem, eu estou lhe pedindo que não deixe a a senhora insiste em ~~deixar~~. Então ouça o que lhe vou dizer: se a senhora der permissão a Catarina para ir lá complicar a situação de seu Rodrigo, eu vou me embora desta casa e nunca mais torno a vir aqui. Agora escolha.

TÉCNICA - EXPLOÇÃO MUSICAL, FUNDE COM MUSICA PARA FINAL DA 1ª PARTE.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - MÚSICA PARA INÍCIO DA 2ª PARTE.

2ª DELEGADO - Não dei chamar a senhora não ~~porque a consideramos merecida da nor-~~
~~te de seu tio,~~ ^{porque a consideramos merecida da nor-} ~~te de seu tio,~~ ^{te de seu tio,} mas porque precisamos das suas declarações para confirmar ou dissipar certas dúvidas.

IRACEMA - Agradeço-lhe a boa vontade em não me considerar suspeita, mas não vejo porque, uma vez que fui uma das últimas pessoas a falar com meu tio.

2º DELEGADO - Acho que seria apupado pela quasi totalidade da população da cidade que é unânime em proclamar as suas virtudes e dizer uma palavra qualquer em sua defesa. O suspeito ninguém conhece e é acusado pelo próprio pai.

IRACEMA - Li que é um rapaz do Rio, estudante de engenharia, muito estimado na roda dos seus amigos e colegas.

2º DELEGADO - Exatamente. Mas ainda assim, tendo como quasi certa a suspeita que lhe pesa sobre os ombros - uma vez que a acusação parte do seu próprio pai - não poderia deixar de mandar chamá-la, para esclarecer certas dúvidas, como já disse e imaginando, principalmente, que a senhora também havia de ter interesse em ver desvendado esse crime, por motivos vários e particulares, pois, segundo me foi dado apurar, ~~XXXXXXXXXXXX~~ queria muito bem ao seu tio e vivia em boa harmonia com êle.

IRACEMA - É verdade, sim senhor. Apesar de que êle morava apenas a tres mezes conosco, era o único parente vivo que nos restava por parte de nossa mãe e senhor sabe como é... a gente transferiu para êle toda a reserva de afeto que havia dedicado à pobre morta.

2º DELEGADO - Pois dona Iracema, são poucas as perguntas que preciso lhe fazer, mas que considero indispensáveis para figurarem no processo contra o assassino de seu tio. A primeira é a seguinte: a que horas, mais ou menos exata, a senhora deixou a sua residência, quando embarcou para Ouro Preto?

IRACEMA - Às dez horas. Preparei-lhe uns sanduíches de carne assada, dois ovos duros e umas bananas e deixei tudo em cima da mesa para o seu almoço, em vista dele me ter declarado que não desejava sair para comer fora. Feito isto, apanhei a minha valise e tomei um taxi precisamente às dez horas, dez e quinze no máximo.

2º DELEGADO - E deixou-o alegre... bem disposto... despreocupado?

IRACEMA - Completamente. Pelo menos não parecia ter nenhuma preocupação que não fôsse o seu serviço

2º DELEGADO - Ele já estava há algum tempo em Ouro Preto; não é verdade?

IRACEMA - Sim. Tinha ido antes de mim porque minha irmã adoeceu e não podia ficar lá sósinha.

2º DELEGADO - E que tinha vindo fazer, no dia em que foi assassinado?

IRACEMA - Ultimear os seus negócios, para transferir-se conosco para Ouro Preto.

2º DELEGADO - E êle pensava em levar para lá o garoto?

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE SUSTO TREMENDO.

IRACEMA - (ESFORÇANDO-SE POR PARECER CALMA) O... o garoto?... Que garoto?

2º DELEGADO - Um garoto que havia sido raptado e estava entregue a êle?

TÉCNICA - REPETE A VERGASTADA ANTERIOR

IRACEMA - Um garoto que havia sido raptado? ~~XXXX~~ Não sei disso, não. Ele nunca fez qualquer referência a êste assunto.

2º DELEGADO - Quer dizer que a senhora pode me garantir que o deixou sózinho em casa?

IRACEMA - Claro. Posso lhe fazer um juramento sagrado, se quiser.

2º DELEGADO - Não é preciso. nós acreditamos. Sabemos que estamos lidando com uma moça digna e verdadeira.

IRACEMA - Obrigada.

2º Delegado- ~~Surigatax~~ Agora o que eu extranho é uma coisa: várias pessoas disseram que êle tinha vindo para Diamantina com um garotinho e que esse garotinho esteve muito tempo na sua casa.

IRACEMA - Não é bem assim. Há uma grande confusão que eu justifico. Como sabiamos que meu ~~XXXX~~ tio vinha para cá, pedimos a êle que trouxesse de lá - se fôsse possível - uma empregada para nós. Ele trouxe uma dessas mães solteiras com um garotinho de dois anos, mais ou menos. Mas ela não resistiu à quietude do lugar e ao fim de um mês e pouco voltou para o Rio. Foi isso, naturalmente, que provocou a confusão.

2º DELEGADO - Deve ter sido.

IRACEMA - Tanto mais que nós, ou melhor, eu principalmente, desconfiava que o menino fôsse filho dele com ela, pois que o achavamos uma mistura dos dois. Mas depois, quando vimos que êle não fez o menor gesto para deter a moça, no momento em que ela resolveu voltar para onde estava, tiramos logo essa ideia da cabeça. Eu penso que cheguei, até, a manifestar essa dúvida a algumas pessoas amigas.

2º DELEGADO - Foi isso, então. Pois dona Iracema, estamos satisfeitas com as suas declarações. A senhora está livre e poderá regressar a Ouro Preto a hora que quiser.

IRACEMA - Pois não, obrigada, mas eu desejava uma coisa do senhor.

2º DELEGADO - Pois não...

IRACEMA - Eu queria que o senhor me permitisse visitar o acusado do assassinio de meu tio. Gostaria de conversar com êle.

2º DELEGADO - Pois não. E até será muito bom, sabermos o que êle vai dizer à senhora. Quer ir hoje, ainda?

IRACEMA - Se fôsse possível eu gostaria. Não posso ficar muito tempo aqui por causa do meu serviço.

2º DELEGADO - Pois muito bem, eu vou lhe dar uma autorização por escrito, para que a senhora não tenha nenhuma dificuldade.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS GEMAS.

ARABELA - Eu não posso lhe dirigir nenhuma palavra de consolo, minha filha, porque estou verdadeiramente desalentada.

LEILA - (CHOROSA) A sua presença já me consola, dona Arabela. É um pouquinho de Rodrigo que está comigo neste instante.

ARABELA - Eu cansei de dizer àquele menino que não fosse. Eu preveni que seu pai se vingaria. Ai está.

LEILA - Mas quem é que podia esperar que fosse acontecer o que aconteceu, dona Arabela?

ARABELA - A gente tem que sempre se lembrar que os maus estão com o diabo ao lado e que o malvado está sempre botando pedras no caminho dos bons para que eles tropecem e caiam. E Rodrigo tropeço feio. Deus permitiu que não saísse desta queda com as duas pernas partidas.

LEILA - Que horror, dona Arabela! Nem diga isto! Deus é maior e mais forte que o diabo, lembre-se disto.

ARABELA - Eu sei, mas a questão é que Ele às vezes está ocupado demais e não pode atender tanta gente de uma vez só. Vai deixando alguns para depois e, enquanto o tempo passa, esse alguns vão sofrendo e muitos, até, perdem-se irremediavelmente.

LEILA - Deus não deixará de amparar Rodrigo, eu tenho certeza. Rodrigo é tão bom... tão direito... Si Ele não merecer a ajuda de Deus, ninguém mais merecerá.

ARABELA - É, vamos esperar. E enquanto esperamos, vamos incomodando Deus com as nossas preces, que é para Ele não se esquecer de Rodrigo. Vai chegar o momento em que Deus, perturbado com tanto pedido, vai resolver atender-nos para se ver livre de nós.

LEILA - Que assim seja, dona Arabela! Que assim seja!...

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS GEMAS.

RODRIGO - Que dirá essa carta que seu Luiz Henrique me mandou recolher do bolso do seu paletó? Talvez ela contivesse a prova que necessito para inocentar-me, mas como posso abri-la se não é dirigida a mim? Si eu tivesse alguém que procurasse essa moça, que a localizasse e lhe dissesse que

RODRIGO - (CONTINUAÇÃO) viesse apanhar essa carta em minha mão... Mas esse alguém precisaria ser uma pessoa de absoluta confiança, uma pessoa que eu tivesse a certeza de que cumpriria as minhas instruções rigorosamente. (PAUSA) Se Leila viesse me visitar... talvez por intermédio dela... ^(TOM) Vovó! Vovó é que seria o ideal. (DESANIMADO) Mas Vovó não poderia andar de um lado para outro com a idade que tem. E quem a acompanharia? Tereza ainda é mais velha. O único remédio é esperar que o advogado consiga o habeas corpus e depois eu mesmo tratar disto. Nesse meio tempo a carta ficará bem escondida, para que não se apercessem dela. (SOBRESAITO FELIZ) Meu Deus como é que eu não me lembrei antes? Claudía!... Ela me ajudará. Pedirei a Vovó que se ponha em contacto com ela, que lhe financie todas as despesas, inclusive as suas, particulares, se tiver que sair do escritório de meu pai e tenho certeza de que terei posto o meu segredo em boas mãos.

C/REGRA - PORTA QUE SE ABRE EM SEGUNDO PLANO.

VOZ - Uma visita para o senhor.

TÉCNICA - EXPLOSAO MUSICAL, FUNDE COM MUSICA PARA ENCERRAMENTO DO CAPITULO

A MARCA DO ÓDIO

- novela original de Érico Cramer -

53º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

RODRIGO - Se Leila viesse me visitar... talvez por intermédio dela... (TOM) Vóvó! Vóvó é que seria o ideal! (CAI EM DESANIMO) Mas Vóvó não poderia andar de um lado para o outro, com a idade que tem. E quem a acompanharia? Tereza ainda é mais velha. O único remédio é esperar que o advogado consiga o habeas-corpus e depois eu mesmo tratar disto. Nesse meio tempo a carta ficará bem escondida, para que não se apossen dela. (SOBRESAITO FELIZ) Meu Deus! Como é que eu não me lembrei antes?! Cláudia!... Ela me ajudará! Pedirei à Vóvó que se ponha em contacto com ela e lhe financie todas as despesas, inclusive as particulares, se tiver que sair do escritório de meu pai e tenho certeza de que terei pôsto o meu segredo em boas mãos.

G/REGRA - PORTA QUE SE ABRE EM 2º PLANO.

VOZ - Uma visita para o senhor.

TÉCNICA - ACORDE DE SUSTO.

RODRIGO - (meio tom) Uma visita? Quem poderá ser?

G/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM.

IRACEMA - Boa tarde.

RODRIGO - Boa tarde.

IRACEMA - O senhor não me conhece, mas eu sou sobrinha do homem que foi assassinado e por cujo crime o senhor está ~~xxx~~ detido como suspeito.

RODRIGO - Ah, pois não. Foi muito bom que a senhora tenha tido a ideia de vir, ainda que seja para me destratar.

IRACEMA - Engana-se. Eu me prezo de ser uma pessoa educada. E depois... quem poderá provar que foi mesmo o senhor quem matou meu tio? E se foi, realmente, alguma razão o senhor deveria ter tido. O senhor já o conhecia antes; não é verdade?

RODRIGO - Sim. Da casa de minha avó. Eles foram amigos íntimos.

IRACEMA - O senhor não gostava de meu tio?

RODRIGO - Poderia mentir-lhe, mas prefiro dizer a verdade. Não gostava, mesmo.

IRACEMA - E por que? Tinha alguma razão especial?

RODRIGO - Sim. Seu tio era um oportunista, que quasi vivia às custas de minha avó. Isso, enfim, não seria ~~xxxx~~ nada, si ele fôsse um homem de caráter, mas ele não era. Vivia de negócios excusos e servia, sempre, ao que mais lhe pagava. Quando minha avó descobriu isto, cortou, imediatamente, as relações com ele.

IRACEMA - E foi daí que o senhor começou a odiá-lo?

RODRIGO - Não. Eu não o odiava. Nunca senti ódio por ninguém. Apenas o desprezava. Só isto.

IRACEMA - E por que, então, chegou ao extremo de matá-lo?

RODRIGO - Eu não o matei. Juro-lhe que já o encontrei ferido de morte. (LEMBRA-TOM)
É por falar nisto... a senhora se chama Corália?

IRACEMA - Não, Iracema. Por que pergunta?

RODRIGO - Bem... por nada... curiosidade, apenas. (TOM) Mas como eu estava lhe dizendo, quando entrei na sua casa, depois de ter batido muito tempo na porta da rua, inutilmente, encontrei seu Luiz Henrique estendido no chão, de bruços, em meio de uma lagoa de sangue. Ele ainda estava com vida e eu devia ter lhe perguntado quem o feriu. Mas fiquei tão tonto, tão desorientado que a única coisa que me lembrei, foi de sair correndo para arranjar um médico que o socorresse. O médico, ao chegar, encontrou-o já sem vida e imediatamente telefonou para a polícia. Eu não podia fugir. Tinha que ficar esperando. É o resultado aqui está.

IRACEMA - Interessante... o coração da gente, às vezes, tem umas coisas engraçadas. Eu vinha vê-lo porque desejava conhecer o assassino de meu tio e saber dele as razões porque o havia matado, mas quando entrei e olhei para o senhor, senti, imediatamente, que estavam completamente enganados aqueles que o acusavam. Agora, depois de conhecê-lo, eu tenho as minhas desconfianças anteriores quasi confirmadas.

RODRIGO - (animado) É por que não diz isso à polícia? Talvez a sua declaração pudesse salvar-me de uma injustiça clamorosa.

IRACEMA - Não digo porque as minhas declarações seriam totalmente inúteis, depois da acusação de seu pai. Por que éle fez isto? Pensará, realmente, que foi o senhor quem matou titio?

RODRIGO - Não. Éle sabe que não fui eu.

IRACEMA - Não posso compreender! Enquanto todos os pais do mundo mentem e se desesperam para salvar seus filhos, mesmo quando éles são criminosos, o seu, sabendo-o inocente, mente para condená-lo? Por que, meu Deus?!

RODRIGO - Meu pai tem ódio de mim, porque imagina que eu o trai com sua segunda esposa!

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

IRACEMA - Meu Deus!...

RODRIGO - É só por esta razão imaginária faz questão de deixar, na minha carne, a marca do seu ódio! Um ódio violento... profundo... e sem limites!

IRACEMA - E o senhor não teve maneira de convencê-lo de que o seu ciúme era imaginário?

RODRIGO - Desgraçadamente, não. Exgotei todos os recursos para o fazer compreender a verdade e nada consegui. Por fim, não tive outro recurso senão baixar a cabeça e resignar-me pela injustiça que sofria. Pensava comigo: devo ter feito algum mal a Deus e Ele agora procura castigar-me. Era um castigo tão cruel a malquerença de ~~meu~~ meu pai que às vezes eu me revoltava pelo que sofria. Mal sabia ~~que~~ que esse castigo iria triplicar de violência e crueldade!

IRACEMA - É lamentável, devêras. Eu gostaria de poder ajudá-lo, mas não posso, pelo menos por ora, fazer alguma coisa de concreto. Mas não pense, por isto, que o abandonarei. Vou ficar de fora, mas observando todos os movimentos em torno do caso e ~~XXXX~~ aguardando a primeira oportunidade que possa aparecer para voltar ao assunto e fazer novas declarações. Diga-me, por favor: o senhor perguntou por Corália. Quem lhe falou nela?

RODRIGO - Ouvi seu tio pronunciar esse nome, quasi que nos últimos momentos de agonia.

IRACEMA - Ele mandou algum recado a ela? Fez algumas recomendações?

RODRIGO - Bem, eu... eu não sei... Ele falou umas coisas...

L. HENRIQUE - (VOZ DE SOPRO) Escrevi uma carta... para minha sobrinha... tire-a do bolso... do meu ~~XXXXX~~ casaco... e não mostre a ninguém. Entregue-a... pessoalmente... a ela...

RODRIGO - Estava pensando... querendo lembrar... mas não consigo.

IRACEMA - É pena. Corália gostaria de saber as coisas que tio tio disse.

RODRIGO - ~~Quase~~ Se um dia me lembrar... Onde é que ela mora?

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

IRACEMA - (ESFORÇANDO-SE POR FICAR CALMA) Corália? Bem... ela... ela mora comigo. ~~Vamos~~ vamos agora para Ouro Preto. Estamos, provisoriamente, numa pensão, mas penso que em breve teremos a nossa casa. Mas é muito fácil o senhor me localizar lá. É só procurar-me na Coletoria.

RODRIGO - Eu espero que Deus olhe para baixo e eu consiga, pelo menos, o habeas-corpus que meu advogado vai requerer. Nessa ocasião darei um jeito de entrar em contacto com a senhora.

IRACEMA - Perfeitamente. E agora eu vou deixá-lo porque penso que já me passei no tempo que me foi concedido. Eu tinha apenas quinze minutos para falar-lhe. Penso ter ficado quasi meia hora, se não foi mais. Adeus, então.

RODRIGO - Adeus, senhorita. Acredite que me fez um grande bem a sua visita. Pelo menos eu já guardo a esperança de que alguém, num dia que eu não sei quando, possa levantar a voz apontando o verdadeiro culpado desse crime que me atribuem, injustamente.

IRACEMA - E que Deus lhe dê coragem e resignação para esperar pacientemente esse dia.

RODRIGO - Obrigado.

C/REGRA - PASSOS DE IRACEMA SE AFASTAM. PORTA ABRE E FECHA EM SEGUNDO PLANO.

RODRIGO - Eu não sei se fiz mal em não entregar-lhe a carta que seu tio deixou para dona Corália, mas ele me recomendou que só entregasse a ela... eu não podia fazer outra coisa. Em todo o caso... já adiantei um grande passo: fiquei sabendo onde encontrar dona Corália, o dia que puder sair daqui.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL, PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CATARINA - A senhora está preocupada?

EUGENIA - Claro! Como não hei de estar? Tanto mais que conto como certa a condenação de Rodrigo, embora todos que o conhecem saibam que ele seria incapaz de cometer o crime de que o acusam.

CATARINA - A senhora conta como certa a condenação dele pela pressão do pai?

EUGENIA - É claro! Ou você acha que ele embarcou para lá, no dia seguinte ao do crime, para proteger o filho?

CATARINA - Se a senhora tivesse permitido a minha ida até lá, eu não só teria dado apoio a Rodrigo, como talvez tivesse conseguido interceder por ele, junto ao pai. Mas a senhora não quis permitir que eu me afastasse...

EUGENIA - Porque sabia que você não ia conseguir nada e se cansaria inutilmente.

CATARINA - Desculpe contradizê-la, dona Eugênia, mas não foi por isto que a senhora não deixou. Houve "alguém" que se opôs à minha partida.

EUGENIA - Ora essa, Catarina! Alguém que se opôs? Não, não... você está enganada. Você está se referindo a Tereza, mas ela não se opôs. Apenas deu a sua opinião, que era também a minha. Que você ia perder tempo e não arranjar nada. Mas entre "dar uma opinião" e "se opor", vai uma diferença muito grande.

CATARINA - Não sei porque, a senhora e Tereza, meteram-se na cabeça que eu não arranjar nada. Pois eu quasi que tinha a certeza de arranjar.

EUGENIA - Bem, se você tem quasi certeza, já é diferente.

CATARINA - A senhora deixa?

TEREZA - (2º PLANO) Não deixe, dona Eugênia.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE SUSTO.

G/REGRA - PASSOS DE TEREZA QUE SE APROXIMAM.

TEREZA - Não deixe porque ele não vai arranjar coisa nenhuma.

CATARINA - Como é que você pode afirmar isto?

TEREZA - Você sabe que não vai arranjar. Quer ir lá por qualquer outra coisa e então usa Rodrigo como trampolim.

CATARINA - Dona Eugênia, desde que entrei nesta casa que fui obrigada a enfrentar a antipatia gratuita dessa criatura invejosa, mas não estou mais disposta a suportá-la. Ou ela deixará de se meter na minha vida e nas coisas que me dizem respeito, ou então...

TEREZA - (DEPOIS DE PAUSA) Ou então...

CATARINA - Ou então eu serei obrigada a deixar sua casa, embora saiba que vá sentir muita falta, principalmente da senhora.

EUGENIA - Não diga, Catarina. Afinal de contas, por uma simples antipatia de Tereza, não me parece que você precise abandonar minha casa, quando me serve tão bem e eu estou bastante satisfeita com os seus serviços.

CATARINA - Mas eu não posso mais suportar a presença de dona Tereza e peço-lhe que resolva: ou ela... ou eu.

TÉCNICA - EXPLOÇÃO MUSICAL PARA FINALDA 1ª PARTE.

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL

TÉCNICA - MÚSICA DE ABERTURA PARA A 2ª PARTE.

EUGENIA - Estou bastante satisfeita com os seus serviços.

CATARINA - Mas eu não posso mais suportar a presença de dona Tereza e peço-lhe que resolva: ou ela... ou eu!

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE

TEREZA - (DEPOIS DE PAUSA) Dona Eugênia, eu não lhe creio dificuldades. Se a senhora prefere ficar com ela e não quer dizer, eu me retiro, hoje mesmo, para a casa de minha sobrinha. Ela e o marido estão por viajar e ficarão radiantes se eu puder ir para lá tomar conta das crianças.

EUGENIA - Tereza e Catarina: não é justo o que vocês estão me fazendo. Colocando-me contra uma parede, cada uma de um lado e cada uma com uma arma mais afiada do que a outra. Você, Tereza, com a sua ansiedade, com a sua dedicação, com os seus anos todos de trabalho honesto e bem orientado, vivendo ao meu lado as horas boas ou más da minha vida, sorrindo comigo, chorando comigo, sofrendo em silêncio a minha angústia e o meu pavor. Amiga leal, de todos os instantes, secando com o lenço grande do seu carinho e de sua

EUGENIA - (CONTINUAÇÃO) ternura infinita, o caudal das minhas lágrimas, sem consolo (PAUSA) Você, Catarina, com a sua energia, com a sua coragem, com o seu dinamismo, com o seu desejo, constantemente demonstrado, de devolver a paz e a alegria ao meu coração, procurando, incessantemente, localizar o meu pobre filhinho, renovando sempre a minha esperança, permitindo que eu viva, acreditando, sempre, um pouquinho, no dia de amanhã. Quero das duas preciso das duas ao meu lado e as duas não se entendem e insistem em deixar-me. Se ambas me querem bem... se ambas me estimam... por que não procuram, ao menos, suportar-se?

TEREZA - Não fui eu quem lançou o ultimatum. Foi ela. Portanto, nada adiantará eu lhe dizer que fico de qualquer maneira, porque ela não vai querer.

EUGENIA - Vamos, Catarina. Eu preciso de Tereza... mas também preciso de você. Que é que você resolve?

CATARINA - (DEPOIS DE PAUSA) Eu vou pensar. Dizem que a noite é boa conselheira. Vou esperar por ela para resolver. Amanhã lhe direi alguma coisa.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CLAUDIA - Dona Arabela, desculpe se insisti em que a senhora me recebesse, mas seu Petrônio permanece em Diamantina e eu estou muito preocupada com o destino de Rodrigo. Penso que deveríamos fazer alguma coisa por ele, mas confesso que não sei o que possa ser.

ARABELA - Já contratei um advogado para defender meu neto e espero que para a próxima semana já comecem a frutificar os efeitos das suas providências. Você acredita que meu neto fosse capaz de matar Luiz Henrique?

CLAUDIA - De que maneira alguma. Por mais fortes razões que seu Rodrigo pudesse ter de uma pessoa, jamais teria coragem para matá-la. Quando muito poderia espancá-lo... e olhe lá!

ARABELA - Petrônio é um homem horrível! Eu que vivi tantos anos ao seu lado, quando me ferido de minha filha, jamais pude imaginar que fosse capaz de odiar a alguém do seu sangue com tamanha intensidade! E sem razão, afianço-lhe apenas por desconfiança.

CLAUDIA - Eu sei. Nunca tive a menor dúvida a este respeito. Seu Rodrigo é um rapaz de caráter, como muito poucos. Houve tempo em que o amei.

ARABELA - Você?!...

CLAUDIA - Eu, sim. E amei-o com aquela cegueira, aquele desespero da moça que já não é criança e que deseja conhecer o amor de sua intimidade. Seu Rodrigo penetrou no meu íntimo e compreendeu o meu drama.

ARABELA - Que fez êle?

CLAUDIA - O que só um rapaz digno seria capaz de fazer. Afastou-se, tendo tido o cuidado, ainda, de inventar uma razão qualquer que não me magoasse e advertir-me contra essa facilidade que as moças têm de deixar que os homens penetrem até ao âmago dos seus corações, sem pensar nas consequências, quasi sempre desastrosas, de darem-se por inteiro, sem guardar reservas. E continuou a tratar-me com a mesma deferência e o mesmo respeito. Se o homem tivesse sido outro que não fosse êle... eu hoje estaria perdida. Hoje o meu amor por êle transformou-se em respeito, admiração, amissão a mais profunda e dedicação constante. Quero a felicidade dele, independente da mulher que possa estar ao seu lado.

ARABELA - É interessante como o tempo, na medida que passa, vai nos revelando os sentimentos de cada um daqueles que nos cercam e até os nossos próprios sentimentos. Eu não gostava de você. Achava-a fria, polida demais, presumçosa e falsa. Tinha a impressão que detestava Rodrigo e procurava prejudicá-lo. Muitas vezes acreditei que você tivesse empestado sua colaboração nas maldades que o atingiram.

CLAUDIA - Deus me livre! Amãca!

ARABELA - (sem parar) Mas o tempo foi passando, mostrando a verdadeira face de cada um dos nossos circunstantes e se nos ^{fez sofrer} ~~afetou~~, por vezes, grandes decepções, também nos deu o prazer de surpresas agradáveis, como é esta que estou tendo agora. E é bom saber que posso contar com a sua colaboração sincera porque ela, para nós, será de grande valia, uma vez que está quasi sempre ao lado de Petrônio e poderá nos fornecer pistas e informações valiosas.

CLAUDIA - Tenho, inclusive, a duplicata da chave do seu cofre que êle pensa ter perdido, mas que eu me apossei dela quando comeci a compreender que ~~o~~ Rodrigo não dispunha de qualquer arma para lutar contra as maldades de seu pai.

ARABELA - Você tem a chave do cofre de Petrônio? Ótimo!... Ele deve ter, lá dentro, uma série de provas que o condenem.

CLAUDIA - Acredito que sim, mas nunca mexi em nada e penso que só mexerei no momento em que Rodrigo seja condenado. E era precisamente sobre isto que eu desejava falar com a senhora. Antes de fazer isto, eu precisaria fugir daqui e levar, para qualquer canto ignorado, as duas pessoas que de mim dependem. A senhora me auxiliaria?

ARABELLA - Claro. Dar-lhe-ei todos os recursos necessários para que você se instale com sua família, onde você desejar.

CLAUDIA - Então agora ~~xx~~ já posso lhe prometer que farei "tudo" para salvar seu neto. Eu talvez devesse proceder sem pedir nada e sem medir consequências, mas duas vidas dependem de mim e dos recursos que obtenho. Que eu jogue com a própria vida em favor de quem eu goste, está certo, mas que arraste comigo mais duas vidas inocentes, não se justifica. O tributo terá que se pagar unicamente por mim. Espero que a senhora me compreenda.

ARABELLA - Se já não tivesse compreendido, nada teria lhe prometido, porque si há coisa que eu deteste, na minha vida, é a chantagem. Portanto, Cláudia, vá descansada, na certeza de que eu a compreendi e a auxiliarei.

CLAUDIA - Obrigada, dona Arabela! Mil vezes obrigada! Eu desejava tanto salvar Rodrigo, mas não podia fazer nada, porque tinha os pés e as mãos atadas. Agora a senhora me libertou!

TROMBICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CORÁLIA - Você tem certeza de que ninguém a seguiu?

IRACEMA - Certeza absoluta. De momento o centro de atenções é em Diamantina, de maneiras que você pode estar inteiramente tranquila. Tanto mais que o nosso perseguidor sumiu. Você sabe que tenho muitas desconfianças de que titio foi morto por ele?

CORÁLIA - Iracema! Como é que eu não tinha me lembrado disto?! Você tem razão. Com certeza exigiu que titio dissesse onde estava a criança, titio não quis dizer à ele, em vingança, o matou.

IRACEMA - Si ele fôsse realmente da polícia, como dizia ser, o mais natural era que neste momento aparecesse e ajudasse as investigações. Não lhe parece?

CORÁLIA - Tanto mais que ele parecia saber ~~alguma~~ coisa sobre Luizinho, não é mesmo?

IRACEMA - Mas a impressão que eu tenho é que o nome do garotinho, até agora, ainda ~~não~~ foi citado, embora eu esteja absolutamente certa de que foi ele o pivô do crime.

CORÁLIA - E o moço, preso como suspeito, também não fez nenhuma referência a ele?

IRACEMA - Nenhuma. Apenas falou sobre titio.

CORÁLIA - E que disse ele?

IRACEMA - Certas coisas que eu já desconfiava: que titio havia sido amigo de sua Avó mas que esta, mais tarde, rompeu com ele por ter podido verificar que ele era desonesto e oportunista.

TROMBICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

CORÁLIA - E você não reagiu a essas acusações ao seu tio, Iracema?

IRACEMA - Não, Corália, porque me lembrei das coisas que mãe sempre nos contava a respeito do testamento de Vovô. Ficou tudo na mão de titio, você deve se lembrar.

CORÁLIA - Mas êle nunca deixou de auxiliar mãe.

IRACEMA - Ora auxiliar, Corália! Devolver uma pequena parte do que era nosso e que êle absorveu por meios ilícitos, para depois botar tudo fora e nós sermos obrigadas a passar o que passamos. Por mim nunca me queixei, nem senti revolta, mas por mãe, que muitas vezes necessitou de um remédio e não pode comprá-lo, tive ganas de tio Luiz Henrique, ganas. Depois esqueci e quando êle procurou se aproximar de nós e deu a você a grande alegria de tomar conta do garotinho, apagou por completo a amargura que estava sempre ligada à sua lembrança, dentro do meu coração.

CORÁLIA - Pobre titio! Foi toda a vida um desastrado.

IRACEMA - E até depois de morto continua sendo, porque lá está preso, injustamente, por sua causa, um pobre rapaz inocente, que precisa dignidade e de cência por todos os poros. Ah que se não fôsse o medo de que você perdesse o garoto, Corália, eu teria feito declarações que haviam de transformar completamente as diretrizes do processo.

CORÁLIA - Não, Iracema, não! Por favor! Nem pense nisto! Se me tirarem esse menino... juro-lhe que me materei!...

TÉCNICA
EXPLOSAO MUSICAL - FUNDE COM CARACTERÍSTICA PARA FIM DO CAPÍTULO.

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA

CORÁLIA - Pobre titio! Foi toda a vida um desastrado!

IRACEMA - E até depois de morto continua sendo, porque lá está preso, injustamente por sua causa, um pobre rapaz inocente, que respira dignidade e decência por todos os poros. Ah que se não fosse o medo de que você perdesse o ga-roto, Corália, eu teria feito declarações que haveriam de transformar, completamente, as diretrizes do processo.

CORÁLIA - Não, Iracema, não! Por favor! Nem pense nisso! Se me tirarem esse menino... juro-lhe que me matarei!...

TÉCNICA - ACORDE QUE É UMA VERGASTADA DE SUSTO.

IRACEMA - Como você é exagerada, Corália! Será possível que, em tudo, você precise chegar ao extremo? Em primeiro lugar eu já disse a você que fiquei calada para que isto não acontecesse e em segundo lugar, se por uma infelicidade de você tivesse que entregar a criança, não acho que fosse caso para você liquidar com a vida. Na tanta criança desamparada por esse mundo afóra... Não faltaria quem lhe quizesse entregar uma para que você pudesse derramar sobre ela todo esse carinho que lhe inunda o coração.

CORÁLIA - Mas eu já me afeiçoei a êle. Luizinho é o filho que eu desejei toda a vida e que não tive.

IRACEMA - Escute/ uma coisa: você teria coragem de conservá-lo escondido, se soubesse que êle havia sido raptado de sua mãe - digamos - e que esta sofria horrivelmente com a sua ausência?

CORÁLIA - Arre, Iracema, também você logo imagina o pior! Tio Luiz Henrique contou-nos que ninguém, da família da moça, queria saber da criança.

IRACEMA - Mas êle também nos contou que ~~xxxxxxaxaxaxaxax~~ tinha um emprego muito bom que lhe rendia um bom dinheiro por mês e a verdade apareceu agora: êle não tinha emprego nenhum e o dinheiro que recebia era uma contribuição de um ricoço para o Asilo Santa Elisabeth que nunca recebeu o tal dinheiro, porque vinha por intermédio de titio e ele não o entregava.

CORÁLIA - Meu Deus! Titio fazia isto? Tirava dos órfãos para gastar com êle próprio? Nem posso acreditar, Iracema. Acho uma falta total e absoluta de temor a Deus. Não acredito que titio fizesse isto! Não acredito!

IRACEMA - Mas pode acreditar, porque êle fazia. Ia ser responsabilizado, precisamente naqueles dias em que foi morto.

CORÁLIA - Meu Deus! Quantas surpresas a vida nos oferece, a cada instante! Quer dizer que a aparente regeneração de titio, nada mais era do que uma nova modalidade que êle empregava para esconder as faltas que cometia?

IRACEMA - Exatamente. Pelo que me foi dado apurar em Diamantina, a sua mudança de vida ~~era~~ não foi mais do que um estratagemma para desviar suspeitas. É lamentável termos que chegar a essa conclusão, mas os fatos estão aí pa-
ra atestar a sua conduta que nem o nosso afeto e a nossa boa vontade podem esconder.

CORÁLIA - Foi uma pena que êle não tivesse se regenerado sinceramente, para sal-
var sua pobre alma das penas do purgatório, mas isto vem confirmar um
velho ditado que mããe usava muito: o que o berço nos dá, só o túmulo
nos tira. E mããe dizia isto, referindo-se exatamente a êle, quando fra-
cassava em alguma das suas tentativas para chamá-lo à razão.

IRACEMA - Quando fracassava em alguma, diz você? Coitada de mããe! Fracassou em
todas as suas tentativas. Todas. Não houve uma só que surtisse efeito.
Parecia que tudo ia muito bem, andando muito direitinho, etc. e tal...
mas de repente surgia uma das suas falcatruas e ia tudo por agua abaixo.
Foi lembrando essas coisas todas, que nunca acreditei muito nas históri-
as que êle contou a respeito do garoto. Bem, mana mas eu estou cansada
e vou viajar amanhã de madrugada para Ouro Preto. Preciso descansar os
músculos e os nervos.

CORÁLIA - Você não quer tomar nada, antes de deitar?

IRACEMA - Não, obrigada. Jantei bem. Muito melhor do que esperava. Onde é que vou
dormir? No quarto de hóspedes?

CORÁLIA - Não. Fique no quarto da madrinha para ficarmos mais perto uma da outra.

IRACEMA - E sua madrinha, quando vem da cidade?

CORÁLIA - Escreveu ontem e pensa estar de volta só no fim do mês. Está aproveitan-
do que eu estou aqui no seu lugar. Diz que não é sempre que consegue es-
sa folga com tanto descanso de espírito.

IRACEMA - E você, aqui, atribuladíssima com os seus pensamentos. É para ver como
é a vida. Bem, boa noite mana.

CORÁLIA - Boa noite, Iracema. A que horas quer que a chame?

IRACEMA - Não precisa se incomodar. Já botei o despertador e já combinei com o
Glicério para levar-me no jeep à estação. Você pode ficar deitada.

CORÁLIA - Boa noite, então. Durma bem. É boa viagem para você, si eu não me acor-
dar na hora do seu embarque.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL, PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

PETRONIO - A Senhora é a superiora deste Asilo?

I. CARIDADE - Exatamente.

PETRONIO - Pois eu vim até cá, porque precisava de uma informação sua.

I. CARIDADE - Pois não...

PETRONIO - Não esteve, recolhido a este asilo, um menino de um ano e meio, mais ou menos, trazido por um velhote de meia estatura, quasi totalmente calvo, ha uns três mezes passados?

I. CARIDADE - O senhor é a terceira pessoa que vem a este asilo procurar esse menino, mas ele não está aqui e nem nunca esteve. Era pequeno demais e eu me recusei a recebê-lo, por não ter condições de tratá-lo convenientemente. O limite mínimo de idade, para ingresso na casa é quatro anos. As crianças precisam, pelo menos, locomover-se sósinhas, entende? Somos muito poucas, para cuidar de muitos.

PETRONIO - Sim, sim, entendo... entendo... Mas o interessante é que o velhote me garantiu que a criança tinha sido recebida pela senhora e ficaria aqui.

I. CARIDADE - Ele me pediu que a deixasse passar uma noite e que, no dia seguinte às onze horas viria buscá-la para levar a uma casa que eu mesma indiquei em Goiás, onde as crianças são muito bem cuidadas e orientadas, sem limite de idade para ingresso. E foi o que aconteceu. Ele veio logo, levou a criança... e nunca mais os vi. Disse alguém que eles haviam ficado na cidade, o que eu acreditei, porque uma das pessoas que veio procurar o garoto, foi até a essa casa de que eu lhe falei, em Goiás e voltou dizendo que eles não haviam aparecido lá.

PETRONIO - E essas pessoas que vieram procurar o menino, a senhora tem ideia do tipo físico de cada uma, para me dar uma orientação?

I. CARIDADE - A última foi um rapaz. Eu me lembro bem, porque não faz muito tempo. Talvez uma questão de dez ou doze dias.

PETRONIO - E como era esse rapaz? Pode me dizer?

I. CARIDADE - Alto... moreno... cabelos pretos e olhos claros. Verdes, se não me engano.

PETRONIO - Exato. São verdes, sim. É o pai do menino.

I. CARIDADE - O pai?! Ah, coitado! Por isso que ele estava tão desesperado para encontrá-lo.

PETRONIO - Agora, porque até ha bem pouco tempo, negava, a pés juntos, a paternidade da criança. (PAUSA) E o outro, ou outra... a senhora se lembra?

I. CARIDADE - Foi um homem, também, mas este já faz mais tempo. Era um homem não muito alto, mas bastante forte. Olhar duro. Voz imperiosa...

PETRONIO - Não sei quem possa ser. Não conheço ninguém - ou pelo menos assim de momento não me lembro de ninguém - que tenha essas características. Os nomes êles não lhe deram, pois não?

I. CARIDADE - Não senhor. Eu não pedi... eles também não disseram... Houve foi uma qualquer coisa com relação a umas remessas de dinheiro que eram feitas para esta casa e que nós nunca recebemos. O delegado de polícia esteve aqui colhendo informes.

PETRONIO - Eu sei. Essas remessa eram feitas exatamente por mim.

I. CARIDADE - Ah, sim?! Mas o senhor o que é que é do garotinho?

PETRONIO - Avô!

TECNICA - ACORDE MUSICAL EM FUADO. (DEVE REPLETIR O SENTIMENTO INTERIOR DE PETRONIO)

I. CARIDADE - Ah, sim... estou compreendendo... Um drama de família...

PETRONIO - Exatamente. Os moços nunca querem aceitar os conselhos dos mais velhos. Julgam-se suficientes para resolver, sósinhos, todas as coisas difíceis com que se deparam e depois o resultado é esse. Chega o inevitável, quando já não há mais tempo para retroceder e as soluções que encontram e que aplicam, são sempre as mais daninhas e prejudiciais.

I. CARIDADE - O senhor vai me perdoar de ser tão franca na minha opinião a respeito dos jovens. Os jovens não são, simplesmente, desta ou daquela maneira. Os pais é que fazem deles isto ou aquilo. E sabe porque o fazem? Por negligência, para não ter trabalho e por não quererem contrariar os filhos. Educar é difícil... dá trabalho... exige constância... é muito mais agradável deixar o filho distraído com aquilo que êle quizer fazer e ir assistir a uma sessão de cinema ou jogar uma rodinha de pocker com as amigas. Então as crianças se criam livremente, como erva daninha, ao sabor do tempo, sem contrôlo, sem orientação e sem quem lhes aponte o perigo do que é mau. Habitam-se, desde cedo, a fumar, namorar livre e escandalosamente, jogar, tal como os pais fazem, e quando encontram uma dificuldade, não têm o menor escrúpulo em roubar, beber e matar! Os jovens de hoje não são culpados da maior parte do que fazem, não, meu senhor. Os pais. Os pais, sim, é que são os grande culpados de tudo. Pergunte aos pais desses moços transviados que andam por aí, o que fizeram para impedir as inclinações reprováveis dos filhos? Verá que nada. Absolutamente nada. Uns porque não quizeram se dar ao trabalho de fazer. Outros por não terem contido os filhos de pequenos e faltar-lhes, depois, a força necessária para impedir os erros mais graves. É meu ami

I. CARIDADE - (CONTINUAÇÃO) amigo, pode crer nas minhas afirmativas. Essa geração de jovens que vemos hoje alucinados, incoerentes, desrespeitosos, cometendo toda sorte de agravos à moral e à sociedade, não tiveram um pai ou uma mãe que lhes mostrasse o caminho certo da vida e os deixaram, por comodismo, seguir livremente por onde lhes pareceu mais agradável, e mais sedutor.

PETRONIO - (DEPOIS DE PAUSA) É... talvez a senhora tenha razão.

I. CARIDADE - Talvez, não. Pode estar certo de que eu estou com a razão. E enquanto os pais não orientarem os filhos no caminho da verdade, pode acreditar que o resultado há de ser sempre este.

PETRONIO - A senhora disse "o caminho da verdade," irmã?

I. CARIDADE - Sim.

PETRONIO - E qual será o caminho da verdade?

I. CARIDADE - Um só. O caminho de Deus!

TECNICA - EXPLOSTÃO MUSICAL, FUADE COM CORTINA PARA FINAL DA 1ª PARTE DO CAPÍTULO.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - MUSICA PARA INÍCIO DA 2ª PARTE DO CAPÍTULO.

BELMIRA - A senhora chorou, dona Leila.

LEILA - Claro. Depois de ler uma carta tão triste como a que Rodrigo me escreveu, tu querias que eu desse risadas?

BELMIRA - É lógico que não, mas também não quero que se deixe abater por um dissabor a ponto de chorar. As lágrimas trazem desânimo e a senhora não pode desanimar. Acho que já que não pode fazer outra coisa por ele, deve ajudá-lo com bons pensamentos. Então não sabe que o pensamento é uma força que pode operar milagres?

LEILA - Sei, porque tu já me disseste isto dezenas de vezes, nestes poucos dias, mas sei também que não existe força capaz de conter o pranto, quando ele extravasa de um coração ferido. É claro que si ele estivesse presente, eu estaria contendo o meu pranto para não chorar na frente dele, mas uma vez que não está, por que hei de mentir a mim mesma? Tenho vontade de chorar, choro. Alivia o meu coração.

BELMIRA - Está bem, faça lá como quiser e como achar que lhe vai melhor à alma; só o que lhe peço é que compreenda a minha intenção e não se irrite comigo, está bem?

LEILA - Desculpe, Belmira.

BELMIRA - Não há necessidade de me pedir desculpas. O que diz ele, na carta, que a deixen assim tão deprimida?

LEILA - Ouça e veja si eu não tenho razão para estar triste. (LENDO) Minha querida.

RÓDRIGO (VOZ DE CAMÉIA) Não sei mais se o tempo ainda, ou se está parado. Não sei se é dia ou ^é noite, não sei se a vida ~~está~~ ^{morrer}... ou se continua. Tudo é igual para mim, neste isolamento cruel em que me encontro, a sós com os meus pensamentos. Há um relógio de uma torre de igreja, não sei se perto ou distante, que de quinze em quinze minutos, do dia e da noite, ~~xxxxxx~~ sacode os meus pensamentos e os faz mudar de rumo, por um momento. Há pouco, quando o escutei, lembrei-me que êle faz como o fônda dos frades trapistas que, no convento, de quinze em quinze minutos, bate na ^{da cela,} ~~portas~~ outros frades, para dizer-lhes: "Irmão, é passado mais um quarto de hora da tua vida; lembra-te que tens que morrer". (repetindo) Lembra-te que tens que morrer! Como se não fosse a morte o que estou vivendo. Longe de tudo e de todos! Longe de ti, meu amor! Não há cruz mais pesada que a do rosário da ausência, quando as contas das horas são desafiadas, uma por uma, entre um soluço e uma saudade! Por que estou aqui, triste e sózinho, sem o consolo de uma voz amiga, no dolorido abandono da distância, anciando pela tua voz... pelo teu sorriso... pelo teu afago... pelo teu beijo! E por que não desce sobre mim, ao menos, já que tanto sofro, o manto escuro e pesado de uma noite sem sonhos? ^{sem quizera poder} ~~adormir~~ um sono plácido... tranquilo... sem angústias e sem temores e assim, por algumas horas, gosar a trégoa do esquecimento! Escreve-me sempre, querida. O alvoroço que precede à abertura de cada uma das tuas cartas, ainda é a única coisa boa que não me foi roubada.

LEILA - (voz de choro) Do teu, sempre teu, Rodrigo. (PAUSA LONGA) Viste? Também t'ficaste com os olhos cheios de lágrimas. (imitando) Também não deves chorar. As lágrimas trazem desânimo e tú não deves desanimar (TOM) É bom a gente dizer, não é? Mas fazer é que é difícil.

BELMIRA ~~XXXXXXXX~~ - Pobre do seu Rodrigo! Parece até mentira que uma alma tão boa, possa ser acusado de um crime tão revoltante! E tudo por querer fazer o bem e encontrar o irmãosinho. Mas sabe de uma coisa, dona Leila? Eu tenho a impressão que, de repente, Deus se dá conta do que está permitindo que aconteça e as coisas todas comecem a se modificar.

LEILA - Deus te ouça, Belmira. Deus te ouça!...

TEONICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

EUGÊNIA - É então, Catarina? Que resolveu, afinal? Você fica comigo ou vai embora?

CATARINA - Eu queria ficar, dona Eugênia, mas neste momento eu estava precisando, muito, que ~~xxxx~~ a senhora me concedesse uma semana de férias. Precisava ir em

CATARINA - (CONTINUAÇÃO) casa. Tenho lá muitas coisas a fazer e já não posso mais protelar. Se a senhora concordar em que eu vá, eu voltarei dentro de seis ou oito dias e continuarei trabalhando na sua casa. Se não concordar...

EUGENIA - (DEPOIS DE PAUSA) Se não concordar?

CATARINA - Eu não terei outro remédio, senão tomar uma deliberação extrema e deixar, definitivamente, a sua casa. A questão, portanto, está mais nas suas mãos do que nas minhas.

EUGENIA - (PENSANDO ALTO) Eu sei que vou desgostar Tereza, mas não quero perder Catarina. Ela representa, sempre, uma grande esperança para o meu coração. (TOM) Está bem, Catarina, eu lhe concedo uma semana de licença para voce ir à sua casa. Não era isso o que você queria?

CATARINA - Exatamente. E posso seguir amanhã?

EUGENIA - Se você quiser, pode.

CATARINA - Pois então agora mesmo eu vou arrumar minha mala, para não fazê-lo amanhã, atropeladamente. A senhora me dá licença?

EUGENIA - * Podes ir.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA EM 2º PLANO.

EUGENIA - Eu sei que Tereza vai ficar desesperada por eu ter cedido às imposições de Catarina, mas que fazer, se o coração não me pede que a deixe ir? Talvez seja a ilusão de que meu filho me volte pelas mãos dela, que faz com que eu me empenhe em conservá-la em minha casa, sem dar ouvidos às prevenções de Tereza, mas por isto ou por aquilo a verdade é que não de~~o~~jo que ela saia de minha casa por preço nenhum. E dizem que coração de mãe não se engana... portanto eu devo estar certa.

C/REGRA - PORTA QUE ABRE E FECHA EM 2º PLANO. PASSOS DE TEREZA QUE SE APROXIMAM.

EUGENIA - Ih, aí vem Tereza e pela cara dela já está sabendo de tudo.

TEREZA - (DEPOIS DE PAUSA E PASSOS) Afinal de contas... ela obteve a licença que desejava e vai continuar aqui da mesma forma?

EUGENIA - Não, Tereza, ela tinha pedido para ir lá falar com Rodrigo. Eu não con~~co~~ordei. Você mesma advertiu-nos que não achava conveniente. Agora ela pediu para ir em casa, afim de resolver uns negócios com sua família. Eu não podia negar.

TEREZA - Negócios! Família! Essa mulher lá tem família? E se tem, lá está se im~~po~~rtando com ela?

EUGENIA - Oh, Tereza, também você não acredita nem que a criatura tenha família? Também assim é demais! Não há ninguém, por muito ruim que seja, que não tenha seu pai... sua mãe... um irmão... uma sobrinha...

TEREZA - Eu não digo que ela não tenha, mas uma mulher dessa espécie, lá vai ligar família? Ela procura é o seu interesse e nada mais. Só quer tirar partido das ocasiões. Eu não tinha lhe dito nada, mas sabe o que é que ela queria ir fazer lá? Colher todos os informes de seu Rodrigo, para depois passar pela heroína por ter encontrado Luizinho. Mas se Deus quiser, o meu sonho, como sempre, há de se realizar. Luizinho há de entrar nesta casa pela mão de seu Rodrigo.

EUGENIA - Deus te ouça, Tereza. Deus de ~~XXXXXX~~ te ouça!...

TECNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS

PETRONIO - E não haverá um jeito de conservá-lo preso?

2º DELEGADO - Se o habeas corpus for concedido, não.

PETRONIO - Está errado. Ele não devia ser libertado em hipótese alguma. É claro que, vindo-se solto, tratará logo de fugir.

2º DELEGADO - Mas si êle fugir, estará se condenando e ~~causando~~ o prejuizo.

PETRONIO - Mas até que ^{possa} ~~XXXXXX~~ ser encontrado, estará ~~gostando~~ gozando uma liberdade que não merece e que é uma afronta às autoridades. Será possível que não exista uma maneira de torcer as coisas?

2º DELEGADO - Isso é lá com quem vai julgar o pedido feito pelo advogado que o defende. O senhor converse com êles, se quiser. Da minha parte, não poderei ir além do que a lei me determina.

PETRONIO - Isto é um absurdo, uma aberração! Estão um camarada comete um crime de morte premeditado. Premeditado, veja bem. Aparecem tres ou quatro testemunhas da intenção desse crime e ainda assim o camarada é solto? Não devia ser. Não podia ser.

2º DELEGADO - Mas acontece que três ou quatro testemunhas de uma "intenção" não valem por uma da "ação", propriamente dita. Se houvesse uma testemunha, apenas, mas que houvesse testemunhado o fato, não seria preciso mais ninguém para influir na condenação. Mas ninguém viu o rapaz matar e o médico que denunciou o crime, ou melhor, que avisou à policia, foi chamado pelo próprio rapaz, para atender a vítima. Isso é uma grande atenuante a seu favor.

PETRONIO - Já tenho três advogados contratados para acusá-lo, preciso, agora, contar com auxílio de alguém lá no Tribunal. Você não conhece ninguém com

PETRONIO - (CONTINUAÇÃO) quem eu possa tentar um entendimento?

2º DELEGADO - As minhas relações com pessoas que possam ter influência no Tribunal, são muito superficiais. Faz pouco tempo que me encontro neste serviço e não tenho maior intimidade ~~com nenhum dos elementos lá atuantes~~ de formas que uma apresentação minha não surtiria o menor efeito.

PETRONIO - É pena, mas eu não desisto. Preciso arranjar um jeito de chegar até a essa gente e hei de chegar a qualquer custo.

2º DELEGADO - O senhor sabe que eu extremho muito o seu enorme interesse em condenar o seu filho? Confessa-lhe que nunca vi coisa semelhante.

PETRONIO - Pois então que Deus o livre de possuir, um dia, um filho tão ordinário como o meu! Só se essa desgraça lhe acontecesse o senhor poderia compreender a razão do meu ódio e da minha revolta!

TÉCNICAS CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

IRACEMA - (MONÓLOGO) Amanhã preciso levantar cedo, apesar do cansaço da viagem, para telegrafar a Corália e dizer-lhe que cheguei bem. Ela ficou tão preocupada que um telegrama para ela bem de madrugada. Foi pena que eu não me lembrei de passar no telégrafo, quando vim da Estação. Amanhã, já poderia dormir um pouco mais.

G/REGRA - CAMPAINHA DE PORTA TOCA DUAS VEZES.

IRACEMA - Ué! Quem será a esta hora da noite?! Talvez a vizinha para saber como cheguei...

G/REGRA - PASSOS SEMPRE EM PRIMEIRO PLANO. RUIDO DE RODAR CHAVE NA PORTA. RUIDO DE ABRIR PORTA DE RUA.

IRACEMA - Quem é?

JERONIMO - Boa noite.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE SUSTO.

IRACEMA - Como?!... O senhor outra vez?!...

TÉCNICA - LUZ FORTE COM MUSICA PARA BUCERRAR O CAPÍTULO.

55º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

IRACEMA - (MONOLOGANDO) Amanhã preciso levantar cedo, apesar do cansaço da viagem, para telegrafar a Corália e dizer-lhe que cheguei bem. Ela ficou tão preocupada, que um telegrama fará o grande bem de acalmá-la. Foi pena que eu não me lembrei de passar no telégrafo, quando vim da Estação. Amanhã já poderia dormir um pouco mais.

C/REGRA - CAMPAINHA DE PORTA TOCA DUAS VEZES.

IRACEMA - Uê! Quem será, a esta hora da noite?! Talvez a vizinha, para saber como eu cheguei.

C/REGRA - PASSOS SEMPRE EM PRIMEIRO PLANO. RUIDO DE RODAR CHAVE NA FECHADURA. RUIDO DE ABRIR PORTA DE RUA.

IRACEMA - Quem é?

JERONIMO - Boa noite.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE SUSTO.

IRACEMA - Como?!... O senhor outra vez?!...

JERONIMO - Eu, sim. Pensou que tinha se livrado de mim?

IRACEMA - Não. Mas confesso que extranhei a sua ausência, logo nos primeiros dias da morte de meu tio. Não sei, mas... parece-me... que era justamente o momento mais próprio para apertar as investigações.

JERONIMO - Eu não paro... não recuo... mas também não precipito. Gosto de dar tempo ao tempo porque sou dos que acreditam que de vagar se vai ao longe.
(TOM) Não me convida para entrar?

IRACEMA - Desculpe, mas a esta hora eu não costumo receber visitas, principalmente quando estou sósinha.

JERONIMO - Está sósinha? Como? Sua irmã não mora com você?

IRACEMA - Já me disse que minha irmã veio para uma casa de doentes nervosos e lá permanecerá muito tempo. Talvez seis meses... um ano... o médico não quis fazer nenhuma previsão.

JERONIMO - Eu gostaria de ver sua irmã... conversar um pouco com ela...

IRACEMA - Não lhe darão licença. Eu que sou ~~da família~~ ^{da família}, não tenho permissão para falar-lhe... muito menos um estranho como é o senhor.

JERONIMO - Um estranho talvez não consiga, mesmo, mas ~~um~~ ^{um} delegado de polícia, talvez não seja tão difícil romper a barreira de isolamento que ~~querem~~ ^{pretendem} colocar em torno dela. Portanto, eu lhe peço que me dê o endereço da ca

JERONIMO - (CONTINUAÇÃO) sa onde sua irmã se encontra recolhida.

IRACEMA - Desculpe, mas não lhe dou.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE SUSTO.

JERONIMO & Como?!... A senhora disse que não me dá o endereço?

IRACEMA - Isto mesmo.

JERONIMO - E sabe que pode ser condenado por omissão?

IRACEMA - Mas condenada de que? Por que? Não tenho nenhum crime pelo qual possa ser responsabilizada. Minha irmã está doente dos nervos. Como ficará se aparecer-lhe um estranho a fazer-lhe perguntas exquisitas que ela, coitada, nem saberá como responder? Não posso permitir isto e não permitirei, ainda que pretendam obrigar-me.

JERONIMO - A senhora disse que não tem nenhum crime pelo qual possam responsabilizá-la?

IRACEMA - Disse.

JERONIMO - Mas e se aparecer uma testemunha que afirme que a senhora feriu seu tio, numa discussão, antes de embarcar?

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE SUSTO.

IRACEMA - O senhor está louco! Está maluco! Quem poderia pensar de mim uma coisa destas?

JERONIMO - Quem? Talvez a própria polícia. Tanto mais que o rapaz que está preso, afirma e jura que já encontrou seu tio ferido. Já pensou como a fusão dessa duas declarações poderiam complicá-la?

IRACEMA - Mas isso só por maldade alguém poderia pensar e fazer.

JERONIMO - Por maldade... ou por interesse. Mas não se assuste, não porque isto talvez não seja necessário acontecer à senhorita.

IRACEMA - Como assim? Não entendi o que está querendo insinuar.

JERONIMO & Eu quiz dizer que talvez não precise chegar a êsse extremo, para obrigá-la a dar-me o endereço da casa onde está sua irmã.

IRACEMA - Mas como?! O que o senhor está pretendendo fazer comigo é quasi uma chantagem, ou melhor, é exatamente uma chantagem.

JERONIMO - Ora, vamos, também não é preciso exagerar tanto as coisas! O que eu faço é, simplesmente, forçá-la a me dar uma informação que eu necessito e que a senhora se nega. (PAUSA E TOM) E então? Não acha que levará uma grande vantagem, se chegarmos a entrar num acôrdo?

IRACEMA - Não entro em nenhum acôrdo dessa espécie. Não lhe darei o endereço de minha irmã.

JERONIMO - Mesmo sabendo o que possa lhe acontecer?

IRACEMA - (FORTE E SEGURA) Não lhe darei o endereço de minha irmã, repito.

JERONIMO- Tenha cuidado, moça! Não se precipite! A gente nunca deve fazer as coisas sem pensar. Em geral, sempre nos arrependemos das coisas que fazemos precipitadamente. Por isso eu vou lhe dar um prazo para que a senhora pense bem, antes de resolver.

IRACEMA - Não preciso prazo algum. Minha resolução está tomada. Já lhe disse que não lhe darei o endereço de minha irmã. Nem para o senhor e nem para ninguém que pretenda exigí-lo de mim.

JERONIMO- Mas ainda assim, eu vou lhe dar toda uma noite para pensar. Amanhã voltarei aqui para saber se não mudou de ideia. Boa noite.

IRACEMA - Boa noite.

C/REGRA - BATE A PORTA MEIO VIOLENTA E PASSA LOGO A CHAVE NA PECHADURA. (PAUSA)

IRACEMA - O que este homem está me parecendo, é um perigoso chantagista. Mas enganou-se comigo, se pensa que pode me amedrontar. Eu não trairei o segredo de Corália nem que me deixem encarcerada pelo resto da vida!

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CATARINA - Eu queria falar com o seu Petrônio.

CLAUDIA - Seu Petrônio não está. A senhora não podia deixar o recado?

CATARINA - Não, porque o assunto que me traz aqui é confidencial.

CLAUDIA - Mas eu trato de todos os assunto confidenciais do seu Petrônio. Ele não lhe disse?

CATARINA - Quem é a senhora?

CLAUDIA - Sou Cláudia. A secretária dele.

CATARINA - Quer dizer que a senhora faz parte... (baixa a voz) da quadrilha?

CLAUDIA - Claro! Então a senhora acha que, como secretária, ele podia me deixar de fora?

CATARINA - Sabe o que é? Eu preciso viajar para Diamantina, para ajudar a complicar a vida do moço, que está lá detido pelo crime do velho, mas precisa de dinheiro para as minhas despesas. Por isso vim procurá-lo. Queris que ele me desse verba.

CLAUDIA - Mas ele está lá em Diamantina.

TÉCNICA - ACORDE DE SUSTO E DESGRADO.

CATARINA - Seu Petrônio?! Ele tinha ido, logo depois do fato, mas voltou.

CLAUDIA - É verdade, mas não pode permanecer longe do palco dos acontecimentos porque o seu ódio pelo filho não lhe dá trégoa.

CATARINA - Eu é que era para ter ido no lugar dele.

CLAUDIA - Eu sei. Seu Petrônio falou comigo pelo inter-fone, quando a senhora estava lá dentro, esqueceu-o ligado e eu, sem querer, ouvi toda a con
~~vers~~versa que tiveram.

CATARINA - Mas interessante é que eu não me lembro da senhora aqui.

CLAUDIA - Não fui eu que recebi a senhora. Foi seu Petrônio mesmo. Eu estava lá dentro, com a faturista, quando a senhora entrou.

CATARINA - E quando eu saí?

CLAUDIA - Eu estava, mas a senhora saiu tão zangada, que nem me viu.

CATARINA - Saí zangada, mesmo. Mas a senhora que ouviu toda a conversa, não acha que eu tive razão?

CLAUDIA - Toda razão. Seu Petrônio foi muito injusto com a senhora. Eu não devia dizer, mas foi.

CATARINA - Não devia dizer, por que? Devia, sim senhora. Afinal de contas, seu Petrônio dizer o que me disse, sabendo que ~~eu~~ eu posso comprometê-lo, no momento que quizer?

CLAUDIA - E o que êle disse para a senhora mesma, não foi nada. A senhora preci
sava ouvir o que êle me disse, depois que a senhora saiu.

CATARINA - É mesmo? Mas que ordinário! Tudo que eu fiz, até hoje, foi mandado por êle e êle ainda tem o topete de falar mal de mim?

CLAUDIA - E o pior de tudo a senhora não sabe. É que êle não tem confiança nenhuma na senhora. Si eu tivesse certeza que a senhora não me deixaria ~~mal~~
mal, eu lhe contaria tudo que sei.

CATARINA - Pode ter confiança. Pode contar tudo que sabe, porque eu não tocarei no seu nome. É como si eu nem tivesse falado ~~com~~ com a senhora.

CATARINA - Ele disse que a senhora já cometeu até crimes.

TÉCNICA - ACORDE MUSICAL FORTE, DE SUSTO.

CATARINA - Crimes?! Mentira. Cometi um crime, apenas e ele sabe perfeitamente porque foi. Ele que não me faça falar! Ele que não me faça falar, porque o dia que eu abrir a minha boca, vai muita gente boa para a cadeia, junto comigo. (frisando) Muita gente boa!

CLAUDIA - Ele falou tudo, aí, mas para falar a verdade, eu nem prestei muita atenção. Só me lembro bem mesmo, é dele dizer que não tinha nenhuma confiança na senhora e que a senhora até já tinha cometido vários crimes, pelo prazer de liquidar as pessoas, sem necessidade.

CATARINA - Ordinário, ingrato. Sem necessidade, imagine! Se matei Marina, foi porque ela se negou e prestar-nos auxílio, depois de ter concordado

CATARINA - (CONTINUAÇÃO) em fazer parte do grupo e estar senhora de todo o nosso plano. E ele mesmo foi quem disse: si ela não concordar, por se ter arrependido, terá que ser eliminada sumariamente, antes que denuncie as nossas atividades à polícia, ou fique por aí batendo com a língua nos dentes, o que também nos pode comprometer.

CLAUDIA - E a senhora acha que esse outro crime que foi cometido agora, também foi a mando dele?

CATARINA - Não duvido nada. E era para descobrir isto que eu precisava ir agora a Diamantina.

CLAUDIA - Mas ele fez declarações que comprometeram muito o próprio filho. A senhora acha que teria sido o rapaz?

CATARINA - Foi nada. Eu conheço bem seu Rodrigo. Trabalhei muitos anos para a avó dele, dona Arabela. Seu Rodrigo é homem incapaz de matar uma mosca, quanto mais um ser humano. Foi pena que ele teve a infelicidade de chegar lá, no momento que o homem tinha sido ferido de morte. Se tivesse fugido, nada lhe aconteceria, quis socorrer o homem e tentar salvá-lo... aí está o que aconteceu. Aquele trabalho era pra mim, mas aconteceu que alguém se adiantou e me poupou o sacrifício, porque cá entre nós... eu não gosto de matar. O resto tudo eu faço e não dou bola, mas tirar a vida de alguém, me deixa meio deprimida, por dois ou três dias.

CLAUDIA - É, deve ser enjoado, mesmo. Mas então a senhora agora queria ir até lá?

CATARINA - Queria, não. Eu precisava ir. Queria esclarecer o negócio do crime e saber se não foi um certo sujeito que eu desconfio.

CLAUDIA - Mas e por que então não vai?

CATARINA - Já lhe disse. Estou sem verba.

CLAUDIA - Isso não tem importância. Eu lhe forneço o dinheiro e a senhora vai.

TECNICA - EXPLOSAO MUSICAL, FUNDE COM MUSICA PARA FIM DA 1ª PARTE DO CAPITULO.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TECNICA & MUSICA PARA ABERTURA DA SEGUNDA PARTE.

CLAUDIA - Eu lhe forneço o dinheiro e a senhora vai.

~~CLAUDIA~~ CATARINA - É mesmo?! Você será capaz de fazer isto para mim?

CLAUDIA - É claro que faço, mas a senhora não poderá dizer ao seu Petrônio, nem a ninguém, que eu lhe adiantei dinheiro. Combinado?

CATARINA - Ora, menina, pode ficar inteiramente descansada. Eu lá sou mulher de trair a quem me ajuda? Só poderia ter prejuízo, com isto.

CLAUDIA - Claro, isso é. Já não teria mais quem lhe contasse as coisas que seu Petrônio pensa e diz.

CATARINA - Lógico. Quando não fosse por gratidão, seria por esperteza.

CLAUDIA - Quanto a senhora vai precisar? É muita coisa?

CATARINA - Nem tanto. Acho que uns cincoenta ou sessenta mil cruzeiros resolvem facilmente a parada.

CLAUDIA - Então não tem problema. Eu tenho um pouco mais do que isto no banco, posso lhe dar um cheque. Só que depois a senhora vai ter que dar um jeito de me devolver essa importância, porque vou precisar dela no fim do mês que vem. É um dinheiro que já está destinado.

CATARINA - Antes do fim do mês eu já lhe terei devolvido. Seu Petrônio tem que me entregar mais de trezentos mil cruzeiros... É que eu tenho deixado o dinheiro na mão dele, porque se vem para a minha eu gasto, entende?

CLAUDIA - Está bem. Então aqui está o cheque e estamos combinadas. Antes do fim do mes que vem...

CATARINA - ... eu lhe devolverei os sessenta mil cruzeiros. Quer um recibo?

CLAUDIA - Não há necessidade. Se vamos trabalhar juntas, precisamos confiar uma na outra; não lhe parece?

CATARINA - Bem, esse é também o meu modo de entender, mas seu Petrônio é diferente. Quanto mais se faz... menos se merece. Mas agora, tendo o seu auxílio, não será difícil dar um tombo nele.

CLAUDIA - É claro. A união faz a força. É um velho ditado muito certo.

CATARINA - Bem, então agora eu vou porque já demorei demais.

CLAUDIA - Mande-me notícias de lá.

CATARINA - Vou mandar, sim. Eu lhe escreverei de lá. Mas as cartas, depois de lidas, deverão ser imediatamente queimadas.

CLAUDIA - Não se preocupe. Em matéria de cuidado, ninguém me leva a palma.

CATARINA - Adeus.

CLAUDIA - Adeus e felicidades para a senhora.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE E PECHA EM SEGUNDO PLANO.

CLAUDIA - Tomara que a gravadora não tenha pifado, meu Deus!...

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CORÁLIA - (PROJETANDO) Raymundo, o correio de hoje já chegou? Você não sabe se...
(CORTA E TRANSIÇÃO) Ah, chegou sim. Aqui está a carta que eu estava esperando, felizmente.

C/REGRA - RUIDO DE RASGAR ENVELOPE E ABRIR PAPEL DE CARTA.

CORÁLIA - Vejamos o que diz Iracema: (LENDO) Corália, minha boa irmã.

IRACEMA - Apresssei-me ^{em} escrever-te porque senti o quanto estava preocupada com a

- IRACEMA - (CONTINUAÇÃO) minha viagem e o que pudesse me acontecer. Embora hoje, bem cedo, já tivesse tido o cuidado de mandar-te um telegrama, pelo qual já terás sabido que tudo foi bem, uma carta sempre é mais detalhada e dá notícias que satisfazem muito mais, porque não são tão lacônicas. A viagem foi boa, felizmente, e sem nenhum aborrecimento. Hoje já me apresentei ao trabalho e tive um dia bem distraído. Amanhã de manhã, contra os meus hábitos, sairei para levar esta carta ao Correio, afim de que ela não demore a chegar a ti, para tranquilizar-te. Tudo bem, minha irmã. Penso que os teus receios de que eu pudesse ser envolvida no crime de titio cada vez vão se tornando menos prováveis, mas, mesmo assim, se isso tiver que acontecer, basta-me a consciência tranquila e a certeza que Deus não me abandonará. Faz como eu, mana. Põe o teu coração à larga, e deixa que se cumpra a vontade do Pai. Um beijo para ti e outros, cheio de carinho e de saudade, para o nosso querido Luizinho.
- CORÁLIA - Tua irmã muito amiga, Iracema. (PAUSA E TOM) Ainda bem que está tudo em ordem. Eu tenho sempre tanta preocupação com Iracema longe de mim. Parece-me que, a todo momento, vai lhe acontecer uma coisa. Mas é como ela diz: ter a consciência tranquila e a certeza de que Deus não nos abandonará.
- TECNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.
- BELMIRA - Afinal, quando é que se resolve essa questão do seu Rodrigo, dona Leila? Faz tempo, já, que estão nesse chove não molha e o coitado lá preso injustamente?
- LEILA - Essas coisas de tribunal, de juizes e de advogados, a gente nunca sabe, Belmira. Às vezes são resolvidas ^{com rapidez} rapidamente, outras vezes ficam se arrastando interminavelmente.
- BELMIRA - Se o pai dele não andasse por lá, garanto que já tudo teria se resolvido, mas êle, com certeza, está ~~lá~~ trabalhando na surdina, cabalando um, cabalando outro, inventando uma história aqui, outra ali, comprando testemunhas falsas e que sei eu mais! E é por isso, com certeza, que a coisa está empacada e não sai do lugar.
- LEILA - Não acredito que seja tão fácil desviar a justiça do seu rumo. Ele pode retardar a ação dos juizes, mas impedi-la, não creio. Por isso eu espero que, mais tarde ou mais cedo, a verdade venha à tona, com a graça e o favor de Deus.
- BELMIRA - E para Ele eu rezo todos os dias e de joelhos imploro na hora das Ave-

BELMIRA - (CONTINUAÇÃO) Marias, fazendo mil promessas, acendendo dezenas de velas para as almas, entrando e saindo em centenas de igrejas, em todas as horas do dia, fazendo sempre os três pedidos nas Igrejas onde entro pela primeira vez. E sabe os tres pedidos que ~~me~~ faço? Que seu Rodrigo tenha coragem. Que apareça o verdadeiro culpado. Que seu Rodrigo seja posto em liberdade. Acho que, de tanto pedir e suplicar, vou vencer os Santos pelo cansaço.

LEILA - Pobre Belmira! Eu tenho que mandar dizer a Rodrigo o quanto tens pedido por êle. Isto o animará, estou bem certa. Vai lhe fazer um grande bem à alma, porque para mim, como para a maior parte das criaturas, não existe tristeza maior do que não se ter alguém que nos pergunte a razão porque estamos tristes. A solidariedade dos outros é sempre benéfica ao coração que enfrenta uma adversidade.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS GENAS.

TEREZA - Ela foi, afinal, não?

EUGENIA - O que é que eu podia fazer. ~~Negar-lhe uma licença para ir ver sua gente,~~ não me parecia humano. ~~O~~ que fiz, para tentar retê-la, foi negar-lhe dinheiro adiantado, mentindo-lhe que não dispunha de nenhum. Ela arranjou com alguém, eu não pude fazer mais nada.

TEREZA - Deus permita que a senhora não venha a se arrepender do que fez.

EUGENIA - Credo, ~~Eugênia~~ Tereza, você está fazendo, agora, o papel de ave de mau agouro? Não pense em coisas ruins. Você é sempre a primeira a me dizer: "afaste os maus pensamentos que eles só trazem tristezas". E agora parece que não tem outro pensamento que não seja o mal que a saída de Catarina irá nos causar?

TEREZA - É, a senhora tem razão. Eu devia mesmo arrancar essa ideia da cabeça, mas não consigo. A todo momento ela me assalta e parece que eu já vou ter uma má notícia.

EUGENIA - Você sabe, melhor do que eu, porque foi você mesma que me ensinou, que a prece anula, sempre, qualquer ~~mau~~ mau desejo dos outros com relação a nós. Quando esse pensamento escuro a aprisionar, procure logo libertar-se dele por esse meio eficaz e infalível. Não foi você que me disse que acredita piamente nos seus próprios sonhos? E não foi você que sonhou que Luizinho me seria devolvido pela mão de Rodrigo? Quem sabe então si o que está acontecendo agora não será para encaminhar todas as coisas aos seus verdadeiros lugares?

TEREZA - É... pode ser, sim... pode ser, por que não? Deus escreve direito por ~~lin~~ linhas tortas.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

PETRONIO - Esse negócio desse processo está demorando demais. Eu precisava voltar ao Rio, mas não quero perder nenhuma oportunidade que se me apresente. Si eu tivesse aqui alguém de confiança a quem pudesse deixar entregue a questão... Mas quem, si todos os que conheço foram-me apresentados prá ticamente ontem? E depois, para essas coisas, a pessoa precisa ser manho sa e esperta, porque não vai chegar para um cidadão e propor uma canalhi ce, sem saber como será recebido. O terreno tem que ser sondado... alisa do... experimentado... Quem vai fazer isto melhor do que eu? Ninguém. Se um tem corágem, falta-lhe inteligência. Si tem... (CORTA)

C/REGRA - BATIDAS DISCRETAS NA PORTA.

PETRONIO - Quem será a esta hora da noite? A camareira? Mas que diabo quererá ela? E a não ser a camareira, quem mais poderá ser que me venha procurar aqui no Hotel?

C/REGRA - REPETE AS BATIDAS, DISCRETAMENTE.

PETRONIO - Vamos ver quem é.

C/REGRA - PASSOS QUE VÃO EM PRIMEIRO PLANO PARA A PORTA. CHAVE QUE GIRA. ABRE.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL, FORTE.

PETRONIO - O que?!... Você aqui?!... O que veio fazer?!... Quem a chamou?!...

TÉCNICA - ENTRA CARACTERÍSTICA FORTE, PARA FIM DO CAPÍTULO

A MARCA DO ÓDIO

- NOVELA ORIGINAL DE ERICO GRAMER -

56º CAPÍTULO

TÉCNICA - MUSICA PARA ABERTURA DO CAPÍTULO

PETRONIO - Si eu tivesse aqui alguém de confiança, a quem pudesse deixar entregue esta questão... Mas quem? se todos os que conheço foram-me apresentados praticamente ontem? E depois, para essas coisas, a pessoa precisa ser manhosa e esperta, porque não vai chegar para um cidadão e propor uma canalhice, sem saber como será recebido. O terreno tem que ser sondado... alisado... experimentado... Quem vai fazer isto melhor do que eu? Ninguém. Se um tem coragem, falta-lhe inteligência. Si tem...(CORTA

C/REGRA - BATIDAS DISCRETAS NA PORTA.

PETRONIO - Quem será, a esta hora da noite? A camareira? Mas que diabo quererá ela? E a não ser a camareira, quem mais poderá ser que me venha procurar aqui no Hotel?

C/REGRA - REPETE AS BATIDAS, DISCRETAMENTE.

PETRONIO - Vamos ver quem é:

C/REGRA - PASSOS SEMPRE EM 1º PLANO. PARAM. CHAVE QUE GIRA. ABRE PORTA.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

PETRONIO - O que?!... Você aqui?!... Que veio fazer? Quem a chamou?!...

CATARINA - Ninguém. Vim por mim. Imaginei que o senhor estava precisando de alguém

PETRONIO - Sim... e estou precisando, realmente, mas não de você.

CATARINA - Por que não de mim, se sempre estive disposta a ajudá-lo em tudo quanto precisou?

PETRONIO - Porque neste momento, mais do que nunca, preciso de alguém de absoluta confiança.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

CATARINA - Como?! O senhor disse que precisa de alguém de absoluta confiança?!

PETRONIO - Exatamente.

CATARINA - Mas depois de tudo que fiz para o senhor, será possível que ainda não confie inteiramente em mim?

PETRONIO - Mas mulheres a gente nunca pode confiar inteiramente. E sabe por que?

CATARINA - (QUEIMADA) Gostaria de saber.

PETRONIO - Porque de um momento para o outro elas se enfeitizam por um homem qualquer e a primeira coisa que fazem, para provar-lhe o grande amor é derrear todos os segredos de que são depositárias.

CATARINA - Eu já não estou mais em idade de enfeitizar nem me deixar enfeitizar por ninguém.

PETRONIO - A gente nunca sabe, minha cara Catarina. O amor é a coisa que mais surpresas nos causa. Quando a gente pensa que ele morreu, renasce inesperadamente. Quando a gente pensa que é amado com a maior das ternuras e a mais sublime das adorações, está sendo miseravelmente traído por pessoas tão insignificantes que não se consegue admitir os motivos da traição. E trair para melhorar, a gente compreende, mas para piorar é uma coisa que não só não se admite, como causa revolta ao coração traído.

CATARINA - Eu não posso concordar com a maior parte das coisas que o senhor está dizendo, ~~XXXXXXXXXX~~ mas nem por isso pretendo discuti-las. Vou respeitar o seu ponto de vista. Mas vou lhe fazer uma pergunta: que espécie de orientação você está necessitando, neste momento?

PETRONIO - Por que quer saber?

CATARINA - Porque conheço um homem que talvez possa servi-lo. É audaz... astucioso... maneiroso e encontra-se aqui, presentemente. Não é necessário nem o trabalho de mandar buscá-lo.

PETRONIO - Obrigado, Catarina. Agradeço ~~o~~ sua boa vontade, mas neste caso, prefiro trabalhar sósinho, em ninguém confio tanto como em mim mesmo.

CATARINA - Mas eu não iria indicar-lhe uma pessoa que não fosse de confiança.

PETRONIO - Qualquer pessoa que você me indicasse, seria para mim um ilustre desconhecido e neste momento em que a minha felicidade está em jogo, só a um amigo muito experimentado e provado eu poderia confiar alguma coisa.

CATARINA - Bem... então, já que não posso lhe ser útil... acho que voltarei amanhã.

PETRONIO - Faça como quiser.

CATARINA - Queira Deus que o senhor não se arrependa de ter me mandado de volta.

PETRONIO - Perdão. Eu não lhe mandei de volta. Você é que disse que vai voltar.

CATARINA - E o que vou ficar fazendo aqui, se não posso ser útil? Pensa que eu disponho de dinheiro para estar pagando hospedagem? Já basta o que gastei no transporte, que não foi pouco.

PETRONIO - Isso é problema seu. Continua recebendo seu ordenado, normalmente, todos os meses; não continua?

CATARINA - (QUEIMADA) O ordenado de doméstica, sim, mas a parte que me foi prometida pelos trabalhos extraordinários, até hoje não vi um centavo.

PETRONIO - Seus trabalhos foram concluídos?

CATARINA - A primeira parte, sim. Já fazia já a uma parcela do pagamento.

PETRONIO - Que você já teria recebido se não tivesse sido gananciosa e não tivesse poupado a criança com o fim de explorá-la mais tarde.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

CATARINA - Já sei quem lhe disse estas coisas: o mesmo imbecil que me propoz esse negócio e que eu regeitei. Mas os frutos do seus embrulhos todos ele já colheu. Está lá debaixo da terra, servindo de pasto aos vermes. Fez bem ajudá-lo a fugir com o menino e deixar-me lá com cara de boba. Sabe ~~um~~ onde a criança está agora? Não sabe, não 'é? Pois eu sei.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

PETRONIO - Sabe?! Você disse que sabe onde está o menino?!...

CATARINA - Disse.

PETRONIO - E sabe, realmente?

CATARINA - Se não soubesse, para que mentiria?

PETRONIO - Então você vai me revelar, agora mesmo, onde é que aquele velho o deixou

CATARINA - Por que hei de revelar? O senhor não quer mais nada comigo, eu também não quero mais nada com o senhor.

PETRONIO - E sabe o que esta recusa pode lhe custar?

CATARINA - Não tenho medo. O senhor sabe muito bem que sou uma mulher corajosa.

PETRONIO - Se não quer me dizer onde está o menino, diga-me, apenas, o que pretende de fazer com êle?

CATARINA - Devolvê-lo à sua mãe.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

PETRONIO - Não! Você não vai fazer isto?

CATARINA - E por que não?

PETRONIO - Porque aquela mulher precisa sofrer, o resto de sua vida, muito mais do que me tem feito sofrer. Eu era um homem que acreditava na vida, na bondade humana, no carinho espontâneo e sincero das mulheres, no amor, na virtude, na dedicação, na devoção. Hoje o que sou? Um espectro de homem que enterrou todas as suas ilusões e permaneceu apenas com a sua revolta e o seu ódio, roteiro inalterável dos seus dias presentes e futuros, até que a morte lhe faça o benefício de parar, para sempre, o seu dolorido coração. Você não pode fazer o que disse, Catarina. Você não pode devolver Luizinho a Eugênia, sob pena de eu ter que mandar alguem reduzi-la à imobilidade e aniquilamento total. (PAUSA) Agora escolha.

CATARINA - Eu já disse ao senhor que sou uma mulher de coragem.

PETRONIO - Catarina, ouça e seja razoável. E si eu lhe propuzer uma determinada importância pelo segredo?

CATARINA - Bem... isso já é uma outra maneira de falar. Eu vou pensar no assunto

CATARINA - (CONTINUAÇÃO) E amanhã lhe trarei uma resposta.

PETRONIO - Por que não fica aqui? Posso mandar preparar-lhe um quarto.

CATARINA - Não quero. Prefiro continuar onde estou.

PETRONIO - E onde é que você está?

CATARINA - num hotelsinho vagabundo, próxima à estação.

PETRONIO - Pois bem, venha amanhã na hora do almoço. Poderemos almoçar em qualquer lugar, por aí, e nessa ocasião você me dirá o que ~~xxxx~~ resolveu. Mas não esqueça que eu sou um homem perigoso e que uma negativa de sua parte resultará numa ameaça à sua própria vida.

CATARINA - Eu não me assusto de ameaças, seu Petronio. Já disse ao senhor que sou uma mulher de coragem.

PETRONIO - Vem, amanhã, ou não vem?

CATARINA - Venho. Ao meio dia estarei aqui.

TÉCNICA - GORTINA MUSICAL FORTE PARA SEPARAÇÃO DAS GENAS.

ARABELA - Mas que ^{alegria} ~~xxxxxx~~, Padre Crispim! Há quanto tempo não tinha o prazer de vê-lo. Está bem disposto, parece que até mais moço.

CRISPIM - São os olhos da boa amiga que me vêm assim. A cada dia que ~~extremu~~ passa sinto mais o peso dos anos sobre os ombros e mais me curve em direção à terra, para onde a carcassa terá que voltar.

ARABELA - Esse é o destino de todos nós, Padre. Uns primeiro, outros depois, mas todos voltam para o lugar de origem.

CRISPIM - Enquanto a alma vai prestar contas a Deus, das suas ações sobre a Terra. Mas como vai a minha boa amiga? Há tanto tempo que não me aparece...

ARABELA - Eu cada vez saio menos, Padre Crispim, é por isto. E agora tive um desgosto tão grande... (CHORAMINGANDO) Meu neto... acho que o senhor ficou sabendo o que lhe aconteceu, não?

CRISPIM - Fiquei, sim, e por isso, justamente, é que vim visitá-la. Como vou fazer um ~~retiro~~ exatamento para aqueles lados, ~~xxxxxxxxxxxx~~ vim aqui, antes, saber da minha boa amiga se deseja alguma coisa para o seu neto, porque, antes ou depois do retiro irei vê-lo onde ele está.

ARABELA - Ah, Padre Crispim, que coisa boa! Como ele vai ficar satisfeito de receber a sua visita!...Será que posso mandar-lhe algumas encomendas?

CRISPIM - Está claro! Pois se vim aqui justamente por isto... Escreva e mande-lhe o que quiser, que eu não voltarei aqui sem ter falado com ele e entregado tudo que levei.

ARABELA - Pois então vou fazer-lhe uns biscoitos de araruta e mandar-lhe também

ARABELA - (CONTINUAÇÃO) uma lata de bananada que êle tanto gosta. Não será muita coisa para o senhor?

CRISPIM - Não senhora. Já lhe disse que mande o que quizer. Tanto mais que vamos de carro e, praticamente, não levamos bagagem.

ARABELA - Faça-lhe uma visita por mim e diga-lhe que estou confiante na justiça divina e absolutamente certa de que o mal não vencerá o bem. Ele vai me entender.

CRISPIM - Pois então tenha todas as suas encomendas prontas até a próxima sexta feira que no sábado, de madrugada, deveremos sair daqui.

ARABELA - Perfeitamente. Sexta feira à noite eu mandarei a empregada procurá-lo na casa canônica e entregar-lhe o pacote e uma carta minha. E além disto, querê que o senhor conte a êle que esteve comigo aqui em casa e que eu estou animada e confiante. Embora não esteja tanto e receie demais as artimanhas dos inimigos, tenho que mandar dizer-lhe assim, que é para que êle também fique animado. Não lhe parece que faço bem?

CRISPIM - É claro. Nosso dever de cristãos é levantar aqueles que encontramos caídos no caminho.

ARABELA - E Rodrigo, agora, precisa do nosso amparo, para poder se erguer.

CRISPIM - E por isso, exatamente, é que me lembrei logo de visitá-lo. Quero, como ministro de Deus, acender algumas estrelas no céu escuro e tempestuoso de sua vida presente. E Deus permita que essas estrelas possam clarear-lhe o caminho que deverá conduzi-lo à liberdade futura!...

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA LÍCIO DA 2ª PARTE.

IRACEMA - Puxa vida, que o senhor é um homem teimoso! Nunca vi outro igual!

JERONIMO - Pois eu não lhe avisei que voltaria para saber a sua resposta?

IRACEMA - E eu não lhe disse que não adiantava voltar, porque a minha resolução seria a mesma?

JERONIMO - Se pensou seriamente no assunto, não pode deixar de ter modificado seu ponto de vista.

IRACEMA - É claro que não poderia ter deixado de pensar, mas mesmo assim não arredei pé da minha posição.

JERONIMO - É pena. Eu não desejava fazer-lhe nenhum mal, mas se persistir na sua teimosia, serei obrigado a cumprir as minhas ameaças.

IRACEMA - Já lhe disse que proceda como entender, faça o que tiver vontade de fa

IRACEMA - (CONTINUAÇÃO) zer, mas desista de pretender arredar-me da posição que tomei, porque nenhuma ameaça será capaz de demover-me.

JERONIMO - Pois então lamento muito dizer-lhe que amanhã, ou depois, será chamada à polícia, para defender-se das acusações que, talvez ainda hoje, lhe serão feitas. E a senhora vai ficar sabendo com que facilidade se arranjam provas contra as pessoas, por mais inocentes que sejam.

IRACEMA - Eu não acredito que ninguém, lá na minha terra, seja capaz de se prestar a servir de testemunha contra mim.

JERONIMO - É porque a senhora é pobre e não conhece bem o valor do dinheiro, não estaria sabendo que muita gente vende a consciência como quem vende um objeto qualquer. (PAUSA) Não quer pensar mais um pouco e reconsiderar a sua atitude?

IRACEMA - Por que me obriga a dizer-lhe "não" tantas vezes? Não quero. Já lhe disse que não quero e repito: Não quero!

JERONIMO - É porque a senhora não está acreditando muito na minha ameaça, mas avise-a de que vou cumpri-la. ~~É porque~~ vou cumpri-la e tenho pena da senhora, queira ou não queira, vou esperar ainda até amanhã, para lhe dar uma última chance. Deite-se, consulte seus travesseiros, veja bem o perigo a que vai se expor e resolva. Voltarei aqui antes do almoço, amanhã.

IRACEMA - Vai voltar porque quer. A minha resposta será sempre a mesma. Passe bem.

CONTRA REGRA - BATE PORTA COM UM POUCO DE FORÇA, OU MELHOR, COM IMPACIÊNCIA. OUVESSE, DO OUTRO LADO DA PORTA, A CHAVE CORRER, FECHANDO-A.

JERONIMO - A mulhersinha é valente mesmo e teimosa como ela só! É pena, porque, no fim, se não conseguir amedrontá-la, vou ter que acabar mandando-a desta para melhor.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CRISPIM - Custou-me um pouco conseguir permissão para vê-lo, Rodrigo.

RODRIGO - Isso é revoltante, Padre Crispim. Como é possível que se trate como criminoso vulgar a uma pobre criatura inocente com um passado limpo e sem mancha, como apresenta a minha folha corrida? Desculpe, padre Crispim, mas isto acaba por fazer com que a gente fique descrente.

CRISPIM - Não é motivo. Você precisa saber que justamente as almas eleitas, como é a sua, precisam ser experimentadas por Deus. Ele precisa saber até que ponto pode confiar nos seus filhos.

RODRIGO - Ao princípio eu suportei serenamente os golpes da adversidade, mas à medida que o tempo vai passando e as coisas cada vez mais se complicando

RODRIGO - (CONTINUAÇÃO) contra mim, o meu animo vai arrefecendo, é a minha fé esmaecendo e ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ a minha cor'agem me abandonando.

CRISPIM - Mas não pode ser assim, filho. Se conservando intacta a sua fé, sejam quais forem os tropeços que possa dar, estará apto a salvar-se por meio dela. A fé, enquanto viva, é uma espada de afiado gume que cortará todas as amarras que pretendiam prender-nos à perdição, mas quando começa a enfraquecer e a periclitar, torna-se como uma espada de brinquedo, sem capacidade para cortar, sequer, um fio de barbante. Se visse como sua Avó está animada e certa da sua libertação! Aquilo sim, é confiar em Deus e na sua infinita misericórdia! Dá gosto ver! (PAUSA) Diga-me: tem feito alguma coisa para reagir ao desânimo que lhe assalta?

RODRIGO - Que posso fazer?

CRISPIM - Muitas coisas, mas dentre todas, a mais eficaz é a prece. Quando sentir que o animo lhe foge, comece imediatamente a rezar e pedir a Deus que não o abandone. Quando terminar sua prece, já estará começando a sentir-se melhor.

RODRIGO - Está bem, Padre Crispim, eu vou experimentar este método que o senhor me aconselha.

CRISPIM - Há de ver como lhe fará bem. Eu, de minha parte, vou também pedir ao Senhor misericordioso que não o deixe afastar-se da luz e perder-se nas sombras. E agora eu vou.

RODRIGO - Obrigado pela sua visita, Padre. Ela foi de grande valia para mim.

CRISPIM - Amanhã devo regressar à minha paróquia, mas antes voltarei aqui porque quero levar uma carta sua para dona Arabela. Mas veja bem, hein? Uma carta que alegre ao menos um pouco, o seu velho e cansado coração!

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

BELMIRA - A senhora falou com dona Arabela? Ela telefonou duas vezes para cá.

LEILA - Telefonei, sim. Era para me dizer que recebeu carta de Rodrigo que lhe foi trazida pelo Padre Crispim.

BELMIRA - E as notícias devem ter sido boas, porque a senhora está com a cara bem melhor do que hoje de manhã.

LEILA - É, as notícias foram boas, sim, felizmente. Dona Arabela, coitada, deu-se ao trabalho de ler a carta inteirinha pelo telefone.

BELMIRA - Claro! A senhora também não faz a mesma coisa quando recebe as suas?

LEILA - Disse o Padre Crispim a dona Arabela que andou se interessando lá pelo Rodrigo e parece que o habeas-corpus vai ser julgado a semana que vem.

BELMIRA - Puxa vida! Até que enfim. Olhe que já não era sem tempo.

LEILA - Disse que foram tantas as complicações que surgiram, que a coisa não deu para ser feita antes.

BELMIRA - De admirar seria que não surgissem complicações, estando lá especialmente para isto o malvado do pai dele.

LEILA - Pois é, mas se Deus quizer desta vez ele vai ser vencido.

BELMIRA - Queira Deus! Queira Deus!

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL, PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS. FUNDE COM RELÓGIO DE TORRE, BATEUDO AS DOZE BADALADAS DO MEIO DIA.

PETRONIO - Ela disse que viria ao meio dia para me trazer a resposta, mas já não está sendo pontual. Tinha que estar aqui antes das doze. Catarina é uma mulher viva e, por isso mesmo, perigosa. Tenho que estar alerta. A minha sorte, ainda, é que é gananciosa como poucas e o dinheiro exerce sobre ela uma influência fora do comum. E vai ser com dinheiro que vou manobrá-la. Para que me serve o dinheiro, senão para fazer com que todos se curvem à minha vontade?

C/REGRA - BATIDAS DISCRETAS NA PORTA.

PETRONIO - Deve ser ela. Finalmente chegou.

C/REGRA - ALGUNS PASSOS, PORTA QUE ABRE, DEPOIS DE GIRAR A CHAVE.

PETRONIO - Entre.

C/REGRA - MAIS PASSOS, PORTA QUE SE FECHA COM A CHAVE, PASSOS.

PETRONIO - Sente-se. Que houve com você? É sempre tão pontual...

CATARINA - Não é melodia, agora?

PETRONIO - Não, já passou. São precisamente doze horas e três minutos.

CATARINA - Óra, vamos! O senhor ainda quer fazer questão por três minutos? Franca mente...

PETRONIO - Para quem está na espera desde as oito horas da manhã, três minutos representam três séculos.

CATARINA - Mas por que na espera desde as oito horas da manhã? Eu não lhe disse que viria para o almoço? Não foi o que nós combinamos?

PETRONIO - Foi. Mas você conheceu alguém, até hoje, que tenha pedido conter e desligar uma grande ansiedade? Acho que não existe ninguém.

CATARINA - Mas nem havia razão para uma ansiedade tão grande. O senhor tem, em grande quantidade, aquilo que resolve todos os problemas. Dinheiro.

PETRONIO - Sim, sim, e estou disposto a pagar bem para conseguir o que desejo.

CATARINA - Boas falas. Já vi que vamos nos entender em poucos momentos.

PETRONIO - Pois então vamos entrar logo no assunto e deixar de rodeios. Você diz que sabe onde encontrar o menino, não é?

CATARINA - Sei.

PETRONIO - E está disposta a vendê-lo a quem lhe der mais por êle?

CATARINA - Claro. É a oportunidade da minha vida e si não a aproveitar agora, nunca mais terei o direito de me ~~queixar~~ queixar que a sorte me foi adversa.

PETRONIO - E quanto pretende você por êle?

CATARINA - Não sei. Não tenho a menor ideia. Faça a sua proposta e eu lhe direi se me convem, ou não.

PETRONIO - Pois bem, ofereço-lhe um milhão. Não creio que ninguém possa lhe dar mais.

CATARINA - Um milhão? É pouco. Lembre-se que torci que dar a metade à pessoa que o tem em seu poder. Que são quinhentos mil cruzeiros, hoje? Não me dá rá nem para comprar um canto.

PETRONIO - Pois bem, dobro a parada.

CATARINA - É pouco, ainda. Quero, para mim, tres milhões. A outra parte não sei quanto irá exigir.

PETRONIO - Pois bem, dou-lhe tres milhões e meio e não se discute mais o assunto.

CATARINA - Uma parte agora e o restante quando entregar o menino.

PETRONIO - Para que uma parte agora?

CATARINA - Primeiro porque preciso viajar. Não é aqui que o menino está. Segundo porque não pretendo mais voltar ao meu emprego, uma vez que vou deixar de trabalhar para dona Eugênia. E que poderei fazer, por aí, sem dinheiro? Pensa que vivo do ar? Preciso comer, preciso morar, preciso pagar.

PETRONIO - Está bem. Dou-lhe agora um cheque de quinhentos mil cruzeiros.

G/REGRA - BATIDAS NA PORTA.

PETRONIO - Tem gente aí. Não sei quem será, mas de qualquer forma não é conveniente que a vejam comigo. Esconda-se no banheiro.

G/REGRA - REPETE AS BATIDAS UM POUCO MAIS FORTE.

TÉCNICA - EXPLOSÃO MUSICAL, FUNDE COM CARACTERÍSTICA DE ENCERRAMENTO.

A MARCA DO ÓDIO

5º Capítulo - NOVELA ORIGINAL DE ERICO CRAMER -

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

PETRONIO - Pois bem, dou-lhe três milhões e meio pelo garoto e não se discute mais o assunto.

CATARINA - Uma parte agora, o restante quando entregar o menino.

PETRONIO - Para que uma parte agora?

CATARINA - Primeiro porque preciso viajar. Não é aqui que o menino está. Segundo porque não pretendo mais voltar ao meu emprego, uma vez que vou deixar de trabalhar para dona Eugênia. E que poderei fazer por aí, sem dinheiro? Pensa que vivo do ar? Preciso comer, preciso morar, preciso pagar.

PETRONIO - Pois bem, dou-lhe agora um cheque de quinhentos mil cruzeiros. Serve?

C/REGRA - BATIDAS NA PORTA.

PETRONIO - Tem gente aí. Não sei quem será, mas de qualquer forma não é conveniente que a vejam comigo. Esconda-se no banheiro.

C/REGRA - REPETE AS BATIDAS UM POUCO MAIS FORTE.

PETRONIO - (MEIA VOZ) Feche a porta depressa. Sem fazer barulho.

C/REGRA - PASSOS E PORTA QUE SE ABRE, RODANDO CHAVE NA FECHADURA.

PETRONIO - Ah é você? Que houve?

ADVOGADO - Uma notícia que vai desagradá-lo, mas não houve jeito de se impedir o que aconteceu. Posso entrar?

PETRONIO - Entre.

C/REGRA - PASSOS. PORTA QUE SE FECHA COMA CHAVE, MAIS PASSOS.

PETRONIO - Sente-se e diga logo. Detesto expectativas.

ADVOGADO - Seu Petrónio, eu estou aqui como emissário dos três advogados que o senhor contratou para condenarem seu filho.

PETRONIO - (IMPACIENTE, COMENTANDO-SE) Diga logo, doutor Herminio. Por favor não me faça rodeios. Já lhe disse que os detesto. Quer tirar-me da paciência?

ADVOGADO - Foi concedido habeas corpus ao seu filho!

TÉCNICA - VERDADEIRA CHICOTADA MUSICAL.

PETRONIO - (PRECŪNCIO DE FURIA, ALADA COMTIDO) O que?!... Foi concedido habeas-corpus a Rodrigo?!...

ADVOGADO - Foi, sim senhor. Por unanimidade.

PETRONIO - Mas que espécie de advogados são os senhores?!...

ADVOGADO - Fizemos tudo que nos foi possível, seu Petrónio.

PETRONIO - Não é possível! Com a autorização que tinham, de gastar tudo que fosse preciso, eu não posso crer que não tivessem conseguido. O que é que o

PETRONIO - (CONTINUAÇÃO) dinheiro não resolve? Digam! (EXALTANDO-SE, CADA VEZ MAIS)
O que é que o dinheiro não resolve? Se vocês não conseguiram é porque são uns palhaços, advogados obscuros, sem inteligência, sem astúcia, sem malícia e sem habilidade. Deviam ter sido caixeiros de botequim, ou engraxates, mas nunca advogados, nunca!

ADVOGADO - Seu Petronio, o senhor está nervoso e dizendo coisas injustas. ~~xxxxx~~
Mais do que trabalhamos, mais do que cabalamos, mais do que conversamos para comprar meia dúzia de juizes, não era possível fazer-se. Os homens que julgaram o habeas corpus de seu filho, por infelicidade sua e por desgraça nossa, eram integros e decentes.

PETRONIO - Besteiras! Besteiras! Não existe ninguém integro nem decente. É só saber manejar as cordinhas da cobiça e da ambição. Vocês é que são uns incapazes, uns nulos, uns advogados de meia tigela. Quem perde uma parada destas, com uma burra de dinheiro aberta na sua frente, não tem nem classificação.

ADVOGADO - Bem, seu Petronio, eu lamento muito, mas não tenho mais nada a dizer ao senhor. Já lhe disse que fizemos o máximo, o senhor não acredita... nada mais posso acrescentar ao que disse.

PETRONIO - (ALPERADO) Sítima-se da minha frente. Não aceito desculpas imbecis. Se vocês fossem inteligentes e astuciosos, o que, como advogados, tinham obrigação de ser, não teriam que lamentar uma tão fragorosa derrota como a que tiveram.

ADVOGADO - Está bem, seu Petronio. Boa tarde.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM E PORTA QUE ABRE E PECHA EM SEGUNDO PLANO.

PETRONIO - Vá para o inferno. Você e os outros dois. Advogados sem capacidade. Ignorantes. Estúpidos. Atrazados! Si eu não lhes tivesse dado recursos para vencer, inda me conformaria. Mas dando-lhes tudo... tudo, como dei, não posso admitir, não posso!...

C/REGRA - PORTA QUE SE ABRE EM 2º PLANO E PASSOS DE CATARINA QUE SE APROXIMAM.

CATARINA - Que é isso, seu Petronio, acalme-se. Daqui a pouco o Hotel inteiro vai ficar sabendo que o senhor está assim porque seu filho conseguiu o habeas-corpus. Não grite, por favor. Tenha juízo e acalme-se.

PETRONIO - (BAIXANDO O TOM) Veja se não é de arrancar todos os cabelos que me restam, Catarina, veja! Tres nulidades, com um cofre aberto e abarrotado, deixam os juizes resolverem a questão a favor de Rodrigo. Não dá vontade de derrubar esse idiotas a bordoadas, Catarina? Diga.

CATARINA - Sabe o que é isto, seu Petrônio? O senhor está acostumado a tratar com gente sem caráter, gente que se vende por qualquer meia dúzia de ~~xing~~ ~~xxx~~ cruzeiros. Levou sempre, tudo, na certa. Desta vez, enfrentou gente com senso de responsabilidade... gente direita... honrada... gente que põe o dever à cima dos próprios interesses... escorregou e caiu. E como é o primeiro tombo que o senhor leva na sua vida, não se conforma. Mas a verdade é que nós estamos no mundo para vencer e perder. O senhor tem que admitir a derrota e se resignar. Busque a vingança por outros meios.

PETRONIO - (SURDO) Capadócios! Mulidades! E se dizem advogados esse pobres diabos! E amanhã ou depois você vai ver que estão me cobrando os "serviços prestados". Prejudicam-me... enfecam-me... e ainda se julgam com direito a honorários.

CATARINA - Bem, seu Petrônio, esse negócio já não tem mais remédio, então deixe tudo pra lá e vamos combinar o nosso negócio. O senhor falou que ia me dar, adiantado, um cheque de quinhentos mil cruzeiros. Quer fazer esse cheque?

PETRONIO - Para que?

CATARINA - Óra, para que! Para eu poder começar o meu trabalho, está claro! Pois eu já não lhe disse que preciso viajar? Tenho que ir muito longe daqui, onde está a pessoa que tem o garoto em seu poder. Lá terei que hospedar-me em um hotel. Terei que falar com a pessoa e prometer-lhe dinheiro. Si ela aceitar precisarei pagar na mesma hora, para que ela depois não se arrependa. Acha que eu posso fazer tudo isso com que?

PETRONIO - Está bem. Vou lhe dar um cheque de quinhentos mil cruzeiros, mas deixe que eu me acalme um pouco mais, para poder escrever, de contrário o banco será capaz de recusar o cheque por achar que a assinatura não é minha. Do jeito que estou ela vai sair toda tremida. Porque a verdade é que até agora ainda estou tremendo de raiva, Catarina.

CATARINA - Está bem, eu espero, mas trate logo de acalmar-se porque eu preciso tomar as primeiras providências já nas primeiras horas da tarde de hoje. Vamos almoçar?

PETRONIO - Não posso. Enquanto o meu ódio ferver, como está fervendo, não poderei engolir nada.

CLAUDIA - Mas eu preciso comer alguma coisa que já não tomei café de manhã.

PETRONIO - Eu pedirei ao restaurant do Hotel que mande alguma coisa aqui no quarto e você almoça.

CATARINA - Está bem. Faça isso, então.

G/REGRA - RUIDO DE LEVANTAR FONE DO GANCHO.

VOZ - ~~XXXXXXXXXXXX~~ (FILTRO) Portaria, senhor. Às suas ordens.

PETRONIO - Peça ao restaurante que mande o cardápio ao quatrocentos e um, por favor.

VOZ - (FILTRO) Perfeitamente, senhor. Vai em seguida.

G/REGRA - RUIDO DE COLOCAR FONE NO GANCHO.

PETRONIO - Pronto. Já vem o menê, você escolhe o que quiser.

CATARINA - E enquanto esperamos o senhor bem podia preparar o cheque.

PETRONIO - Ainda não posso escrever. Repare como treme de raiva a minha mão. Antes de você sair eu terei me acalmado e lhe darei o cheque. Não precisa ter medo que você não sairá daqui sem ele. Mas uma coisa eu vou lhe dizer, desde agora: se dentro de um mês eu não tiver o garoto comigo, dou por findo o nosso trato e ainda vou exigir a devolução desse dinheiro que entregarei hoje. Ouviu bem?

CATARINA - Ouvi e não me assusto porque pretendo entregá-lo muito antes desse prazo.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA MUDANÇA DE CENA.

VELHA - O Sirvino entregô uma carta pra sunçê, dona Corália? Uma que êle trouxe hoje da instação?

CORÁLIA - Entregou, Vicentina. Era da minha irmã.

VELHA - E como é que ela tá de saúde, inda que mar prigunte?

CORÁLIA - Bem, felizmente. Mas pede que eu não vá agora. Que espere uma outra carta, quando ela, então, me dará ordem de embarque. Francamente, não sei porque tudo isto.

~~VELHA~~
~~XXXXXXXXXX~~ - Sunçê num disse que ela arrecem se dimudô pra lá?

CORÁLIA - Bem, quer dizer... já faz quasi um mês.

VELHA - Di certo ela tá mandando arrumá e pintá tudo, pra sunçê incontrá derei tinho, e num quê que sunçê vá inhante.

CORÁLIA - É... foi o que eu me lembrei que talvez estivesse acontecendo.

VELHA - E o chero da tinta deve de fazê mar pro nenem. Faiz pras pessoa grande.

CORÁLIA - É... Deus permita que seja realmente isto. Não sei si é porque eu ando sempre preocupada, já fico pensando mil coisas.

VELHA - É, mas num precisa pensá, não, praquê é isso mêmo. E eu é que gôsto, praquê só ansim o nenem fica mais tempe cum nós.

CORÁLIA - Você acha bom? Eu acho pior. Quanto mais tempe você se habituar com êle, mais falta sentirá quando êle se for.

VELHA - Mas num faiz mar. Pulo meno a gente gosa mais uns dia da companhia dele.

Suncê sabe que ele já me chama eu de vi-vi? A coisa mais quirida!

CORÁLIA - Vicentina, se você soubesse como eu me agarrei com essa criança! Deus permita que eu nunca tenha que me separar dela!

VELHA - Uai, gente? E praquê havera de tê que se assupará do anjinho?

CORÁLIA - A gente nunca sabe o que Deus determina.

VELHA - Suncê cria êle com tanta aligria! Mode quê Deus havera de ditriminá assu parâ êle de suncê? Só se fosse pra castigá suncê, mas suncê num feiz nada pra sê castigada. Feiz?

CORÁLIA - A gente nunca sabe.

VELHA - Suncê qué um conseio da nêga vêia, mode num se pirocupá tanto?

CORÁLIA - Diz, Vicentina.

VELHA - Entrega êle pro minino Jesus de Praga e deixa o barco corrê. O minino Jesus defende êle.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA FIM DA 1ª PARTE DO CAPÍTULO.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - MÚSICA PARA ABERTURA DA 2ª PARTE DO CAPÍTULO.

ARABELA - Você tem certeza absoluta de que é aquela mesma Catarina que me servia aqui em casa?

CLAUDIA - Claro! Se não tivesse certeza, não diria uma coisa destas à senhora.

ARABELA - Então ela está mancomunada com o meu genro, contra dona Eugênia?

CLAUDIA - Exato. E eu queria saber da senhora se achava que eu devia avisá-la.

ARABELA - Claro. Eugênia precisa saber tudo, para deixar de confiar nela. Mas como foi que você descobriu essa massaroca toda?

CLAUDIA - De uma maneira muito simples: ela foi lá no escritório do seu Petrônio, procurá-lo. Quería viajar e precisava de dinheiro. Fingi-me aliada de seu Petrônio e comecei a puxar por ela. Despejou tudo que sabia dele.

ARABELA - Mas você tem alguém que tenha ouvido a conversa e possa servir de testemunha?

CLAUDIA - Não, senhora.

ARABELA - Então não vai adiantar nada. Basta que êle negue ~~isso~~ e ela tambem.

CLAUDIA - Mas o melhor testemunho vai ser a gravação da ~~conversa~~ voz, que eu fiz sem ~~que ela notasse~~ que ela notasse.

ARABELA - Como?!... Você gravou as coisas que ^{ela} disse a respeito de Petrônio?

CLAUDIA - Todinhas. Aliás quem me ensinou este método foi o próprio senhor Petrônio. Ele gravava, sempre, as conversas que pudesse ^{em} comprometer os ou

CLAUDIA - (CONTINUAÇÃO) tros e depois guardava para aproveitar-se delas no momento oportuno. A gravadora estava sempre debaixo do seu bureau e bastava ligar um botão que estava disfarçado, dentro da gaveta. Eu, casualmente, estava sentada na mesa dele, quando dona Catarina chegou. Quando ela começou a contar as coisas que comprometiam seu Petronio, eu não tive dúvida. Liguei a gravadora e deixei correr. Levei a fita para a minha casa e ela lá está.

ARABELA - Quer dizer, então, que no momento que nós quisermos poderemos botá-lo na cadeia, com todo o seu dinheiro e o seu prestígio?

CLAUDIA - Espero que sim, mas pensa que ainda não é chegada a ocasião. Devemos esperar mais um pouco e talvez, até, amadurecer um plano qualquer.

ARABELA - O ideal, mesmo, sabe o que seria? Gravar a voz dele mesmo numa conversa que o compromettesse.

CLAUDIA - Já pensei e já preparei tudo na minha própria sala, com uma outra gravadora que consegui emprestada, mas êle não aparece...

ARABELA - Agora vai aparecer, com certeza. O Tribunal já julgou o hábeas-côrus.

CLAUDIA - E por sinal êle deve estar indignado com o resultado. E é por isso, exatamente, que eu espero que êle chegue esbravejando e eu possa pegar muita coisa comprometedora.

ARABELA - Ai, sim. Ai você estará apta a denunciá-lo sem correr o risco de fracassar na sua denúncia.

CLAUDIA - Eu, ou a senhora? Penso que o seu nome daria muito mais peso à denúncia.

ARABELA - Mas eu, infelizmente, não posso tomar nenhuma atitude contra meu genro, porque sei que êle, como vingança, me arrastaria nas suas embrulhadas. Ah, que se não fôsse isto... ha muito tempo que êle teria deixado de praticar o mal, impunemente. Para mim, o maior castigo, para a parcela de culpa que eu confesso ter em toda esta questão, é ser obrigada a calar-me para não envolver-me. E por isso sou obrigada a confessar que Deus sempre nos manda o castigo na hora exata.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

C/REGRA - BATIDAS DISCRETAS NUMA PORTA, EM 1ª PLANO.

JERONIMO - (DE DENTRO, PROJERANDO) Pode entrar.

C/REGRA - PORTA QUE ABRE E FECHA, AO FECHAR PASSA CHAVE, PASSOS DE CATARINA.

CATARINA - Será que não venho importuná-lo?

TÉCNICA - VERDADEIRA CHICOTADA MUSICAL, FORTE.

JERONIMO - Você?!... (PAUSA) Como foi que descobriu meu paradeiro?

CATARINA - Pelo fardo. Achou que seria fácil esconder-se de mim? Viu agora que se enganou, não é verdade?

JERONIMO - (MEIO SEM GEITO) Quem foi que disse que eu me escondia de você?

CATARINA - Os fatos. Você pensa que eu sou bobá? Não esqueça que eu sou uma mulher vivida. Por que deixou de escrever-me e manter-me a par dos seus movimentos?

JERONIMO - Em primeiro lugar porque não gosto de escrever. Palavras... o vento as leva. Cartas... são sempre provas que ficam. E depois eu achava que o melhor de tudo era avisá-lo quando estivesse pronto o trabalho.

CATARINA - Muito bem. Quer dizer, então que a criança está aqui em Ouro Preto?

JERONIMO - Não sei. Presumo que sim, mas ainda tenho que fazer algumas diligências para poder ter certeza.

CATARINA - Muito bem. E essas diligências, onde irá realizá-las?

JERONIMO - Isso, por ora, ainda não posso dizer.

CATARINA - Como não pode dizer? Acaso não temos, os dois, o mesmo interesse na história? Não é você um assalariado contratado por mim para deslindar a meada? Ou pretende que já não me deve nenhuma satisfação e passou a trabalhar por sua própria conta?

JERONIMO - Não, não... é que eu... bem... quer dizer... eu gostaria mais, entende? de verificar tudo muito bem, para não ficar pisando o terreno das suposições. Depois que eu tiver tudo na certa, aí então eu lhe dou o "serviço".

CATARINA - Está bem, mas não pense que me enganará facilmente, não. Repito-lhe que não sou bobá, entendeu?

JERONIMO - Ora essa! Não sei porque você deu, agora, para desconfiar de mim.

CATARINA - Não sabê, não é? Mas eu sei e basta!

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS/

IRACEMA - Deixe-me esconder esta carta que não demora muito está aí o tal homem que deu para me perseguir e eu tenho medo que ele se aposse dela e descubra o paradeiro do menino. Ele disse que voltaria hoje, até à noite, não apareceu o dia todo... não deve demorar.

C/REGRA - DOIS OU TRES PASSOS. RUÍDO DE ABRIR CAVETA. FECHAR. PASSAR CHAVE.

IRACEMA - Pronto. Aqui ele não poderá encontrá-la, a não ser que arranque a chave da minha mão. Com esta carta na mão, ele facilmente descobriria tudo. Preciso mandar dizer a Gerália que não me fale no menino, quando escrever. Prudência e caldo de galinha, não fazem mal a doente.

C/REGRA - BATIDAS NA PORTA. QUASI PORTES.

IRACEMA - Ai está ele. Já conheço até a maneira como bate.

C/REGRA - PASSOS DE IRACEMA, SEMPRE EM 1º PLANO. PORTA QUE ABRE DEPOIS DE DAR VOLTA NA CHAVE.

JERONIMO - Boa noite.

IRACEMA - Eu já estava extranhando que o senhor ainda não tivesse aparecido.

JERONIMO - Chegou um colega meu, com instruções sobre este caso e tivemos uma longa conferência. Foi a razão porque me atrazei.

IRACEMA - Logo imaginei que deveria ter acontecido qualquer coisa de extraordinário, porque o senhor é sempre tão pontual...

JERONIMO - E então? Não modificou, ainda, o seu modo de pensar?

IRACEMA - Modifiquei.

TÉCNICA - ACORDE MUSICAL EM FUNDO.

JERONIMO - Ainda bem. Vejo que começa a ter juízo. Olhe que eu estava até com pena do que poderia lhe acontecer. Quer dizer então que vai me dar o endereço de sua irmã?

IRACEMA - Vou, mas o senhor se convencerá de que perdeu seu tempo.

JERONIMO - Não importa. Quero conversar com ela.

IRACEMA - E tem ainda uma coisa. Não poderei dar-lhe o endereço hoje, ainda. E nem talvez amanhã.

TÉCNICA - ACORDE MUSICAL EM FUNDO.

JERONIMO - Por que?

IRACEMA - Simplesmente porque ela foi transferida para uma outra casa e eu aguardo nestes dois ou três dias uma comunicação oficial com o endereço certo. Antes, não será possível.

JERONIMO - Isto está me parecendo um truque, para ganhar tempo. Por que não joga franco, ~~masinha~~ moça? Seria muito melhor para a senhora, pode estar certa.

IRACEMA - O que eu lhe disse é verdade. Se não acredita, nada poderei fazer. Custa-lhe esperar mais dois ou três dias, já que esperou até agora?

JERONIMO - (DEPOIS DE PAUSA) Está bem, eu espero. Mas advirto-lhe que não tente me enganar porque se dará mal comigo.

IRACEMA - Está certo.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS. FUMOS C/ RUIDO DE RUA.

CATARINA - (MONOLOGANDO) Foi aqui que ele entrou, ontem. Aqui... ou na outra, ao lado, mas... pelas dúvidas, vou bater nesta primeira.

C/REGRA - BATIDAS NA PORTA.

CATARINA - Jeronimo deixou que as suas azas crescessem demais e eu preciso apará-las, antes que elas alçem voo e se deixem a ver navios. E agora eu não posso deixar de resolver este assunto antes de um mês. É compromisso.

C/REGRA - ~~RINNEE~~ PORTA QUE SE ABRE, COM CHAVE.

CATARINA - Bom dia, moça.

IRACEMA - Bom dia...

CATARINA - A senhora é que é a dona Iracema?

IRACEMA - Sim... sou... ~~Rxxxxxx~~ Como é que a senhora sabe o meu nome?

CATARINA - Nós, da polícia, sabemos tudo.

TÉCNICA - ACORDE MUSICAL FORTE.

IRACEMA - Ah, a senhora também é da polícia?

CATARINA - Sou. Mas não estou aqui para prejudicá-la. Ao contrário. Estou aqui para protegê-la e ampará-la. A senhora está correndo perigo.

IRACEMA - Eu sei. Ontem eu senti isto nos olhos do homem que me procurou.

CATARINA - Um homem forte... moreno... de cabelos lisos; não é isto?

IRACEMA - Exatamente. Ele falou que é da polícia, mas não sei porque o coração me diz que ele não é.

CATARINA - E não é, realmente. Mas como é muito perigoso, vamos ter que agir com cautela. Não seria melhor conversarmos lá dentro?

IRACEMA - Sim. Eu lhe peço desculpas. Fiquei tão tonta. A senhora pode entrar.

TÉCNICA - EXPLOSAO MUSICAL, FUNDE COM CARACTERISTICA FORTE PARA FINAL DO CAPITULO.

A MARCA DO ÓDIO

- NOVELA ORIGINAL DE ERICO GRAMER -

582 CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

CATARINA - A senhora é que é a dona Iracema?

IRACEMA - Sim, sou... Como é que a senhora sabe o meu nome?

CATARINA - Nós, da polícia, sabemos tudo.

TÉCNICA - ACORDE MUSICAL FORTE

IRACEMA - Ah, a senhora também é da polícia?

CATARINA - Sou. Mas não estou aqui para prejudicá-la. Ao contrário. Estou aqui para protegê-la e ampará-la. A senhora está correndo perigo.

IRACEMA - Eu sei. Ontem senti isto nos olhos do homem que me procurou.

CATARINA - Um homem forte... moreno... de cabelos lisos; não pe isto?

IRACEMA - Exatamente. Ele falou que é da polícia, mas, não sei porque, o coração me diz que êle não é.

CATARINA - E não é, realmente, mas como é um homem muito perigoso, vamos ter que agir com cautela. Não seria melhor conversarmos lá dentro?

IRACEMA - Sim. Eu lhe peço desculpas. Fiquei tão tonta... A senhora pode entrar.

C/REGRA - PASSOS DE CATARINA. FECHAR A PORTA DA RUA COM A CHAVE. PASSOS DAS DUAS.

IRACEMA - Sente-se, por favor.

CATARINA - Esse homem que esteve em sua casa, está sendo vigiado pela polícia porque está tentando encontrar um garoto que foi raptado, para fazer chantagem com êle, entende?

IRACEMA - ~~TAL~~ Talvez seja para entregá-lo aos pais e receber uma boa gratificação em troca.

CATARINA - Não é, não. Se fôsse apenas para isto, a polícia nem teria o direito de interceder, porque, de um modo ou de outro, ele estaria nos auxiliando, procurando fazer a mesma coisa que nós, ou seja: devolver a criança. Mas nós estamos seguramente informados que êle pretende entregar a criança ao avô, que pagará talvez o dôbro pelo garoto, para fazer com que êle de sapareça do mapa, entende?

IRACEMA - Que horror!... Como é que um avô pode querer fazer isto com o neto, meu Deus!...

CATARINA - Bem se vê que a senhora quasi não conhece a vida. Neste mundo há gente para tudo. Acontece que a filha desse senhor teve esse garoto antes de se casar, entende? e o velho, pela tradição da família, pelo conceito da sociedade e não sei mais o que, quiz que desaparecesse a prova do pecado

CATARINA - (CONTINUAÇÃO) lhe diga uma coisa? Quem matou seu tio deve ter sido êle.

TÉCNICA - ACORDE FORTE EM FUNDO.

IRACEMA - A senhora acha?

CATARINA - Tenho certeza absoluta.

IRACEMA - Bem, então já que a senhora também acha, eu vou lhe dizer que sempre dei confiança. O rapaz que foi acusado e preso, basta se falar com êle uma vez para se ter certeza de que não seria capaz de cometer tal crime. Mas se a senhora é da policia e pensa como eu, por que não o denuncia, para que seja logo preso e o outro posto em liberdade?

CATARINA - Porque uma suspeita não é bastante para condenar. A gente tem que ter provas. E provas concretas.

IRACEMA - Eu fiquei com muita pena do rapaz que foi preso. Sentia-se, em tudo, que era um homem correto.

CATARINA - Eu não o conheço, mas também já ouvi dizer isto mesmo. Sabe o que seria interessante fazer-se?

C/REGRA - BATIDAS NA PORTA, COM CERTA FORÇA, EM 2º PLANO.

IRACEMA - Meu Deus! Pelo modo de bater deve ser êle.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

IRACEMA - Que faço?

CATARINA - Vá atender a porta. Talvez não seja êle, mas se for, mande-o entrar e eu lhe pedirei licença para esconder-me naquele quarto.

IRACEMA - Como quizer.

C/REGRA - REPETE AS BATIDAS MAIS DEMORADAS E UM POUCO MAIS FORTES.

IRACEMA - Ade, vá. Não demore. E procure recebê-lo com naturalidade. Faça-o entrar e, si for possível, sente-o de costas para a porta do quarto. É ali que eu vou ficar.

IRACEMA - Sim senhor.

C/REGRA - PASSOS DE IRACEMA SEMPRE EM PRIMEIRO PLANO. ABRIR PORTA DA RUA, RODANDO A CHAVE.

JERONIMO - Bom dia.

IRACEMA - Bom dia. Desculpe a demora em vir atendê-lo, mas estava lá na cozinha e com as mãos sujas de cebola, ainda tive que lavá-las, primeiro.

JERONIMO - São tem importância. Recebeu a carta que estava esperando?

IRACEMA - Ainda não. Mas penso que não deve escapar de amanhã.

JERONIMO - Estimo que sim, para que não tenhamos, ambos, que nos incomodar.

IRACEMA - O senhor quer entrar?

JERÓNIMO - Quero. Vou propor-lhe um negócio diferente. Penso que melhor para nós dois.

IRACEMA - Entre, então.

C/REGRA - PORTA QUE FECHA COM A CHAVE. PASSOS SEMPRE EM PRIMEIRO PLANO.

JERÓNIMO - Sei que está quasi na hora do seu serviço, mas a minha demora não será muita, por isso não precisa se preocupar.

IRACEMA - Não tem importância. O chefe da minha secção é muito compreensivo. Si eu disser a êle que tive uma visita ele me deixará assinar o ponto da mesma maneira como si eu tivesse chegado dentro do horário.

C/REGRA - CESSAM OS PASSOS DOS DOIS.

IRACEMA - Sente-se. (PAUSA) Aqui, é. Essa cadeira aí não é tão cômoda.

JERÓNIMO - Obrigada. Sabe que eu estou extranhando a sua maneira, hoje?

IRACEMA - Por que?

JERÓNIMO - Não está agressiva como nos outros dias e perdeu aquele ar de inimiga ferrenha com que sempre me recebeu.

IRACEMA - Mas eu já não lhe tinha dito, desde a outra vez, que mudara de ideia? Portanto não há que extranhar em que eu mude, também, o jeito de tratá-lo. Uma coisa é consequência da outra.

JERÓNIMO - Não sei, não... confesso-lhe que estou bastante desconfiado.

IRACEMA - Desconfiado de que?

JERÓNIMO - Não sei... mas encontro-a tão segura hoje... tão senhora de si...

IRACEMA - Impressão sua. Mas vamos ao que interessa. O senhor disse que ia me propor um negócio diferente e melhor para nós dois? Que negócio é esse?

JERÓNIMO - É o seguinte: a carta que a senhora está esperando poderá demorar ainda vários dias e eu não posso esperar. Dê-me o endereço antigo de sua mãe que eu vou lá e naturalmente hei de conseguir o outro para onde ela se mudou.

IRACEMA - Mas vai fazer uma viajada enorme e inútil, lembre-se disto.

JERÓNIMO - Não faz mal. Piôr para mim é ficar aqui, esperando... esperando... e sem poder agir. Eu não tenho temperamento para isto.

IRACEMA - Eu penso que ao menos até amanhã, o senhor ainda poderia esperar. Vamos dizer que o senhor embarque de manhã para o endereço antigo e de tarde chegue o novo? Aí é que o senhor vai perder mais tempo e cansar-se até.

JERÓNIMO - Menina, eu não gosto, quando resolve as coisas, que as outras me façam modificá-las. Dê-me o endereço antigo de sua irmã que eu irei procurá-la ainda esta noite.

IRACEMA - Mas eu não vejo porque o senhor não possa esperar mais um dia apenas.

JERONIMO - Menina, eu já me deixei enganar por muito tempo, entende? mas não estou disposto a continuar fazendo papel de bobo. Minha resolução está tomada e não há quem a modifique. Ou você me dá agora mesmo, imediatamente, o endereço que pretendo, ou então...

IRACEMA - (DEPOIS DE PAUSA) Ou então...

JERONIMO - Ou então eu lhe faço isto.

C/REGRA - BREVE RUIDODE LUTA COM MUITO ESPORÇO E NÃO MUITO BARUHO. CAI UMA COISA E QUEBRA.

IRACEMA - (com esforço) Solte-me... solte-me... o senhor... me mata...

JERONIMO - Mato-a, sim. E agora já ninguém mais me fará retroceder.

CATARINA - (FORTE) Ninguém?

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL DE SUSTO TREMENDO.

CATARINA - Solte a moça! Solte-a ou puxe este gatilho e num momento o despacharei com endereço ao cemitério.

JERONIMO - (DEPOIS DE PAUSA, EM QUE SE PRESUME TERHA SOLTADO) Ah, bem que ela me parecia diferente hoje! Agora é que estou compreendendo!...

TÉCNICA - MUSICA PARA FINAL DA 1ª PARTE.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - MÚSICA PARA ABERTURA DA 2ª PARTE.

CATARINA - Solte a moça! Solte-a ou puxe este gatilho e num momento o despacharei com endereço ao cemitério.

JERONIMO - (DEPOIS DE PAUSA) Ah!... Bem que ela me parecia diferente, hoje! Agora é que estou compreendendo. Estava com as costas quentes.

CATARINA - Vim aqui especialmente para esperá-lo. Sabia que você viria.

JERONIMO - Muito bem. Então juntaram-se as duas para me derrubar, não é? Pois aceite o desafio.

CATARINA - Saia desta casa imediatamente, vamos.

JERONIMO - Por que sair? Uma vez que você está de guarda, a moça não corre nenhum perigo. Portanto... não há mal que eu fique.

CATARINA - Saia desta casa imediatamente, senão mandarei prendê-lo.

JERONIMO - Ah é? Você quer briga para valer, mesmo? Está bem, eu aceito a briga.

CATARINA - Deixe de conversas fiadas e saia de uma vez; não ouça!

JERONIMO - Está bem, eu saio. Mas já ficam as duas avisadas de que voltarei, quando menos esperem. Voltarei, ouviram? Voltarei.

CATARINA - (FURIOSA) Saia! Saia de uma vez! Saia!

C/ REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE VÃO SE AFASTANDO.

CATARINA - Não, não. Não vá lá, não. Deixe que eu o acompanhe. No caminho ele poderia procurar vingar-se de você. Esse bicho é traíçoeiro como ele só!

C/REGRA - PASSOS DE CATARINA QUE SAEM ATRÁS DE JERONIMO. TORPA QUE ABRE E FECHA, EM SEGUUNDO PLAAO. RODA CHAVE PARA ABRIE E MECHAR PORTA.

IRACEMA - (ENQUANTO SE AFASTAM E CATARINA VOLTA) Foi Deus que mandou esta senhora à minha casa, para não permitir que eu fôsse morta. Mas o que não compreendo é que ela o tenha deixado ir, sem dar-lhe voz de prisão. Pois si é da policia, como diz e assistiu a agressão que sofri por parte do homem, que razões a teriam levado a poupá-lo? Não entendo. Não consigo entender. Alguma coisa também não está muito certa com ela. Eu talvez devesse, amanhã mesmo, procurar a policia e apresentar queixa.

C/REGRA - PASSOS QUE SE APROXIMAM, SÃO DE CATARINA.

CATARINA - Você é uma moça valente e calma. Não deu um grito, sequer, quando ele tentou sufocá-la.

IRACEMA - Porque sabia que a senhora estava aí e me defenderia. Se estivesse sôzinha, teria posto a boca no mundo, pode estar certa. Não sabe que a arma da mulher é o grito? Pois eu não deixaria de utilizá-la.

CATARINA - Que sujeito ousado e petulante, este.

IRACEMA - Desculpe a pergunta que lhe vou fazer... A senhora deve saber o que faz... mas por que não lhe deu voz de prisão?

CATARINA - Porque precisaria de mais uma testemunha que, na hora, infelizmente, eu não tinha. Mas não se preocupe porque ele não perde por esperar. A próxima cilada que lhe preparar, já as testemunhas precisas estarão a postos na hora H. Eu gostaria de conversar mais um pouco com a senhora. Dispõe de tempo, agora?

IRACEMA - Infelizmente, não. Entre ao meio dia e trinta na repartiçõe e ainda preciso comer alguma coisa, antes de ir. Mas depois das seis e meia da tarde estou em casa. Se a senhora quizer aparecer.

CATARINA - Sim, sim...eu virei. Preciso combinar várias coisas com você. Quer que a espere para sairmos juntas, por precauçõe?

IRACEMA - Se a senhora acha que é necessária...

CATARINA - Talvez seja melhor. ~~Então~~ Mais vale prevenir do que remediar.

IRACEMA - A senhora aceita almoçar comigo? Tenho só uma sopa de cebelas e bifex com salada.

CATARINA - Não, não, obrigada. Não costume almoçar assim tão cedo. Vá almoçar a se-
nhora que eu espero aqui.

IRACEMA - Então com licença. (AFASTANDO-SE) Se quiser ver algumas revistas, escolha aí na mesinha.

G/REGRA - PASSOS DE IRACEMA QUE SE AFASTAM.

GATARINA - (DEPOIS DE PAUSA) Esta está no papo. É só ter paciência, para não precipitar os acontecimentos. Aquela estúpida ia matá-la! Como conseguiríamos, depois, o endereço que tanto desejamos? Si eu não estou ^{aqui} ~~lá~~ estava tudo perdido!

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

28 DELEGADO - O senhor, pelo menos por enquanto, ficará novamente em liberdade. Mas não poderá viajar sem comunicar à polícia para onde vai e o tempo que ficará. Entendidos?

RODRIGO - Perfeitamente. Então já pode anotar que hoje mesmo viajarei para Ouro Preto e que ficarei por lá uns tres ou quatro dias. Depois irei ao Rio ver minha Avó e minha noiva, podendo ficar aqui o meu endereço, para o caso que necessitem chamar-me.

29 DELEGADO - Eu não posso receber avisos verbais. O senhor deverá officiar para nós comunicando.

RODRIGO - Está muito bem, então já antes de sair eu providenciarei o officio, porque tenho a máxima pressa em partir para Ouro Preto. O senhor saberá, por acaso, a que horas eu terei condução para lá?

28 DELEGADO - Durante a tarde haverá um trem e dois ônibus. À noite também um ônibus. O senhor pretende demorar lá?

RODRIGO - O mínimo tempo possível. Estou ansioso para abraçar minha avó e beijar minha noiva.

28 DELEGADO - E por que não vai vê-las em primeiro lugar, então?

RODRIGO - Porque tenho a impressão de que estou prestes a descobrir uma pista muito importante e não deve mais perder tempo. Basta os dias que estive preso, sem nada poder fazer.

28 DELEGADO - Lamento profundamente, mas não podia deixar de cumprir com a minha obrigação.

RODRIGO - Sei disto e não guardo ódios. Onde poderei escrever o pedido para viajar?

28 DELEGADO - Ali naquela sala. O senhor pode escrever, ou bater a máquina. Logo depois o registrará no protocolo e o levará, em mão, para a mesa do Delegado

RODRIGO - Perfeitamente. Feito isto vou comer qualquer coisa para, em seguida, rumar para Ouro Preto.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CATARINA - Vim esperá-la porque podia estar receosa de ir sósinha para a casa...

IRACEMA - Não, obrigada. Eu vou com uma colega que me convidou para dormir na casa dela, de maneiras que lhe agradeço muito a boa intenção mas não irei ocupá-la.

CATARINA - E quando conversaremos, então?

IRACEMA - Se a senhora tem muita pressa, poderá ir à casa da minha colega. Eu lhe dou o endereço; mas se prefere conversar a sós comigo, penso que amanhã ao cair a tardinha já estarei definitivamente em casa.

CATARINA - Perfeitamente. Irei amanhã à noite em sua casa, então. Fica melhor para mim. Mas antes que nos separemos, gostaria de fazer-lhe algumas recomendações especiais. Não abra a porta a não ser para pessoa conhecida e bem intencionada.

IRACEMA - Terei esse cuidado, fique descansada.

CATARINA - Não ande sósinha na rua à noite. Principalmente depois das nove horas.

IRACEMA - Não andarei. Mesmo porque não tenho o hábito de sair sósinha à noite.

CATARINA - E se for convidada para qualquer passeio por pessoa que não seja sua conhecida, recuse o convite na mesma hora.

IRACEMA - Isso não acontecerá, esteja descansada. Não vou a cinema e, menos ainda, com pessoa que não conheça. Não costumo sentar nos jardins, principalmente acompanhada. E não gosto, também, de andar zanzando pela rua, sem destino, de um lado para outro, como meca tonta.

CATARINA - Muito bem. Vá, então e espere-me amanhã à noite. Combinadas?

IRACEMA - Combinadas.

TECNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

CRISPIM - Aqui estou para lhe trazer o meu abraço de velho amigo, por ter sido concedido habeas-corpus ao seu neto.

ARABELA - Muito obrigada, Padre Crispim. Muito obrigada. Também o que eu rezei e peei... não foi normal. Acho que os Santos já nem podiam mais ouvir a minha voz.

CRISPIM - A prova que podiam é que lhe concederam a graça suplicada. E não podia ser de outra forma. Deus é muito bom e sempre nos dá aquilo que merecemos, não é verdade?

ARABELA - (SUSPIRA FUNDO, SIGNIFICATIVA) É verdade, sim Padre. Tudo que Deus nos manda é porque nós merecemos. Prêmios e castigos. Graças e provações.

CRISPIM - As provações nem sempre são porque se tenha merecido, dona Arabela. As vezes são para nos experimentar. Para que Deus possa ver até que ponto a nossa fé resiste. A senhora, por exemplo, mereceu a provação

CRÍSPIM - (CONTINUAÇÃO) que acaba de receber? Não creio. Uma alma piedosa e que está sempre socorrendo os pobres, como a senhora, não poderá, jamais ser esquecida de Deus nem castigada por êle. Ao contrário, é uma alma eleita que Ele está provando, para ver até que ponto pode contar com ela.

ARABELA - Não, Padre Crispim, o senhor está enganado comigo. Todos os castigos que tenho recebido de Deus eu os mereci e no dia que chegar ao seu confessionário e lhe contar a minha vida... o senhor vai ficar perplexo de tudo que eu tive coragem de fazer.

CRÍSPIM - Será possível, dona Arabela? Custa-me acreditar! Eu a conheço ha tantos anos... Nunca ouvi a menor acusação ao seu procedimento... A senhora não estará sendo severa demais no seu próprio julgamento?

ARABELA - Não, Padre Crispim, estou procurando ser justa. Repito-lhe o que disse, sem alterar uma vírgula. Todos os castigos que tenho recebido de Deus, eu os mereci.

CRÍSPIM - Por que não aproveita, então e não se prepara para a hora do ajuste final? Por que não vai ao confessionário, enquanto está bem e tem a consciência lúcida, para receber a absolvição? A morte, às vezes, não manda aviso da sua chegada. Surpreende-nos em meio da jornada. E se lhe acontecer isto? E se a senhora for chamada, assim, de repente, para a grande viagem? Já pensou que terá que carregar a própria bagagem, ainda que lhe faltem forças? E lembre-se ~~mais~~ de uma coisa que lhe vou dizer: quanto mais pesada é a bagagem, maior se torna o caminho a percorrer. Suas faltas não hão de ser tantas que lhe custe tanto confessá-las. (PAUSA) E então? Não se decide?

TECÂNICA - EXPLOSAO MUSICAL PARA ENCERRAR O CAPITULO.
